



Ernest
Hemingway Paris
é uma
festa



EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA



Ernest
Hemingway Paris
é uma
festa



EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Casa Indefesa

PARIS é uma festa

por ERNEST HEMINGWAY

POR

HEINRICH BÖLL

Heinrich Böll é um dos maiores escritores alemães da actualidade e uma das figuras mais destacadas do célebre *Grupo 47*. Neste belo romance, cuja edição francesa mereceu o «Prémio do Melhor Livro Estrangeiro» e que se encontra traduzido em várias línguas, Heinrich Böll apresenta-nos um romance pungente, cujo pano de fundo é o último conflito mundial, através das figuras de duas crianças cuja vida é comandada pelo desejo de conhecer os pais, mortos na guerra.

Não é somente o destino dos órfãos e das viúvas de guerra que é evocado neste romance extraordinário. Por detrás dos pormenores da vida quotidiana divisa-se a fisionomia de uma Alemanha ferida nas suas fibras mais íntimas. *Casa Indefesa* vem assim incluir-se entre as mais altas manifestações literárias da Literatura Alemã moderna e dá-nos a medida — a elevada estatura — de um dos seus obreiros mais notáveis.

É com legítimo orgulho que a editorial Livros do Brasil inclui na Colecção «Dois Mundos» o primeiro livro póstumo de Ernest Hemingway. Escritor de estatura literária invulgar, o seu nome inscreve-se entre os maiores do nosso tempo, firmado em obras de tão larga envergadura como *Por Quem os Sinos Dobram*, *As Verdes Colinas de Africa*, *Na Outra Margem, entre as Árvores*, *O Velho e o Mar*, *Ter e não Ter*, *A Capital do Mundo*, *Um Gato à Chuva*, *As Torrentes da Primavera* ou *As Neves do Kilimanjaro*, que esta casa editora divulgou no mundo de Língua Portuguesa.

Paris é uma Festa encontra-se na linha da melhor tradição de Hemingway. A visão a um tempo lúcida e desencantada da vida, ombreando paradoxalmente com a confiança e a plenitude dos anos de criação, o retrato desapiedadamente objectivo de muitos dos grandes escritores da nossa época que, como ele, respiravam no ar de Paris o melhor estímulo de aprendizagem e formação, a evocação dessa cidade incomparável, com os seus *bistros*, os seus velhos castanheiros, os cais, os bulevares, as pontes, imprimem a *Paris é uma Festa* um lirismo saudoso e pungentemente dramático.

Aí encontramos o jovem Hem, no começo de uma carreira que se ignorava se terminaria na ignominia ou na glória. Aí o encontramos, de algibeiras vazias e a cabeça povoada de sonhos, atento aos mais simples prazeres da vida. Aí o encontramos, ainda moço e rebelde, pronto a invadir o mundo e a sacudi-lo com os abalos da sua rebeldia genial.

PARIS
É UMA FESTA

CAPA DE INFANTE DO CARMO

Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

Lisboa — Novembro de 2000

www.SimonandSchuster.com

© **by Ernest Hemingway Ltd.**

ISBN-10: 972-3-80785-8

eISBN-13: 978-1-4516-5540-7

Scribner's/Simon & Schuster's eBook edition
is published by arrangement with Livros do Brasil

COLECÇÃO DOIS MUNDOS

Ernest Hemingway

PARIS
É UMA FESTA

IMPRESSÕES DA VIDA DO AUTOR
EM PARIS, POR ALTURAS DA
SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XX

TRADUÇÃO DE VIRGÍNIA MOTTA



EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA
Rua dos Caetanos, 22

Titulo da edição original:

A MOVEABLE FEAST

Índice

Um bom café na Place de Saint Michel
Miss Stein procede à minha instrução
Une génération perdue
Shakespeare & Companhia
Gente do Sena
Uma falsa Primavera
Como acabou um passatempo
A fome—excelente meio de disciplina
Ford Madox Ford e o discípulo do Diabo
O nascimento de uma nova escola
Com Pascin no «Dôme»
Ezra Pound e o seu «Bel Esprit»
Um fim bastante singular
O homem marcado para a morte
Evan Shipman no «Lilas»
Um agente do mal
Scott Fitzgerald
Os falcões não repartem nada
Questão de medidas
Paris continua sempre

Se, na juventude, você teve a sorte de viver na cidade de Paris, ela o acompanhará sempre até ao fim da sua vida, vá você para onde for, porque Paris é uma festa móvel.

Ernest Hemingway

(Para um amigo, em 1950).

NOTA

Ernest começou a escrever este livro em Cuba, no Outono de 1957; trabalhou nele em Ketchum (Idaho) no Inverno de 1958-1959; levou-o consigo para Espanha, quando para lá foi em Abril de 1959; trouxe-o de novo para Cuba e, mais tarde, no fim do Outono desse mesmo ano, mais uma vez para Ketchum. Terminou-o em Cuba, na Primavera de 1960, depois de o ter posto de lado para escrever um outro livro, O Verão Perigoso, cujo tema consiste na vioienta rivalidade entre António Ordoñez e Luís Miguel Dominguin nas arenas de Espanha, no ano de 1959. Em 1960, em Ketchum, durante o Outono, efectuou várias revisões deste livro. A obra situa-se em Paris e abrange os anos de 1921 a 1926.

M. H.

Por motivos que o escritor considera suficientes, não se incluíram neste livro certos locais, pessoas, observações e impressões. Alguns constituíam matéria de segredo; outros eram do domínio público e já toda a gente escreveu e indubitavelmente virá a escrever sobre eles. Não se menciona o Estádio Anastasie, onde os boxeers acumulavam a sua actividade desportiva com a de criados das mesas instaladas à sombra das árvores, enquanto o ringue era no jardim. Nem os treinos com Larry Gains nem os grandes combates de vinte *rounds* no Circo de Inverno. Nem amigos devotados, como Charlie Sweeney, Bill Bird e Mike Strater, nem André Masson nem Miro. Não se menciona a nossa viagem à Floresta Negra nem as excursões de um dia destinadas à exploração das florestas que circundam Paris e que nós amávamos. Seria esplêndido incluir tudo isso neste livro, mas, por agora, será forçoso desistir dessa ideia.

Se o leitor preferir, poderá considerar este livro como uma obra de ficção. Mas existe sempre a possibilidade de semelhante livro lançar alguma luz no que se escreveu como realidade.

San Francisco de Paula
Cuba, 1960.

Ernest Hemingway

Um bom café na Place de Saint Michel (1)

...VINHA então o mau tempo, que chegava, um dia, no fim do Outono. O remédio era fechar as janelas à noite, por causa da chuva, enquanto o vento arrancava as folhas às árvores da *Place Contrescarpe*. As folhas jaziam ensopadas no solo e o vento atirava com a chuva de encontro aos grandes autocarros verdes na estação terminal. O *Café des Amateurs* enchia-se de gente e as janelas embaciavam-se todas, com o calor e o fumo que lá dentro reinavam. Era um café triste e mal orientado, onde os bêbedos do sítio se apinhavam, e que eu evitava, devido ao cheiro a corpos sujos e ao azedo da embriaguez. Os homens e as mulheres que frequentavam o *Amateurs* andavam permanentemente embriagados ou, pelo menos, sempre que tinham dinheiro para isso, e a maior parte das vezes faziam-no com vinho que compravam aos litros e aos meios litros. Anunciavam-se lá aperitivos de nomes muito esquisitos, mas poucos eram os clientes que se podiam dar ao luxo de os tomar, a não ser que deles necessitassem para assentar o estômago, à laia de preparação para os copos de vinho que se seguiriam. As mulheres que se embriagavam eram conhecidas pelo nome de *poivrottes*, o que quer dizer *borrachonas*.

O *Café des Amateurs* era a cloaca da *Rue Mouffetard*, essa maravilhosa rua estreita, sempre coalhada de gente, por via do seu mercado, que desembocava na *Place Contrescarpe*. As retretes de agachar das velhas casas de apartamentos — havia uma em cada andar, ao princípio das escadas — com os seus relevos de cimento estriado em forma de sapato de cada lado da abertura, para evitar que algum *locataire* escorregasse — davam para fossas que à noite eram esvaziadas por meio de uma bomba, para o interior de carros-tanques puxados por cavalos. No Verão, o barulho da bomba

entrava pelas janelas abertas, acompanhado de fortes emanações. Os carros-tanques eram pintados de amarelo e de cor de açafrão, e quando, à luz da Lua, eles trabalhavam na *Rue Cardinal Lemoire*, os cilindros puxados pelos cavalos faziam pensar nos quadros de Braque.

Mas a cloaca do *Café des Amateurs* é que ninguém esvaziava, e o seu cartaz amarelecido, onde se liam os termos e as penalidades impostas pela lei contra a embriaguez pública, era tão desprezado e estava tão sujo das moscas como os clientes eram assíduos e mal cheirosos.

A tristeza imensa da cidade surgiu de repente, com as primeiras chuvas geladas de Inverno. Os cimos das casas altas e brancas deixaram de se ver; tudo o que se enxergava era o negrume molhado da rua, as portas fechadas das lojecas, os vendedores de legumes, a papelaria, os quiosques dos jornais, a tabuleta da porteira — 2.^a classe — e o hotel onde Verlaine morreu e onde eu, no último andar, mantinha um quarto que me servia de gabinete de trabalho. Para chegar lá acima, via-me forçado a trepar uns seis ou oito andares. Fazia um frio danado e eu sabia quanto teria de pagar por um feixe de pauzitos, por três molhos de madeira de pinheiro, atados com arames, do tamanho de meio lápis cada um, para pegar o lume aos pauzitos, e, finalmente, pelo feixe de madeira dura e meio seca que teria de comprar se porventura quisesse alimentar uma fogueira capaz de me aquecer o quarto. Por isso, continuei até ao outro extremo da rua, para observar o telhado à chuva, e ver se as chaminés estavam a trabalhar e de que modo saía o fumo. Não vi fumo nenhum e pus-me então a pensar que a chaminé devia estar fria, que podia estar com má tiragem e que o quarto ficaria possivelmente cheio de fumo. Teria então gasto o meu combustível e com ele o meu dinheiro. Por isso, fui continuando à chuva o meu caminho. Passei o *Lycée Henri IV*, a antiga igreja de *Saint Etienne du Mont* e a *Place du Panthéon*, nessa altura varrida pelo vento; cortei à direita, à procura de abrigo, desembocando finalmente no lado mais abrigado do *Boulevard Saint Michel*. Continuei a descer, passei pelo Cluny e pelo *Boulevard Saint Germain*, até que me

encontrei diante de um bom café que eu conhecia na *Place Saint Michel*.

Era um café agradável, quente, asseado e de ambiente acolhedor. Pendurei o meu velho impermeável no cabide, a fim de secar; o meu chapéu de feltro, já gasto e desbotado, no cabide que ficava por cima do banco e mandei vir um *café au lait*. Quando o criado mo trouxe, saquei do bolso um caderno de apontamentos e um lápis e comecei a escrever. Andava a escrever uma coisa que se passava a montante do Michigan e, uma vez que estava um dia péssimo, frio e ventoso, seria um dia assim que eu iria descrever. Eu já tivera ocasião de observar o fim do Outono na minha infância, na adolescência e na primeira mocidade, e há sítios em que essa época do ano se pode descrever melhor do que noutros. Estava a fazer aquilo a que eu chamava transplantação e isso tanto podia tornar-se necessário para as pessoas como para toda a espécie de coisas que crescem. Mas, no meu conto, os rapazes estavam a beber, o que me provocou sede e me levou a pedir um rum *St. James* que me soube maravilhosamente naquele dia de frio intenso. Continuei a escrever, sentindo-me muito bem disposto com aquele esplêndido rum da Martinica a aquecer-me tanto o corpo como o espírito.

Uma rapariga entrou no café e foi sentar-se a uma mesa perto da janela. Era muito bonita. Possuía um rosto fresco como uma moeda acabada de cunhar —se acaso fosse possível cunhar moeda em carne macia e húmida da chuva. O cabelo, muito curto e negro como a asa de um corvo, emoldurava-lhe a face em diagonal.

Ao olhá-la, senti-me perturbado e num estado de grande excitação. Apeteceu-me metê-la no meu conto, ou em qualquer parte, mas a rapariga colocara-se de maneira a poder observar a rua e a entrada do café. Percebi que estava à espera de alguém. Por isso, continuei a escrever.

O conto ia-se escrevendo por si próprio e eu via-me aflito para o acompanhar. Mandei vir outro rum e ia observando a rapariga sempre que levantava os olhos ou que aparava o lápis com um

apara-lápis, enquanto as aparas de madeira se iam encaracolando no pires que tinha debaixo do cálice.

«Eu vi-te, ó formosura, e tu agora pertences-me embora estejas à espera de alguém e eu não torne possivelmente a ver-te em toda a minha vida» pensei. «Pertences-me e toda a cidade de Paris me pertence como eu pertença a este caderno e a este lápis.»

Depois, enfronhei-me mais uma vez no que estava a escrever. Avancei pela história dentro, acabando por me perder nela. Agora era eu que escrevia e não o conto que se escrevia a si próprio, de forma que não tornei a levantar a cabeça. Esqueci-me do tempo, do lugar em que me encontrava e nem sequer mandei vir mais rum *St. James*. Fartara-me dele embora nem sequer nele pensasse. Por fim, acabei o conto. Sentia-me cansadíssimo. Li o último parágrafo e, quando levantei os olhos à procura da rapariga, já ela havia saído. «Oxalá tenha ido com um homem decente» pensei. Mas senti-me triste.

Fechei o caderno: meti-o na algibeira de dentro e pedi ao criado uma dúzia de *portugaises* e meia garrafa de vinho branco, seco, da casa. Depois de escrever uma história, sentia-me sempre vazio e simultaneamente triste e feliz como se tivesse acabado de me entregar ao amor físico e ficava, nessa altura, com a certeza de que escrevera uma história muito boa, embora não soubesse ao certo qual o seu verdadeiro valor senão quando, no dia seguinte, a lia de ponta a ponta.

Comi as ostras, que possuíam um forte sabor a água do mar e um leve travo metálico que o vinho branco e fresco ia neutralizando para lhes deixar somente o gosto próprio da sua massa suculenta, e, à medida que ia bebendo o líquido frio de cada concha e o fazia descer com o vinho fresco e bem apaladado, ia deixando de sentir a tal impressão de vazio. Comecei a sentir-me feliz e a fazer pianos.

Nessa altura, que o mau tempo chegara, poderíamos deixar Paris por uns tempos e irmos para qualquer sítio onde, em vez de chuva, houvesse neve a descer por entre pinheiros e a cobrir as estradas e as encostas das altas montanhas, a uma altitude a que a sentíssemos ranger quando à noite regressássemos a casa. Abaixo

de *Les Avants* havia um *chalet*, onde a pensão era esplêndida e onde poderíamos estar juntos, ter os nossos livros e sentirmo-nos quentes à noite, bem juntos, na cama, com as janelas abertas e as estrelas luzindo no céu. Eis para onde iríamos. As viagens de comboio em terceira classe não eram caras. Com a pensão, pouco mais gastaríamos do que em Paris.

Deixaria o quarto de hotel onde escrevia e ficaria apenas com a renda do n.º 74 da *Rue Cardinal Lemoire*, que era nominal. Escrevera umas coisas para um jornal de Toronto e já havia recebido os cheques respeitantes ao meu trabalho. E artigos de jornal era coisa que eu poderia escrever em qualquer parte e em quaisquer circunstâncias e, assim, dispúnhamos de dinheiro para a viagem.

Talvez longe de Paris eu pudesse escrever coisas a respeito de Paris, como em Paris conseguia escrever acerca do Michigan. Nessa altura, ignorava que era cedo de mais para isso, pois ainda não conhecia Paris suficientemente bem. Mas eventualmente era assim que as coisas se passavam. De qualquer maneira, iríamos se minha mulher tivesse vontade de ir. Acabei as ostras e o vinho; paguei a conta e regresssei pelo caminho mais curto, pela *Montagne Sainte G n vi ve*, debaixo de chuva, a qual nesse tempo era simples estado de tempo local e não algo susceptível de transformar a nossa vida,   nossa casa do cimo da colina.

— Acho que vai ser maravilhoso, Tatie — disse minha mulher. Ela possuía um rosto suavemente modelado e tanto os olhos como a boca se lhe riam ante qualquer decisão como se se tratasse de ricos presentes que eu lhe oferecesse. — Quando   que partimos?

— Quando quiseres.

— Ai, quero ir já! Não sabes isso?

— Talvez, quando regressarmos, o tempo já esteja bonito e límpido. Desde que esteja h mpido, embora faça frio, o tempo pode ser  timo.

— Com certeza—respondeu ela.—Que boa lembrança, essa que tiveste. de irmos viajar!

Miss Stein procede à minha instrução

QUANDO regressámos, o tempo ia lindo e luminoso. embora frio. A cidade já se adaptara ao Inverno. Havia boa madeira à venda na floresta: o carvão vendia-se mesmo em frente da nossa casa e havia braseiras à porta de muitos dos bons cafés, de maneira que até nas esplanadas se estava quente. Também o nosso apartamento se mantinha quente e alegre. Queimávamos *boulets*, que eram blocos de pó de carvão moldados em forma de ovo, na fogueira de lenha, e, nas ruas, a luz do Inverno enchia-se de beleza. Nessa altura, já estávamos habituados a ver as árvores nuas perfilarem-se contra o céu. Passeávamos então, com um vento cortante e fino, pelas ruelas de saibro dos jardins do Luxemburgo, que a chuva acabava de lavar. As árvores, desde que nos havíamos habituado a vê-las despidas de folhas, assemelhavam-se a esculturas; o vento do Inverno soprava sobre a superfície dos lagos, fazendo saltar a água das fontes à claridade luminosa do dia. Depois da estada nas montanhas, todas as distâncias nos pareciam curtas.

Devido à mudança de altitude, nem reparava na altura das colinas, a não ser com satisfação, e o subir até ao último andar do hotel onde trabalhava, num quarto que deitava para todos os telhados e chaminés do quarteirão, constituía um prazer. A lareira funcionava com boa tiragem no meu quarto, onde, depois de este bem aquecido, dava gosto trabalhar. Levava para o quarto, em cartuchos de papel, tangerinas e castanhas assadas; descascava e comia as laranjas pequenas que se assemelhavam a tangerinas e cujas cascas e sementes atirava ao lume; comia igualmente as castanhas assadas quando tinha fome. E a verdade é que o passear ao frio e o trabalho me faziam sempre fome. Tinha no quarto uma garrafa de *kirsch* que havíamos trazido das montanhas e do qual bebia sempre que estava a chegar ao fim de um conto ou quando o

meu dia de trabalho se encontrava prestes a terminar. Quando me parecia ter já trabalhado o suficiente, guardava o caderno ou o papel na gaveta da mesa e metia na algibeira as tangerinas que tivessem sobrado. Se assim não fizesse, elas gelariam no quarto durante a noite.

Era maravilhoso descer os compridos lanços da minha escada com a consciência de que o trabalho me corra bem. Tinha por hábito trabalhar sempre até apurar alguma coisa de válido e parava logo que sabia o que a seguir viria a acontecer. Assim, tinha a certeza de poder continuar no dia seguinte. Mas, às vezes, quando começava um novo conto e não conseguia dar-lhe andamento, tinha por hábito sentar-me diante do lume, a espremer a casca das laranjitas na direcção das chamas e a admirar o esguicho azul que elas provocavam. Outras vezes, punha-me de pé e enquanto olhava os telhados de Paris, ia pensando: «Não te apoquentes. Sempre conseguiste escrever e agora há-de acontecer o mesmo. Tudo o que tens a fazer é escrever uma frase verdadeira. Escreve a frase mais verdadeira que souberes.» Então, escrevia uma frase verdadeira e, a partir dela, lá arrancava. Aquilo era fácil afinal, porque havia sempre uma frase verdadeira que eu conhecia ou lera ou ouvira a alguém. Se eu começasse a burilar frases, ou a escrever como alguém que estivesse a apresentar um tema ou a fazer uma introdução a qualquer assunto, já sabia que teria de eliminar todos esses floreios, de rejeitar tudo para recomeçar com a primeira afirmação simples e directa que escrevera. Foi lá no alto, nesse quarto, que decidi escrever um conto acerca de cada caso que eu conhecesse. Era o que eu tentava fazer sempre que escrevia. processo esse que constituía uma excelente e severa disciplina.

Foi também nesse quarto que aprendi a não pensar em coisa alguma que andasse a escrever, desde o momento em que largasse o trabalho, até ao dia seguinte. Dessa forma, o meu subconsciente continuaria a trabalhar nele e, ao mesmo tempo, eu ia escutando o que as outras pessoas diziam, ia observando tudo, e assim esperava ir continuando a minha aprendizagem. Punha-me a ler para não pensar no meu trabalho; se não, seria incapaz de

prosseguir com ele. Descer as escadas após um trabalho bem feito — e isso requeria tanta sorte como disciplina — *provocava-me* uma *sensação maravilhosa* e deixava-me livre para passear por Paris à minha vontade.

Se eu, descendo à tarde, tomasse por diversas ruas, a caminho dos jardins do Luxemburgo, acabava por me entreter a passear neles e depois deitava até ao *Musée du Luxembourg*, onde se encontravam os grandes quadros que mais tarde foram, na sua maioria, transferidos para o Louvre e para o *Jeu de Paume*. Lá quase diariamente por causa dos Cézannes e para ver os Manets, os Monets e os outros impressionistas que eu vira pela primeira vez no Instituto de Arte de Chicago. Andava a aprender, na pintura de Cézanne, qualquer coisa que convertia o escrever em simples afirmações verdadeiras, num processo incapaz de lhes facilitar as dimensões que eu me esforçava por lhes conferir. Andava a aprender muito com ele, mas não possuía ainda nessa altura meios de exposição que me permitissem explicar este facto a ninguém. Além disso, tratava-se de um segredo. Quando já não havia luz no Luxemburgo, tornava a subir até aos jardins, acabando por ir ao apartamento da *Rue Fleurus. 27*, que era onde Gertrude Stein tinha o seu estúdio.

Eu e minha mulher havíamos visitado Miss Stein e tanto ela como a amiga com quem vivia se haviam mostrado extremamente cordiais e afectuosas. Apreciáramos devidamente o grande estúdio povoado de grandes quadros. Aquilo era como estar numa das melhores salas de um dos mais belos museus, com a seguinte diferença porém: é que ali, além de desfrutarmos de uma vasta lareira que irradiava calor, proporcionando conforto, ofereciam-nos boas coisas de comer, chá e licores de destilação natural, feitos de ameixas escuras, de ameixas amarelas e de amoras silvestres. Essas bebidas, perfumadas e incolores, guardadas em garrafas de vidro lapidado, eram-nos servidas em cálices e, quer fossem de *quetsche*⁽¹⁾, de ameixazinhas amarelas ou de framboesas, todas elas sabiam aos frutos de que provinham, e, convertendo-se em

fogo concentrado na nossa língua. aqueciam-nos e tornavam-nos comunicativos.

Miss Stein era vasta mas não alta e possuía a construção pesada das camponesas. Senhora de belos olhos, tinha um rosto forte de judia alemã, o qual poderia igualmente pertencer a uma mulher de Friulano. Com a sua maneira de vestir, o rosto cheio de mobilidade e o belo cabelo forte e espesso, que usava puxado para cima. talvez já desde os tempos do colégio. fazia-me lembrar uma camponesa do Norte da Itália. Falava constantemente e, a princípio, a sua conversa incidia sobre pessoas e locais.

A sua companheira, dona de uma voz muito agradável, era baixa, muito morena e usava o cabelo cortado à maneira de joana d'Arc. segundo as ilustrações de Boutet de Monvel, e tinha um nariz fortemente arqueado. Quando a conhecemos, andava a trabalhar num bordado, e o facto de ir trabalhando não a impedia de fazer as honras da casa e de conversar com minha mulher. Conquanto fosse mantendo a sua conversa pessoal, ia ouvindo também a outra, que a cada passo tratava de interromper. Mais tarde, explicou-me que era ela quem se encarregava de conversar com as esposas. Eu e minha mulher sentíamos que as esposas eram simplesmente toleradas. Mas gostávamos de Miss Stein e da sua amiga, embora esta última fosse assustadora. Os quadros, os bolos e a *eau-de-vie* eram verdadeiramente maravilhosos. Elas pareciam igualmente gostar de nós e tratavam-nos como se fôssemos duas crianças muito bem comportadas, muito boas e prometedoras, e eu sentia que nos perdoavam o facto de gostarmos um do outro e de sermos casados — o tempo se encarregaria de resolver esse assunto—, e quando a minha mulher as convidou a tomar chá, elas aceitaram.

Deu-me a impressão de que ambas. depois de terem vindo a nossa casa, tinham ficado a gostar ainda mais de nós, mas talvez isso fosse devido ao facto de o quarto ser muito pequeno e de, por isso, nos encontrarmos todos muito chegados uns aos outros. Miss Stein sentou-se na cama, que era no chão: pediu-me que lhe mostrasse os contos que escrevera e disse que gostava de todos eles, excepto de um que se intitulava «A Montante do Michigan».

— Ele é bom — afirmou ela. — Não é aí que bate o ponto. Mas é *inaccrochable*. Quer dizer: é como um quadro que um pintor faz e depois não sente coragem de pendurar quando organiza a sua exposição. E ninguém lho compra porque também o não poderá pendurar em parte alguma.

— Mas porquê, se não se trata de um conto indecente? Se apenas tentei empregar palavras que as pessoas empregam na realidade? Essas palavras são as únicas que podem tornar o conto verdadeiro e, nessa altura, têm de se empregar. É forçoso empregá-las.

— Não está a ver aonde eu quero chegar — respondeu ela. — Não deve escrever nada que seja *inaccrochable*. Não conduz a nada. É um erro; é uma tolice.

Ela própria queria que lhe publicassem trabalhos no *Atlantic Monthly* —disse-me— e havia de conseguir o seu intento. Declarou-me que eu não era um escritor suficientemente bom para vir a público nessa revista ou no *Saturday Evening Post*. No entanto, podia vir a ser um escritor de tipo novo, à minha maneira. Mas a primeira coisa que tinha de gravar na mente era que não devia escrever contos *inaccrochables*. Não discuti o assunto nem procurei explicar de novo o que andava a tentar fazer em matéria de diálogo. Isso era apenas da minha conta e, além disso, achava muito mais interessante escutar o que me diziam. Nessa tarde, ensinou-nos igualmente como é que se podiam adquirir quadros.

— Vocês ou hão-de comprar roupas ou quadros—disse. — É muito simples. Ninguém — a não ser gente muito rica — pode comprar uma coisa e outra. Não se preocupem com o fato nem queiram saber da moda para nada; comprem a roupa atendendo ao conforto e à duração e guardem o dinheiro das roupas para comprarem quadros.

— Mas, ainda que eu nunca mais na minha vida comprasse artigos de vestuário — disse — nem assim viria a ter possibilidades de arranjar dinheiro suficiente para comprar os Picassos que desejo.

— Claro. Esse encontra-se fora das suas possibilidades. Tem de comprar gente da sua idade — do seu próprio grupo do serviço

militar. Há-de conhecê-los. Há-de encontrá-los aqui pelos seus sítios. Há sempre pintores novos, bons e sérios. Mas não é o homem quem compra muitos artigos de vestuário. É sempre a mulher. O vestuário feminino é que é dispendioso.

Vi minha mulher esforçar-se por não olhar para o vestuário barato e extravagante que Miss Stein trazia e consegui-lo. Quando elas se retiraram, nós continuávamos a ser populares — pensei — pois nos convidaram a voltar ao 27 da *Rue Fleurus*.

Só daí a algum tempo é que passei a ter entrada no estúdio, durante o Inverno, depois das cinco, e sempre que quisesse. Encontrei Miss Stein uma vez no Luxemburgo. Já me não lembra se ela andava a passear o cão nem se possuía algum nessa altura. Sei que eu andava a passear-me a mim próprio, visto que nesse tempo não tínhamos posses para sustentar um gato. quanto mais um cão. Os únicos gatos que conhecia andavam pelos cafés ou pelos pequenos restaurantes e os grandes gatos que eu admirava acomodavam-se nas janelas dos porteiros. Mais tarde, encontrei muitas vezes Miss Stein com o seu cão, nos jardins do Luxemburgo, mas creio que, por essa altura, ela ainda o não tinha.

Mas, com cão ou sem cão, aceitei o seu convite e habituei-me a aparecer-lhe no estúdio, onde ela me servia sempre *eau-de-vie* natural, insistindo em encher-me de novo o copo. Eu contemplava os quadros e conversávamos. Os quadros eram impressionantes e a conversação muito boa. Era ela quem falava a maior parte do tempo; dizia-me coisas sobre a pintura moderna e sobre os pintores, referindo-se a estes mais como pessoas do que como artistas. Falava também do seu trabalho. Mostrou-me os muitos volumes manuscritos que escrevera e que a sua companheira ia passando à máquina todos os dias. Escrever quotidianamente tornava-a feliz mas, quando a fui conhecendo melhor, descobri que, para ela se manter feliz, era necessário que aquela constante produção diária, que variava segundo as suas energias, fosse publicada e ela públicamente consagrada.

Quando travei conhecimento com Gertrude Stein, aquilo não se havia ainda convertido numa situação aguda, uma vez que ela tinha

já publicado três contos que qualquer pessoa seria capaz de compreender. Um desses contos — *Melanctha* — era muito bom. Algumas amostras da sua prosa experimental haviam sido publicadas em forma de livro e elogiadas por críticos que ela encontrava em qualquer parte ou que a conheciam. Possuía uma tal personalidade que, quando queria pôr alguém do seu lado, era impossível resistir-lhe, e os críticos que lhe eram apresentados e viam os seus quadros aceitavam de boa fé os seus escritos, que não compreendiam, por causa do entusiasmo que ela, como pessoa, lhes despertava e por causa da confiança que depositavam no seu critério. Ela descobrira, além disso, muitas verdades sobre ritmos e repetição de palavras, que eram válidas e valiosas e sobre tal disqueteava com eloquência.

Mas detestava a maçada das revisões e a obrigação de tornar a sua escrita inteligível, embora necessitasse de arranjar editor e aceitação oficial sobretudo para esse livro incrivelmente longo que ela intitulara *O Desenvolvimento dos Americanos*.

Esse livro começara magnificamente, continuou muito bem durante muito tempo, com grandes tiradas de brilho quase excepcional; depois, ela começou a perder-se continuamente em repetições, que um escritor, mais consciencioso e menos dado à preguiça, teria lançado ao cesto dos papéis. Vim a saber isso perfeitamente quando consegui persuadir —forçar seria talvez o termo mais adequado— Ford Madox Ford a publicá-lo na *Transatlantic Revue*, sabendo que ele viria a ultrapassar a duração da revista. Para efeitos de publicação na já mencionada revista, tive de ver todas as provas de Miss Stein, visto que semelhante trabalho a aborrecia.

Nessa tarde de frio, quando, depois de ter passado pelo cubículo do porteiro e pelo pátio gelado, me dirigi ao estúdio aconchegado, tudo isso ainda vinha longe. Nesse dia, Miss Stein resolveu empreender a minha educação em questões de sexo. Por essa época, nós gostávamos muito um do outro e eu já chegara à conclusão de que tudo aquilo que eu não compreendia se encontrava possivelmente ligado a isso. Miss Stein achava que eu

era demasiado ignorante em assuntos sexuais: é-me realmente forçoso admitir que alimentava certos preconceitos contra a homossexualidade, visto que a conhecia nos seus aspectos mais primitivos. Sabia que era por isso que andava com uma faca e que tivera de a usar quando, rapazote ainda, acompanhava com vagabundos, no tempo em que a palavra *lobo* não era um termo de calão destinado a estigmatizar homens obcecados pela mania de perseguir as mulheres. Conhecia muitos termos *inaccrochables* e frases dos meus tempos de Kansas City e dos costumes de vários pontos dessa cidade, de Chicago e dos barcos do lago. Em resposta às suas perguntas, tentei explicar a Miss Stein que, quando se é rapaz e se, anda com homens, é forçoso estar-se preparado para matar um homem, saber-se como é que isso se faz e saber que se tem coragem para tanto, a fim de que se não metam com uma pessoa. Esse termo era *accrochable*. Quando se sabia que uma pessoa era capaz de matar, os outros davam logo por isso e deixavam um indivíduo em paz, mas havia certas situações a que um indivíduo não podia consentir que o arrastassem, fosse ou não por meio de cilada. Eu ter-me-ia decerto exprimido com mais realidade se me fosse dado servir-me de certa frase *inaccrochable* que os *lobos* usam nos barcos do lago: «Caramba, a coisa pode ser fixe, mas quem mas fizer, come!» Mas, quando falava com Miss Stein, punha o maior cuidado nos termos que empregava, ainda quando as frases verdadeiras fossem mais susceptíveis de aclarar ou exprimir mais satisfatòriamente um preconceito.

— Pois sim, Hemingway — dizia ela —, mas você vivia num meio de criminosos e de pervertidos.

Não quis discutir aquilo, embora pensasse que vivera num mundo que era como era, que se compunha de criaturas de todos os géneros e que eu tentara compreendê-las, embora não tivesse conseguido gostar de algumas e até ainda odiasse outras.

— Nesse caso, qual é a sua opinião a respeito daquele velhote, de maneiras muito finas e herdeiro de um grande nome, que em Itália foi ao hospital levar-me uma garrafa de Marsala ou de Campari e se comportou da melhor maneira até ao dia em que me

vi forçado a dizer à enfermeira que mo não deixasse entrar no quarto nunca mais? — perguntei.

— São doentes; não têm culpa disso. Devemos ter pena deles.

— Devo então ter pena de Fulano assim, assim? — perguntei. Nessa altura, dei o nome ao santo, mas ele gosta tanto de ser ele próprio a dizê-lo que, neste momento, acho desnecessário fazê-lo por ele.

— Não. Esse é um vicioso. Um corruptor, um autêntico vicioso.

— No entanto consideram-no um bom escritor.

— Mas não é — sentenciou ela. — Não passa de um exibicionista que corrompe pelo gosto de corromper e, além disso, leva as pessoas a contraírem outros vícios; o dos estupefacientes, por exemplo.

— E o homem de Milão, de quem eu devo ter pena, não andava também com ideias de me corromper?

— Não seja tolo. Como é que ele o poderia corromper? Será possível corromper um rapaz como você, que toma bebidas alcoólicas, com uma garrafa de Marsala? Não, trata-se de um velho digno de lástima, que não podia deixar de fazer o que fazia. Estava doente. Não tinha culpa disso e você devia ter pena dele.

— Nessa altura tive — disse. — Mas fiquei desapontado porque ele tinha uns modos tão finos!

Tomei outro gole de *eau-de-vie*; lamentei o velhote e olhei para um nu de Picasso, que representava uma rapariga com um cesto de flores. Não reatei a conversa, pois me pareceu que ela estava a tornar-se um bocadinho perigosa. Com Miss Stein raramente se verificavam pausas na conversação, mas nós havíamos feito nessa altura uma pausa. Havia qualquer coisa que ela me queria dizer. Quanto a mim, tornei a encher o copo.

— Na realidade, Hemingway, você não sabe nada a esse respeito — disse ela. — Deu-se com muitos criminosos, com doentes, com gente viciosa. O ponto está em que o acto que os homossexuais do sexo masculino praticam é feio e repugnante, o que os leva a ficarem desgostosos com as suas próprias pessoas. Bebem, recorrem aos estupefacientes para disfarçarem o caso, mas sentem-

se enojados com o acto, pelo que andam sempre a mudar de parceiros sem conseguirem ser, de facto, verdadeiramente felizes.

— Estou a ver.

— Com as mulheres, é o contrário. Não fazem nada que as possa enojar ou que seja repugnante. Por isso, sentem-se satisfeitas depois e podem viver juntas uma existência feliz.

— Estou a ver — tornei eu — mas, e Fulana de Tal?

— Essa é uma viciosa — replicou Miss Stein. — É uma autêntica viciosa; por isso, só consegue sentir-se feliz variando sempre. Corrompe as pessoas.

— Compreendo.

— Tem a certeza de que compreende?

Nessa época havia tantas coisas a compreender que eu fiquei satisfeito quando mudámos de assunto.

O parque estava fechado, de modo que me vi forçado a descer ao longo dele até à *Rue Vaugirard* e a contornar a extremidade inferior do parque. Quando o parque estava fechado, era uma tristeza. Por isso fiquei desapontado por ter de o contornar em vez de o atravessar, cheio de pressa, como ia, de chegar à *Rue Cardinal Lemoine*. O dia começara de forma tão radiosa! No dia seguinte, teria de trabalhar com afinco. Nessa altura, eu estava convencido — e ainda hoje penso da mesma forma — de que o trabalho pode curar-nos de quase tudo. Afinal, aquilo de que eu devia curar-me — segundo depreendi da conversa de Miss Stein — era da minha mocidade e do amor que consagrava a minha mulher. Não me sentia absolutamente nada triste quando, chegado à minha casa da *Rue Cardinal Lemoine*, comuniquei a minha mulher os conhecimentos que acabara de adquirir. À noite, fomos felizes com a sabedoria que já possuíamos e ainda com a outra que havíamos adquirido na montanha.

Une génération perdue

FOI-ME fácil, mercê do calor, dos bons quadros e da conversação, contrair o hábito de, ao fim da tarde, passar pelo n.º 27 da *Rue de Fleurus*. Muitas vezes, Miss Stein não esperava ninguém e mostrava-se sempre muito cordial. Durante algum tempo, mostrou-se mesmo afectuosa. Quando eu regressava das viagens que fazia, no intuito de assistir a várias conferências políticas — viagens ao Próximo Oriente ou à Alemanha, em serviço do jornal do Canadá ou de outros para os quais enviava colaboração— ela queria que eu lhe contasse todos os pormenores divertidos. Havia sempre coisas engraçadas que ela apreciava e também aquilo a que os Alemães chamam histórias de humor da força. Ela empenhava-se em conhecer o aspecto alegre do mundo de então; a sua face má, a verdadeira, essa, jamais a interessava.

Eu era jovem e bem-humorado e até nas situações mais desesperadas se verificavam sempre acontecimentos singulares e cómicos, e Miss Stein gostava de tudo isso. Das outras coisas. não lhe falava: escrevia sobre elas.

Quando, após o meu trabalho e de regresso de qualquer viagem, me acontecia ir até à *Rue de Fleurus*, tentava por vezes levar Miss Stein a falar de livros. Quando andava a escrever qualquer coisa, sentia necessidade de ler nos intervalos de repouso. Se, poisando a pena, continuasse a pensar no trabalho, daria cabo dele antes de o poder retomar no dia seguinte. Tinha de fazer exercício, de fatigar o corpo. Uma coisa excelente para o efeito era possuir a pessoa a quem amava. Isso era melhor que tudo o mais. Mas, depois, quando me sentia vazio, era-me necessário ler para não pensar no trabalho nem me preocupar com ele, até me encontrar em condições de prosseguir.

Por essa altura, já eu havia aprendido a jamais esvaziar o poço das minhas possibilidades de criação momentânea; a parar quando

ainda qualquer coisa subsistia na parte mais funda do poço. Deixava que, durante a noite, ele voltasse a encher-se, graças à força das nascentes que o alimentavam.

Para afastar do cérebro a tentação de escrever depois de ter largado o trabalho, costumava ler os escritores de então, tais como Aldous Huxley, D. H. Lawrence e quaisquer outros, com livros publicados, que eu pudesse trazer do gabinete de leitura de Sylvia Beach ou encontrar em exposição ao longo do cais.

— Huxley é um morto — disse um dia Miss Stein. — Para que deseja ler um homem que está morto? Não vê que ele não passa de um morto?

Nessa altura, eu não conseguia compreender que ele fosse um homem morto e respondi que os livros dele me divertiam e impediam de pensar.

— Você só devia ler o que é verdadeiramente bom ou então o que é francamente mau.

—No Inverno li sempre livros verdadeiramente bons. Assim fiz o Inverno passado e o mesmo hei-de fazer para o que vem. Não gosto de livros absolutamente maus.

— Porque lê essa bodega? Isso é uma bodega repassada de ideias pedantes, Hemingway. É obra de um morto.

— Gosto de estar ao corrente do que eles escrevem — respondi. — E, além disso, lendo-os, resisto à tentação de fazer o mesmo.

— E que mais anda a ler?

— D. H. Lawrence — respondi. — Escreveu uns contos muito bons, entre eles um que se chama «O Oficial Prussiano».

— Já tentei ler os romances dele. Acho-o impossível. É patético e absurdo. Escreve como se fosse um doente.

— Eu gostei dos «Filhos e Amantes» e do «Pavão Branco» — afirmi. — Talvez este último já não seja tão bom. Não consegui ler «Mulheres Apaixonadas».

— Se não quer ler obras más e deseja ler alguma coisa que o mantenha interessado e que é maravilhosa no seu género, leia Marie Belloc Lowndes.

Eu nunca tinha ouvido falar em tal autora. Miss Stein emprestou-me «O Inquilino», essa maravilhosa história de Jack, O Estripador, e outro livro a respeito de um crime numa terra afastada de Paris, a qual só poderia ser *Enghien les Bains*. Ambos esses livros eram esplêndidos para se lerem após o trabalho diário; os heróis, verosímeis, e as reacções e os terrores nada possuíam de falso. Eram perfeitos para se lerem nos períodos de repouso. Li então os Mrs. Belloc Lowndes que havia. Mas nunca mais encontrei nenhum tão bom como os dois primeiros nem nenhum outro autor tão precioso para as horas vagas do dia e da noite até os livros de Simenon aparecerem no mercado.

Creio que Miss Stein teria gostado dos bons Simenons. O primeiro que eu li foi *L'Écluse n° Un* ou *La Maison du Canal*. Não tenho a certeza se foi um se outro. Quando conheci Miss Stein, ela não gostava de ler francês, embora gostasse de falar a língua. Foi Jane Flanner quem me ofereceu os dois Simenons que li. Essa gostava de ler em francês e já lia Simenon desde os tempos em que ele era repórter do crime.

Durante os três ou quatro anos em que fomos bons amigos, não me lembro de ter ouvido Gertrude Stein dizer alguma vez bem de qualquer escritor que não tivesse criticado favoravelmente os seus trabalhos ou feito alguma coisa no sentido de lhe favorecer a carreira, à excepção de Ronald Firbank e, mais tarde, de Scott Fitzgerald. Quando a vi pela primeira vez, ela não se referiu nunca a Sherwood Anderson como escritor, mas elogiava-o entusiasticamente como homem; encarecia os seus grandes, belos e ardentes olhos italianos, a sua bondade e o seu encanto. Por mim, não queria saber dos seus grandes, belos e ardentes olhos italianos, mas gostava muito de alguns dos seus romances. Eram escritos com simplicidade e por vezes com beleza; Sherwood conhecia as pessoas acerca das quais escrevia e interessava-se profundamente por elas. Miss Stein negava-se a falar dos contos dele; só o considerava como pessoa.

— E que me diz dos romances dele? — perguntei-lhe um dia. Ela negava-se a falar das obras de Anderson e o mesmo lhe acontecia

quanto às de Joyce. Quem lhe falasse de Joyce duas vezes não tornava a ser convidado. Era como fazer referências elogiosas a um general diante de outro general. Logo ao primeiro erro dessa natureza, aprendíamos a evitar a sua repetição. Podia-se mencionar sempre um general, desde que se tratasse de um general vencido. O general, a quem nós nessa altura nos dirigíamos, louvava grandemente o general vencido e enfronhava-se com delícia em pormenores acerca da maneira como lhe inflingira a derrota.

Os contos de Anderson eram demasiado bons para constituírem matéria de conversação agradável. Eu estava a preparar-me para dizer a Miss Stein quanto os romances dele eram pobres, mas isso seria uma péssima tática porque seria criticar um dos seus sustentáculos mais leais. Quando ele finalmente escreveu o romance «Riso Lúgubre», obra tão terrivelmente inferior, tão tonta e afectada que eu não pude deixar de a criticar numa paródia, Miss Stein ficou furiosa. Eu tinha atacado alguém que fazia parte do seu sistema. Mas não ficou zangada por muito tempo. E ela própria desatou a elogiar Sherwood superabundantemente depois de o ver caído como escritor.

Zangou-se com Ezra Pound porque ele se havia sentado com demasiada pressa numa cadeira pequena e frágil e sem dúvida alguma desconfortável, que muito possivelmente lhe haviam oferecido de propósito e ele quebrara ou fizera estalar. Não se tomou em consideração o facto de ele ser um grande poeta e um homem gentil e generoso, que se podia ter acomodado numa cadeira de proporções normais. As razões da sua antipatia por Ezra, habilidosa e maldosamente expostas, foram inventadas um ano mais tarde.

Foi depois de termos regressado do Canadá — vivíamos nós então na *Rue Notre-Dame-des-Champs* e conservávamos ainda a amizade de Miss Stein— que ela fez os seus comentários acerca da geração perdida. A certa altura, deu-se uma avaria na ignição do *Ford* Modelo T que ela então guiava. O rapaz que trabalhava na garagem e fora combatente no último ano da Guerra, ou não se mostrara competente ou não quis possivelmente desrespeitar a

prioridade dos outros clientes ao consertar o *Ford* de Miss Stein. De qualquer maneira, ele não havia sido *sérieux* e fora severamente repreendido pelo *patron* da garagem, mercê da queixa de Miss Stein. O *patron* dissera ao empregado:

— Vocês são todos uma *génération perdue*.

— É o que vocês são. É o que vocês são todos — sentenciou Miss Stein. — Todos vocês, os que andaram na Guerra. Não passam de uma geração perdida.

— Sério? — perguntei eu.

— Pois decerto — garantiu ela. — Não têm respeito por coisa alguma. Bebem até ficarem como mortos...

— O tal rapaz, o mecânico, estava bêbedo? — perguntei.

— Claro que não.

— Já me viu bêbedo, a mim?

— Não, mas os seus amigos, esses, embebedam-se.

— Eu também já me tenho embebedado. Mas nunca venho aqui nesse estado.

— Claro que não. Eu não lhe disse isso.

— Naturalmente o *patron* do rapaz é que estava bêbedo às onze da manhã — disse eu. — É por isso que ele se sai com frases tão pomposas.

— Não discuta comigo, Hemingway — tornou Miss Stein. — Não serve de nada. Vocês constituem uma geração perdida, como muito bem disse o dono da garagem.

Mais tarde, quando escrevi o meu primeiro romance, tentei comparar a citação que Miss Stein havia feito da frase do dono da garagem com uma do *Eclesiastes*. Mas, nessa noite, a caminho de casa, pensei no rapaz da garagem e perguntei a mim mesmo se ele teria sido alguma vez atirado para um desses veículos quando eles foram transformados em ambulâncias. Lembrei-me de como eles costumavam dar-lhes cabo dos travões ao descer estradas de montanha com uma carrada cheia de feridos, de como metiam a primeira e por fim invertiam a marcha e de como esses carros eram atirados pelas encostas abaixo vazios, para poderem ser substituídos por grandes *Fiats*, dotados de uma boa mudança de

velocidades e de travões metálicos. Pensei em Miss Stein e em Sherwood Anderson, no egotismo e na preguiça mental em contraste com a disciplina e pensei o seguinte: «Olha quem chama aos outros geração perdida!» Então, quando, ao aproximar-me da *Closerie des Lilas*, vi a luz incidindo no meu velho amigo — a estátua do Marechal Ney com a sua espada desembainhada — vi as sombras das árvores escurecendo o bronze, e ele ali sozinho, sem ninguém por detrás; evoquei o fiasco de Waterloo e pensei que todas as gerações eram perdidas devido a qualquer coisa e que sempre o tinham sido. Parei no *Lilas*, a fim de fazer companhia à estátua e de beber uma cerveja fresca antes de voltar para casa, para o meu apartamento, que ficava por cima da serração de madeira. Mas, uma vez sentado com a cerveja à minha frente, a contemplar a estátua e a lembrar-me dos muitos dias em que Ney combatera, pessoalmente, comandando a retaguarda na retirada de Moscovo, de onde Napoleão igualmente fugira, mas de carruagem e na companhia de Caulaincourt, pensei na amiga vibrante e afectuosa que fora Miss Stein e nos termos encantadores de que ela se servira ao falar de Apollinaire e da sua morte em 1918, no dia do Armistício, quando a multidão gritava «à bas Guillaume!»... e Apollinaire, no seu delírio, julgando que o apupavam a ele... Pensei então: «Hei-de fazer quanto me for possível—e enquanto puder — por a obsequiar e conseguir que lhe façam justiça pelo bom trabalho que tem feito — assim Deus e o Mike Ney me ajudem! Mas quero que ela vá para o diabo com a sua conversa acerca da geração perdida e com todos os seus rótulos imundos e fáceis!» Ao regressar a casa, depois de atravessar o pátio e de subir as escadas, deparei com minha mulher, meu filho e o gato F. Puss, todos eles respirando felicidade junto da lareira. Disse então a minha mulher:

- Sabes. apesar de tudo, a Gertrude é uma excelente pessoa.
- Claro, Tatie.
- Mas, às vezes, diz cada asneira!

Nunca ouço o que ela diz — respondeu minha mulher. — Eu sou uma esposa. A amiga dela é que conversa comigo.

Shakespeare & Companhia

NESSA época não havia dinheiro para comprar livros. Alugava-os no gabinete de leitura de *Shakespeare & Company* da livraria de Sylvia Beach, que ficava situada no n.º 12 da *Rue de l'Odeon*. Em contraste com o sítio, que era frio e varrido pelo vento, a livraria era um local quente e alegre, com um grande fogão aceso no Inverno, mesas e estantes de livros, obras recentes no mostrador e de cujas paredes pendiam fotografias de escritores vivos e falecidos. As fotografias possuíam todo o ar de instantâneos e até os escritores mortos pareciam cheios de vida. Sylvia era dona de um rosto vivo e como cinzelado, de olhos castanhos cheios de vivacidade como os de um animal e alegres como os de uma rapariguinha, e de abundantes cabelos castanhos ondedados, que ela usava puxados para trás, bem afastados da sua bela testa e cortados um pouco abaixo das orelhas, a rasar a gola do casaco curto de veludo castanho que normalmente usava. Tinha bonitas pernas; era agradável e alegre, mostrava-se muito interessada no que lhe diziam e gostava de anedotas e de mexericos. Não conheci ninguém que fosse mais gentil para comigo.

Sentia-me acanhadíssimo ao entrar pela primeira vez na sua livraria. A verdade é que não tinha dinheiro suficiente para pagar a quota mensal do aluguer de livros do gabinete de leitura. Ela disse-me que poderia pagar o depósito quando tivesse dinheiro para isso. Passou-me um cartão e acrescentou que podia levar todos os livros que quisesse.

Sylvia não tinha motivos para confiar em mim. Não me conhecia e a direcção que eu lhe fornecera —74, *Rue Cardinal Lemoine*— não podia ser mais humilde do que era. Mas ela mostrou-se deliciosa, encantadora; recebeu-me o mais gentilmente possível e, por detrás dela, cobrindo a parede de alto a baixo e alastrando pela seguinte, que dava para o pátio interior do edifício, viam-se prateleiras e

mais prateleiras car-regadas de toda a riqueza do gabinete de leitura.

Comecei por Turguenev e escolhi os dois volumes das *impressões de Um Desportista* e um dos primeiros livros de D. H. Lawrence — suponho que se tratava de *Filhos e Amantes*. Sylvia disse-me que, se quisesse, levasse mais livros. Eu escolhi *Guerra e Paz* na edição de Constance Garnett e *O Jogador e Outras Histórias* de Dostoievski.

— Se ler tudo isso, não voltará tão depressa — disse Sylvia.

— Hei-de voltar para lhe pagar — respondi eu. — Tenho algum dinheiro em casa.

— Não queria dizer isso — tornou ela. — Pagará quando achar conveniente.

— Quando é que Joyce costuma aparecer? — perguntei.

— Se vier, será lá para o fim da tarde, como de costume — respondeu ela. — Não o conhece?

— Vimo-lo no Michaud, a comer com a família— disse eu. — Mas não é delicado estar a fitar as pessoas quando estão a comer e, além disso, o Michaud é caro.

— O senhor come em casa?

— A maior parte das vezes é o que fazemos agora — respondi. — Temos uma boa cozinheira.

— Não há muitos restaurantes perto da sua casa, ou há?

— Não. Como é que sabe?

— É que o Larbaud vivia para esses lados — respondeu ela. — Gostava muito do sítio; só o aborrecia o facto de não haver restaurantes.

— O mais barato do bairro fica para os lados do *Panthéon*.

— Não conheço esse bairro. Nós comemos em casa. O senhor e a sua mulher que apareçam de vez em quando.

— Primeiro espere que eu lhe pague — disse. — Mas, em todo o caso, muito obrigado.

— Veja lá se deixa de comer por causa da leitura — recomendou ela.

A nossa casa da *Rue Cardinale Lemoine* compunha-se de dois quartos sem água quente nem retrete capaz, além de um recipiente anti-séptico que nem chegava a ser incómodo para quem no Michigan estivera habituado a servir-se de uma privada externa. Com uma bela vista, um bom colchão de molas no chão e com quadros de que gostávamos nas paredes, aquilo era uma casa alegre e agradável. Quando lá cheguei com os livros, contei a minha mulher que tinha descoberto um lugar maravilhoso.

— Mas, Tatie, é preciso ir lá pagar esta tarde — disse ela.

— Pois claro que vou — respondi. — Vamos os dois.

Pouco depois, descíamos até ao rio e passeávamos ao longo do cais.

— Vamos então pela *Rue de Seine* para ver as galerias e as montras das lojas.

— Isso mesmo. Podemos passear por onde nos apetecer e parar num café novo onde não conheçamos ninguém nem ninguém nos conheça a nós e tomar uma bebida.

— Até duas bebidas.

— E depois comemos em qualquer parte.

— Não. Não te esqueças do que temos a pagar no gabinete de leitura.

— Depois voltamos para casa e comemos lá. Há-de ser uma rica refeição. Bebemos o *Beaume* da cooperativa que daqui da janela se vê na montra, com o preço marcado. E, depois. lemos, vamos para a cama e amamo-nos um ao outro.

— E nunca havemos de gostar de mais ninguém.

— Não, nunca.

— Que tarde deliciosa! Agora, o melhor é almoçarmos.

— Estou cheio de fome — disse eu. — No café, enquanto trabalhava, só bebi café com leite.

— Que tal te correu o trabalho, Tatie?

— Suponho que muito bem. Pelo menos, espero que sim. Que é que temos para o almoço?

— Rabanetes pequeninos, um rico *foie de veau* com puré de batata e salada de chicória. Torta de maçã.

— E vamos ter todos os livros do mundo para ler e, quando fizermos viagens, podemos levá-los connosco.

— Achas que será decente?

— Pois claro que sim.

— Também lá há livros de Henry James?

— Com certeza.

— Meu Deus! — exclamou. — Que sorte teres descoberto essa livraria!

— Nós temos sempre sorte — disse eu. E fui um tonto em não ter, nessa altura, batido na madeira. E, naquele apartamento, o que faltava era madeira para isso.

Gente do Sena

PARTINDO da *Rue Cardinal Lemoire*, havia muitas maneiras de descer até ao rio. O caminho mais curto consistia em descer a rua, mas esse trajecto era íngreme e levava-nos, depois de alcançada a parte plana e atravessado o tráfego intenso do *Boulevard Saint Germain*, a um sítio triste, ocupado por uma extensão da margem do rio desolada e varrida pelo vento, que nos oferecia à mão direita a *Halle aux Vins*. Este mercado não se parecia com nenhum outro de Paris; era uma espécie de depósito onde armazenavam o vinho por causa dos impostos e era tão lúgubre, visto do lado de fora, como um depósito militar ou uma penitenciária.

Do outro lado do Sena, erguia-se a *Ile St-Louis*, com as suas ruas estreitas e velhinhas e as suas belas casas altas e antigas. Podíamos ir até lá ou voltar à esquerda e passear ao longo do cais a todo o comprimento da *Ile*, tendo pela frente, durante todo o passeio, *Notre-Dame* e a *Ile de la Cité*.

Nas exposições de livros, dispostas ao longo do cais, encontravam-se ocasionalmente à venda —e baratíssimos— livros americanos de publicação recente. O restaurante *Tour d'Argent* tinha quartos por cima da sala de jantar que, por essas alturas, alugava. As pessoas que neles se instalavam usufruíam desconto nos preços do restaurante e, quando esses hóspedes saíam e deixavam livros abandonados, o *valet de chambre* ia vendê-los ao estabelecimento mais próximo, onde qualquer os podia depois comprar por meia dúzia de francos. A proprietária não tinha confiança nos livros escritos em inglês; quase não dava nada por eles; vendia-os com uma pequena margem de lucro logo que se lhe apresentava oportunidade de o fazer.

— Prestam para alguma coisa? — perguntou-me ela quando nos tornámos amigos.

— Às vezes, aparece um bom.

— E como é que se consegue saber isso?
— Só o sei depois de os ler.
— Nesse caso, é como um jogo de azar. E quantas pessoas haverá que saibam ler o inglês?

— Guarde-os até eu vir aqui e deixe-me examiná-los.
— Isso não. Não posso guardá-los. O senhor só passa por aqui lá de quando em quando. Às vezes está muito tempo sem aparecer. E eu tenho de os vender o mais depressa possível. Sei lá se valem alguma coisa! Se não valerem nada, nunca mais os conseguirei vender.

— E como é que sabe se um livro francês tem valor?
— Primeiro há os desenhos. Nessa altura, é uma questão de qualidade dos desenhos. Depois, há a encadernação. Se o livro for bom, o dono manda-o encadernar como deve ser. Os livros ingleses, esses, são todos encadernados mas mal. Por isso, não há forma de se poderem avaliar convenientemente.

A partir daquele quiosque, que ficava perto do *Tour d'Argent*, não havia, até ao *Quai des Grands Augustins*, nenhum outro que vendesse livros ingleses ou americanos. Daí em diante, encontravam-se alguns até ao *Quai Voltaire*, onde se vendiam livros comprados aos empregados dos hotéis do Hotel Voltaire, o qual possuía uma clientela mais rica do que os outros. Um dia, perguntei à dona de um outro quiosque, também minha amiga, se os proprietários dos livros os vendiam.

— Não — respondeu-me ela.—São todos abandonados. É por isso que sabemos que não têm valor.

— São amigos que lhos oferecem para lerem a bordo
— Com certeza—aquiesceu ela. — Devem deixar muitos nos navios.

— Pois deixam — respondi. — A Companhia de Navegação fica com eles, encaderna-os e entrega-os assim nas bibliotecas de bordo.

É; uma ideia inteligente — comentou ela. — Pelo menos, nessa altura, encadernam-nos bem. Assim, já esse livros adquirem valor.

Era meu costume passear ao longo dos cais quando largava o trabalho ou andava a meditar sobre qualquer tema. Os pensamentos ocorriam-me com mais facilidade quando passeava, fazia qualquer coisa ou observava pessoas entretidas em ocupações da sua competência. À cabeça da *Ile de la Cité*, abaixo do *Pont Neuf*, no sítio onde se ergue a estátua de *Henri IV*, a ilha terminava numa ponta semelhante à proa de um navio, com um parquezito ao *rés* da água ensombrado por belos e enormes castanheiros, de copa bem espreada. Nas águas correntes do Sena, que naquele sítio refluíam, existiam excelentes pontos de pesca. Descendo a escada que dava para o parque, logo os nossos olhos deparavam com os pescadores, que tanto se instalavam ali como debaixo da grande ponte. Os sítios bons para a pesca variavam com a altura do rio. Os pescadores utilizavam canas de pesca compridas e articuladas, com linhas muito finas, de roldana e flutuadores de eixo muito leves e eram mestres na arte de escolher o isco adequado ao ponto da água em que pescavam. Apanhavam sempre peixe e frequentemente conseguiam belas pescarias de um peixe de água doce a que lá chamam *goujon*. Fritos inteiros, esses peixes eram deliciosos e eu capaz de comer uma pratada deles. Eram gordos, tenros e com um sabor mais fino do que a própria sardinha fresca; não eram nada oleosos e nós comíamos espinhas e tudo.

Um dos melhores sítios para comer *goujon* era um restaurante ao ar livre, que ficava para as bandas de cima do rio no *Bas Meudon*, onde costumávamos ir quando dispúnhamos de dinheiro para um passeio fora dos nossos sítios. Chamava-se *La Pêche Miraculeuse* e tinha um vinho branco excelente mais ou menos semelhante ao *Muscadet*. Era um sítio que se diria arrancado a uma história de Maupassant, com uma vista para o rio semelhante às que Sisley pintou. Para se comer uma boa *friture*, não era preciso sair da *Ile St-Louis*.

Conheci alguns dos homens que pescavam nos sítios férteis do Sena, que ficavam entre a *Ile St.-Louis* e a *Pointe du Vert-Galant* e, às vezes, quando o dia estava bonito, comprava um litro de vinho e

um bocado de pão e de linguiça e sentava-me ao sol, a ler um dos livros que comprara e a ver pescar.

Alguns escritores de livros de viagens referem-se aos pescadores do Sena, como se estes fossem loucos que jamais pescassem fosse o que fosse, mas a verdade é que se tratava de uma pesca rendosa e séria. A maior parte desses pescadores eram homens que recebiam pequenas pensões, as quais vieram a tornar-se insignificantes mercê da inflação ou pescadores entusiastas, que se dedicavam ao seu desporto favorito nos dias ou meios dias de folga de que dispunham. É certo que havia mais peixe em Charenton, no sítio onde o Marne se lança no Sena e do outro lado de Paris, mas na própria cidade também se pescava razoavelmente. Eu não pescava porque não dispunha de aparelhagem e preferia poupar dinheiro para pescar em Espanha. E, além disso, nunca sabia quando é que me fartava de trabalhar, nem quando seria forçado a ausentar-me e não queria enfronhar-me na pesca, que possuía os seus bons momentos e os seus momentos vazios. Mas observava-a atentamente; era interessante e agradável conhecê-la e dava-me sempre prazer ver homens entretidos a pescar dentro da própria cidade, com toda a seriedade e perícia, para finalmente levarem umas poucas *futures* para a família.

Com os pescadores e a vida fluvial, as belas barcaças e a sua vida própria, os rebocadores de chaminés, que se dobravam para trás a fim de poderem passar por baixo das pontes, a puxarem uma série de barcaças, os grandes ulmeiros nas margens lajeadas do rio, os plátanos e alguns choupos de onde em onde, nunca eu me poderia sentir só ao longo do rio. Com tantas árvores na cidade, sentia-se diàriamente o latejar da Primavera até que uma noite de vento tépido a fazia desabrochar súbitamente na manhã seguinte. Às vezes, chuvas pesadas e frias obrigavam-na a retroceder, levando-nos a pensar que ela nunca mais viria e que assim perderíamos uma Primavera da nossa vida. Era esse o único tempo verdadeiramente triste de Paris, porque não era natural. No Outono, já nós contávamos sentir-nos tristes. Quando as folhas se soltavam das árvores e os seus ramos nus lutavam contra o vento,

na luz fria e anunciadora do Inverno, era como se uma parte de nós morresse todos os anos. Mas sabíamos que a Primavera havia de ressurgir, tal como sabíamos que o rio, rompendo a sua camada de gelo, havia de voltar a correr. Quando as chuvas geladas persistiam e matavam a Primavera, era como se uma criatura jovem tivesse morrido injustamente.

Embora nesse tempo, a Primavera acabasse sempre por triunfar, o facto de ela ter falhado por pouco tornava-se verdadeiramente assustador.

Uma falsa Primavera

QUANDO a Primavera chegava — mesmo que não passasse de uma falsa Primavera — acabavam-se os problemas, excepto o de se escolher o sítio onde nos seria possível gozar o máximo de felicidade. A única coisa capaz de nos estragar um dia eram as pessoas, mas, quando conseguíamos fugir a todo e qualquer compromisso, os dias não tinham limites. As pessoas eram realmente limitadoras de felicidade, a não ser aquelas raras que pudéssemos considerar tão boas como a própria Primavera.

Nas manhãs de Primavera, não me custava nada trabalhar de manhã cedo, com a minha mulher ainda deitada. As janelas estavam abertas de par em par. Os seixos da rua iam secando depois da chuva. O sol fazia o mesmo às fachadas húmidas das casas que se erguiam em frente da minha janela. As lojas estavam ainda fechadas. O cabreiro subia a rua, tocando gaita-de-foles e uma mulher, que vivia no andar por cima do nosso, surgia no passeio com um grande jarro na mão. O cabreiro escolhia uma cabra negra, de úbere bem cheio e mungia-a para a caneca enquanto o cão empurrava as outras para o passeio. As cabras olhavam à sua volta, voltando os pescoços como se fossem excursionistas. O cabreiro recebia o dinheiro da mulher; agradecia-lhe e continuava rua fora, tocando gaita-de-foles enquanto o cão lá ia guiando as cabras, que avançavam de chifres oscilando. Eu voltava ao meu trabalho e a mulher subia as escadas com o leite de cabra. Andava com os sapatos de sola de feltro, que usava para fazer a limpeza, de modo que eu apenas lhe sentia a respiração alterada ao fazer uma paragem no patamar em frente da minha porta e o bater da sua quando entrava em casa. Era, naquele prédio, a única compradora de leite de cabra.

Resolvi descer a comprar um jornal de corridas. Não havia bairro, por muito pobre que fosse, que não possuísse pelo menos um

exemplar de um jornal de corridas mas, num dia como aquele, era preciso comprá-lo cedo. Encontrei um na *Rua Descartes*, à esquina da *Place Contrescarpe*. As cabras iam descendo essa mesma rua. Aspirei profundamente o ar e voltei a toda a pressa. Subi as escadas, a fim de me entregar de novo ao trabalho. Senti-me tentado a ficar lá fora e a seguir as cabras, aspirando o ar da manhã. Mas, antes de retomar o trabalho, passei a vista pelo jornal. Havia corridas em Enghien, essa pista bonita, pequena e inçada de ladrões, que era a pátria da gente de fora.

Por isso, nesse dia, depois de ter terminado o meu trabalho, iríamos às corridas. Eu havia recebido uns dinheiros provenientes da minha colaboração para o jornal de Toronto e nós precisávamos de um grande tiro, caso nos fosse possível consegui-lo. A minha mulher tinha tido, noutros tempos, em Auteuil, um cavalo chamado *Chèvre d'Or*, que estava em cento e vinte por um e que ia à cabeça de todos por vinte comprimentos quando, ao dar o último salto, caiu, levando com ele dinheiro que bastaria para o nosso sustento de seis meses. Nós esforçávamo-nos sempre por não pensar nisso. Até se dar o incidente do *Chèvre d'Or*, tínhamos gozado nesse ano de excelentes perspectivas.

— Tens realmente dinheiro que chegue para apostas, Tatie? — perguntou minha mulher.

— Não. Gastaremos só o que levarmos. Preferias gastá-lo noutra coisa?

— Bem... — começou ela.

— Já sei. Temos passado grandes dificuldades e eu tenho sido apertado, mesquinho, em questões de dinheiro.

— Não — respondeu ela. — Mas...

Eu sabia quanto me havia mostrado exigente em questões de economia e como as coisas tinham corrido mal. Aquele que trabalha e no próprio trabalho encontra satisfação não se sente molestado com a pobreza. Lembrava-me, é certo, das banheiras, dos chuveiros e das loiças sanitárias resplandecentes como objectos que pessoas inferiores a nós possuíam, ou daquilo que nós usufruíamos quando viajavamos, o que frequentemente fazíamos. Havia sempre um

recurso — os banhos públicos ao fundo da rua, junto do rio. A minha mulher nunca se queixava por esse motivo e nem mesmo o fizera aquando da queda do *Chèvre d'Or*. Chorara pelo cavalo — disso me lembro eu —, mas nunca pelo dinheiro que se perdera. Eu armara em estúpido quando ela precisara de um casaquito de cordeiro cinzento e ficara doida com ele quando o comprara. E também me mostrara estúpido noutras coisas. Tudo aquilo fazia parte da luta contra a pobreza e da qual só não gastando dinheiro se consegue triunfar. Sobretudo quando, em vez de roupas, se compram quadros. Mas, nesse tempo, nós nem por sombras nos considerávamos pobres. Nem sequer aceitávamos semelhante ideia. Considerávamo-nos pessoas superiores, embora aqueles a quem olhávamos de cima e dos quais justificadamente desconfiávamos fossem ricos. Nunca me parecera estranho o facto de eu usar por dentro um blusão de lã, à maneira de roupa interior para andar quente. Só aos ricos é que isso parecia esquisito. Comíamos e bebíamos bem por pouco dinheiro; dormíamos bem, juntos e quentes, e amávamo-nos.

— Acho que devemos ir — disse minha mulher. — Há tanto tempo que não vamos às corridas! Levamos almoço e vinho. Vou fazer umas boas sandes.

— Vamos de comboio, que é mais barato. Mas, se achas que é melhor não ir, não vamos. Tudo o que hoje fizemos será divertido. Está um dia maravilhoso!

— Acho que devemos ir.

— Não preferirás gastar o dinheiro noutra coisa?

— Não — respondeu ela arrogantemente. Ela possuía umas maçãs do rosto altas e adoráveis, que se prestavam maravilhosamente a exprimir arrogância. — Não é verdade que nós somos duas pessoas importantes?

E lá partimos de comboio, da *Gare du Nord*, atravessando a parte mais suja e lúgubre da cidade. Palmilhámos a pé o caminho que ia do desvio até ao oásis da pista. Como era cedo ainda, sentámo-nos em cima do meu impermeável no relvado cortado de fresco; almoçámos. bebemos da garrafa e contemplámos a tribuna

principal, as barracas de madeira castanha das apostas, a verdura da pista, o verde mais escuro das sebes e o espelhado castanho dos obstáculos sobre a água, as paredes caiadas, as portas e as grades brancas, o recinto fechado, coberto pelas árvores de folhinhas novas e os primeiros cavalos que começavam a entrar nesse mesmo recinto. Bebemos mais vinho e pusémo-nos a estudar a constituição das corridas no jornal. A minha mulher deitou-se em cima do meu impermeável para dormir, de rosto voltado para o sol. Eu comecei a andar por ali, até que encontrei alguém meu conhecido dos tempos de San Ciro, em Milão. Indicou-me dois cavalos.

— Olha que não representam um capital por aí além. Mas não desistas lá por causa do preço.

Ganhámos a primeira corrida com metade do dinheiro que resolvêramos gastar. O cavalo deu-nos um lucro de doze por um, saltando que foi uma beleza, comandando do lado mais afastado da corrida e com um avanço de quatro comprimentos. Guardámos metade desse dinheiro e apostámos a outra metade no segundo cavalo, que se lançou para a frente, saltou as sebes e em campo raso aguentou até à meta com o favorito, levando-lhe vantagem em todos os saltos. Fomos beber uma taça de champanhe ao bar que ficava por baixo da tribuna e pusemonos à espera de que os preços subissem.

— Meu Deus, isto é de dar cabo de uma pessoa! — disse minha mulher. — Viste aquele cavalo a aproximar-se dele?

— Ainda sinto tudo cá dentro.

— Quanto é que ele renderá?

— A cotação era de 18 para 1. Mas pode muito bem ter havido mais apostas.

Os cavalos passaram por nós. O nosso, de narinas dilatadas e escorrendo suor, sorvia o ar enquanto o jóquei lhe fazia festas.

— Coitado! — exclamou minha mulher. — Nós limitamo-nos a apostar...

Vimo-los passar e tomámos outra taça de champanhe. Depois, anunciaram o prémio — 85 — o que significava que ele dera um

lucro de 85 francos em 10.

— No fim de contas, devem ter investido um dinheirão nele! — disse eu.

Tínhamos, afinal, ganho bastante dinheiro — para nós, pelo menos, era bastante dinheiro. Eis-nos, pois, nessa altura, com Primavera e com dinheiro também. «Não precisávamos de mais nada» — pensei. Um dia como aquele, e, se dividíssemos os ganhos da forma seguinte: $\frac{1}{4}$ para cada um de nós gastar, ficávamos com metade do capital para investir nas corridas. Conservei o capital reservado para as corridas em segredo e separado do resto do dinheiro.

Num outro dia desse ano, depois de regressarmos de uma das nossas viagens e de termos sido novamente felizes nas corridas, parámos em Pruniers, entrámos no bar onde nos instalámos depois de termos observado na montra as maravilhosas iguarias que lá se encontravam expostas e com o preço marcado. Comemos ostras e *crabe Mexicaine* com uns copos de Sancerre. Chegámos já de noite às *Tuileries*. Ficámo-nos, de olhos enfiados pelo *Arc du Carrousel*, ao longo dos jardins obscurecidos, com as luzes da *Concorde* por detrás da escuridão solene, a acompanhar a comprida procissão de luzes até que os poisámos no *Arc de Triomphe*. Depois, voltámo-nos para o Louvre banhado em sombras e eu disse:

— Parece-te, realmente, que os três arcos se encontram no prolongamento uns dos outros: estes dois e o Sermione de Milão?

— Não sei, Tatie. Eles que o dizem lá sabem. Lembras-te de quando fomos até ao lado italiano do São Bernardo, depois de termos feito uma ascensão pela neve e de como tu, o Chink e eu nos fartámos de andar nesse dia de Primavera até Aosta?

— O Chink baptizou essa caminhada assim: São Bernardo fora, de sapatos de passeio. Lembras-te dos teus sapatos?

— Meus pobres sapatos! Lembras-te de termos comido salada de frutas no Biffi, na Galleria, com Capri, pêssegos frescos e morangos, que nos serviram com gelo num grande jarro de vidro?

— Foi nessa altura que eu me pus a magicar a respeito dos três arcos.

— Lembro-me do Sermione. É parecido com este arco.

— Lembras-te da estalagem de Aigle onde tu e o Chink, nesse dia, se instalaram a ler enquanto eu pescava?

— Lembro-me sim. Tatie.

Lembrei-me do Ródano, estreito e cor de cinza, engrossado pela fusão das neves e debruado por duas correntes de trutas de cada lado, do Stockalper e do canal do Ródano. O Stockalper estava realmente nítido naquele dia e o canal do Ródano corria ainda bastante turvo.

— Lembras-te que os castanheiros-da-índia estavam em flor? E que eu estive a ver se me lembrava de uma história (suponho que foi o Jim Gramble quem ma contou) a respeito de uma glicínia e não fui capaz de a contar?

— Lembro-me, sim, Tatie. E tu e o Chink sempre a falarem na maneira de dar realidade às coisas reais quando se escreve. Era preciso. diziam vocês, reproduzi-las directamente em vez de se descreverem. Lembro-me de tudo. Às vezes, era ele quem tinha razão: outras vezes, eras tu. Lembro-me dos aspectos, das estruturas e das formas acerca das quais tu discutias.

Por essa altura, já nós havíamos transposto o portão do Louvre, atravessado a rua e ido até à ponte, onde, encostados ao balcão de pedra, nos pusemos a contemplar o rio.

— Discutíamos todos a respeito de tudo desde que se tratasse de coisas específicas e fazíamos troça uns dos outros. Lembro-me de tudo o que fizemos e dissemos em toda a viagem — disse Hadley — Olha que me lembro, sério! De tudo. Quando tu e o Chink falavam, eu metia-me na conversa. Não era como ser esposa em casa de Miss Stein.

— Quem me dera lembrar-me da história que metia a glicínia!

— Não valia grande coisa. A glicínia é que era importante, Tatie.

— Lembras-te de eu ter comprado vinho em Aigle para o levar para o *chalet*? Comprámo-lo na estalagem. Disseram que acompanhava muito bem as trutas. Se bem me lembro, levámo-lo embrulhado nuns números de *La Gazette de Lucerne*.

— O vinho de Sion ainda era melhor. Lembras-te de a Mrs. Gangeswisch cozinhar a truta *au bleu* quando voltámos ao *chalet*? Que trutas maravilhosas, aquelas. Tatie! Bebemos o vinho de Sion e comemos à entrada da casa, a ver a montanha a derreter abaixo de nós e o *Dent du Midi* coberto de neve até meia encosta e as árvores a contornar o Ródano, no sítio em que ele se lança nas águas do lago.

— No Inverno e na Primavera sentíamos sempre a falta de Chink.

— Sempre. E, agora, também lhe sinto a falta.

O Chink era soldado de profissão e fora de Sandhurst para Mons. Conheci-o em Itália; tornou-se o meu melhor amigo e como tal se manteve durante muito tempo. Nessa época, passava todas as suas licenças connosco.

— Vai ver se consegue licença para a Primavera que vem. Escreveu-me de Colónia a semana passada.

— Eu sei. Quem dera estarmos ainda nesse tempo e vivermos plenamente todos os minutos que se foram!

— Agora estamos a ver a água bater nestes contrafortes. Ora repara no que se vê quando olhamos para a parte de cima do rio.

Olhámos e lá estava tudo — o nosso rio, a nossa cidade e a ilha da nossa cidade.

— Somos demasiado felizes — disse ela. — Oxalá que o Chink possa vir! Sabe tomar conta de nós.

— Ele supõe que não.

— Claro.

— Ele supõe que andamos todos juntos em explorações.

— E andamos. Mas isso depende daquilo que andarmos a explorar.

Atravessámos a ponte. ficando assim do nosso lado do rio.

— Já tens fome outra vez? — perguntei. — Com isto de andarmos e conversarmos...

— Naturalmente, Tatie. E tu não tens?

— Vamos a um sítio maravilhoso para comermos um jantar a valer.

— Aonde é que vamos?

— Ao Michaud?

— É ótimo e fica perto.

Fomos subindo a *Rue des Saints-Pères* até à esquina da *Rue Jacob*, parando de onde em onde, a fim de vermos os quadros e as mobílias nas montras. Antes de entramos no Michaud, ficámos cá fora a ler a ementa. O restaurante estava à cunha. Tivemos de esperar que saísse gente, mantendo debaixo de olho as mesas onde os clientes já haviam acabado de tomar o café.

O passeio tinha-nos feito fome outra vez, e o Michaud era um restaurante que, por ser caro, nos entusiasmava. Era lá que Joyce e a família estavam a comer nessa altura: ele e a mulher encostados à parede: Joyce a estudar a ementa, que segurava numa das mãos, através das grossas lentes; Nora, a seu lado, sempre cheia de apetite, embora de paladar requintado: Giorgio, de costas, magro e todo aperaltado, com o cabelo a reluzir, e Lúcia, menina de cabelo forte e encaracolado, ainda na fase do crescimento. Falavam uns com os outros em italiano.

Ali, de pé, eu ia perguntando a mim próprio até onde é que aquilo que na ponte havíamos sentido se poderia classificar de fome. Perguntei isso mesmo a minha mulher, que me respondeu:

— Não sei, Tatie. Ele há tantas espécies de fome! Na Primavera há muito mais variedade de fomes. Mas isso agora passou. A lembrança das coisas também se pode chamar fome,

Eu sentia-me estúpido e, ao contemplar a montra e ao ver servir dois *tournedos*, compreendi que a minha fome era realmente fome.

— Disseste que tivemos sorte hoje. Claro que tivemos. Mas também tivemos bons conselhos e excelentes informações.

Ela riu-se.

— Não me estava a referir às corridas. Tomas tudo à letra. Eu queria dizer que tivemos sorte mas sob outros aspectos.

— Não me parece que o Chink se interessasse por corridas — disse eu, tentando corrigir a minha estupidez.

— Pois não. Só se interessaria por elas se interviesse como cavaleiro.

— Não queres voltar às corridas?

— Claro que quero. E, agora, já podemos ir outra vez para onde quisermos.

— Mas queres realmente ir?

— Naturalmente. E tu também, não é verdade?

Foi uma refeição maravilhosa. a do Michaud. Mas, quando terminámos e já não podíamos chamar fome à sensação que na ponte nos havia dominado, esta continuava agarrada a nós quando tomámos o autocarro para casa. Sentimo-la ainda quando entrámos no quarto e. depois de termos ido para a cama e de nos termos amado. ela continuou a impor-se no escuro. sempre, sempre. Quando acordei, com a janela aberta e o luar a cobrir os telhados dos prédios altos, senti-lhe novamente a presença. Fugi ao luar, mergulhando na sombra mas nem mesmo assim conseguia dormir. Mantive-me desperto, a pensar naquilo.

Ambos acordámos de noite duas vezes mas, naquele momento, a minha mulher dormia serenamente, com o luar a bater-lhe no rosto. Tentei expulsar de mim aquela sensação, mas sentia-me demasiado estúpido. Como a vida me parecera simples naquela manhã quando acordara e descobrira a falsa Primavera, ouvira a gaita-de-foles do cabreiro e saíra a comprar o jornal das corridas!

Mas Paris é uma cidade muito antiga: nós éramos jovens e ali nada era simples, nem sequer a pobreza, nem o dinheiro ganho de surpresa nem o luar nem o bem e o mal nem a respiração de quem junto de nós dormisse ao luar.

Como acabou um passntempo

VOLTÁMOS muitas vezes às corridas tanto nesse ano como noutros após o meu trabalho da manhã. Hadley gostava daquilo e, por vezes, até se entusiasmava. Mas aquilo não era como as ascensões aos prados das altas montanhas que cresciam para lá da última floresta, nem como as noites. quando voltávamos para o *chalet*, nem como o subir na companhia do Chink, que era o nosso melhor amigo, até às alturas entre desfiladeiros, numa região nova para nós. Também não eram realmente as corridas o que verdadeiramente nos entusiasmava. Era o apostar nos cavalos. Mas nós chamávamos-lhe corridas.

Estas não conseguiram separar-nos nunca; só as pessoas lograram fazê-lo, mas, durante muito tempo, as corridas absorveram-nos como o amigo mais exigente. Vê-las por este prisma era agir com indulgência. Eu, que era tão severo na apreciação das pessoas e da tendência destas para a autodestruição, tolerava afinal este amigo, que era o mais falso, o mais belo, o mais excitante, o mais vicioso e o mais exigente, porque podia render dinheiro. Torná-lo rendoso exigia mais tempo do que um trabalho exaustivo e eu não dispunha de tempo para isso. Desculpava-me perante mim próprio, ao continuar com aquilo. pensando que me servira de tema para as minhas histórias, embora. por fim. quando tudo o que eu escrevera se perdeu. só um conto se salvasse porque não vinha nas malas.

Agora ia mais vezes só às corridas; sentia-me metido nelas até aos olhos. Sempre que podia, jogava durante a estação em duas pistas — a de Auteuil e a de Enghien. Tentar criar obstáculos de forma inteligente tomava-me o tempo todo e dessa maneira não me era possível ganhar dinheiro. Fazia os meus cálculos lendo os jornais. Tinha que assistir a uma corrida de saltos do alto das bancadas de Auteuil. Dava muito trabalho estudar as possibilidades

de todos os cavalos, observar o cavalo que poderia ter ganho e afinal não ganhara e por que razão ele não fizera o que deveria ter feito. Era preciso acompanhar as cotações e prever todas as possibilidades cada vez que o cavalo que estávamos a seguir iniciava a corrida. Era preciso saber em que forma estava e finalmente perceber quando é que o estábulo começava a enervar o cavalo. Era sempre possível ele sair derrotado da prova mas, antes disso, já uma pessoa tinha de saber quais eram as suas probabilidades, Trabalho duro, esse! Mas era belo vê-los em Auteuil, nos dias de corridas sérias, com grandes cavalos! Era preciso conhecer de cor e salteado um percurso. tal como se se tratasse de um caminho que toda a nossa vida tivéssemos palmilhado. Por fim, acabava-se por se conhecer gente que nunca mais acabava: jóqueis, treinadores, donos de cavalos, corredores em demasia e coisas igualmente demasiadas.

Em princípio. eu só apostava quando tinha um cavalo que merecesse as apostas, mas, por vezes, descobria certos cavalos nos quais ninguém acreditava a não ser os homens que os treinavam e montavam e que, no fim de contas, ganhavam corridas, enquanto eu ia apostando neles. Por fim, deixei-me disso, porque, além daquilo me tomar muito tempo, eu estava a enfronhar-me demasiadamente nas corridas: conhecia de cor os cordelinhos não só das corridas de Enghien como das que se efectuavam em pistas planas.

Quando renunciei a tudo isso. senti-me satisfeito, embora essa renúncia abrisse um vazio dentro de mim. Por essa altura. já eu sabia que tudo na vida — seja bom ou mau — nos provoca um vazio sempre que se acaba. No entanto, se a coisa fosse má, o tal vazio enchia-se por si próprio. Se fosse boa. só algo de melhor o poderia preencher. Transferi o capital das corridas para os fundos gerais e então senti-me aliviado e bom como uma criatura decente.

No dia em que renunciei às corridas, encontrei, na outra margem do rio, o meu amigo Mike Ward instalado à sua secretária do Guarany Trust que, por esses tempos, tinha a sua sede à esquina da *Rue des Italiens*. Ia depositar o capital das corridas sem que tivesse

dito a alguém o que decidira fazer. Não o pus no livro de cheques embora fizesse ainda tenções disso.

— Queres vir daí almoçar comigo?—perguntei a Mike.

— Isso nem se pergunta, rapaz! Que é que tu tens? Não vais às corridas?

— Não.

— Almoçámos na *Place Louvois*, num *bistro* modesto mas muito bom onde serviam um vinho tinto maravilhoso. Do outro lado da praça ficava a *Bibliothèque Nationale*,

— Tu nunca te perdeste muito pelas corridas, pois não. Mike? — perguntei.

— Não. Pelo menos, há já muito tempo que o não faço.

— Porque é que te deixaste disso?

— Não sei. — respondeu Mike. — Isto é, sim. Tudo aquilo em que se aposte para levarmos um pontapé não interessa.

— Então nunca lá vais?

— Às vezes, ainda vou ver uma corrida das grandes. Quando em tram cavalos de categoria.

Espalhámos o *paté* no pão do *bistro*, que era excelente, e bebemos o vinho tinto.

— Mas, em tempos, frequentaste muito as corridas, não é verdade, Mike?

— Pois frequentei.

— Que é que há por aí que seja melhor que as corridas?

— As corridas de bicicleta.

— Sério?

— E não é preciso apostar. Verás.

— É que as pistas tomam muito tempo.

— Tempo de mais. Tomam-nos o tempo todo. E eu não gosto daquela gente.

— Pois eu tinha um inter esse danado por elas.

— Bem sei. E compreendias bem aquela engrenagem?

— Muito bem.

— Nesse caso, é boa altura de acabares com isso — observou Mike.

— Já acabei.

— Mas olha que é difícil. Olha, rapaz, qualquer dia vamos os dois às corridas de bicicleta.

Tratava-se de uma coisa nova e admirável de que eu pouco sabia. Mas não começámos logo com elas. Só mais tarde é que isso aconteceu, convertendo-se então numa grande parte da nossa existência quando se encerrou a nossa primeira fase em Paris.

Mas, durante muito tempo, bastou-nos regressar à nossa parte de Paris, com o pensamento bem longe das corridas e apostando somente na nossa própria vida e no nosso próprio trabalho e nos pintores que conhecíamos, sem tentarmos viver do jogo e sem tentarmos disfarçar esse expediente dando-lhe outro nome. Comecei muitas histórias a respeito de corridas de bicicletas mas nunca escrevi nenhuma que fosse tão boa como as próprias corridas, tanto em recinto coberto como em pistas ao ar livre e nas estradas. Mas hei-de um dia descrever o *Vélodrome d'Hiver*, envolto na luz da tarde saturada de fumo e a pista de madeira de grande declive; o zunido que os pneus arrancavam à madeira quando os corredores passavam, o esforço e a tática dos ciclistas que subiam e mergulhavam. fazendo um todo com a máquina; hei-de saber reproduzir a magia do *demi-fond*, o barulho dos motores com os seus cilindros colocados atrás, que os *entraîneurs* montavam, protegidos por pesados capacetes de choque e pesada indumentária de cabedal, todos inclinados para a frente, a fim de servirem aos corredores de anteparo contra a resistência do ar; os corredores com os seus capacetes mais leves, de choque, quase deitados sobre o guiador, fazendo girar com as pernas as enormes rodas dentadas e as pequenas rodas da frente, tocando o cilindro por detrás da máquina que lhes oferecia protecção e os duelos, mais excitantes do que qualquer outra coisa no mundo, o estampido das motocicletas e os corredores quase colados uns aos outros, subindo e descendo em círculos, a uma velocidade mortal até que um dos homens. não aguentando aquele ritmo. se descolava do pelotão, perdendo desse modo a protecção contra a sólida muralha de ar que, nessa altura, o apanhava.

Havia muitas espécies de corridas. Os *sprints* em linha recta, que se realizavam em provas de perícia ou em corridas de competição, nas quais os dois corredores se baloiçavam nas respectivas bicicletas uma boa porção de segundos, na luta de levar o outro corredor a assumir o comando e, depois, o lançamento em lentas voltas circulares até ao mergulho final na pureza empolgante da velocidade. Havia as corridas de grupo, que duravam duas horas, com uma série de *sprints* nas corridas para preencher a tarde, as provas de velocidade absoluta com um só homem correndo uma hora contra-relógio e as corridas terrivelmente perigosas e belas de 100 quilómetros e de 500 metros de pista de madeira inclinadíssima do *Stade Buffalo*, o estádio ao ar livre de Montrouge onde corriam atrás de uma escolta de motocicletas. Lembro-me de ver Linart, o grande campeão belga, cujo perfil lhe valera a alcunha de Sioux, inclinando a cabeça para bebericar *cherry-brandy* por um tubo de borracha, que comunicava com um saco de água quente que trazia debaixo da camisola quando, lá para o fim da corrida, ao aumentar a sua diabólica velocidade, disso se encontrava necessitado. Lembro-me dos campeonatos de França travados nos 670 metros de pista de cimento do *Parc du Prince*, nas cercanias de Auteuil, a pior de todas as pistas, onde assistimos à queda do corredor Ganay e ouvimos o crânio dele despedaçar-se sob o capacete antichoque com um som de ovo cozido que num piquenique alguém partisse contra uma pedra. Hei-de escrever uma história acerca do estranho mundo da corrida dos 6 dias e das maravilhas das corridas em estrada de montanha. O francês é a única língua em que até hoje se escreveu convenientemente sobre o assunto e, como os termos são todos franceses, é difícil desenvolver semelhante tema. Mike tinha razão. Não há necessidade de apostar. Mas isso pertence a outra época de Paris.

A fome — excelente meio de disciplina

QUANDO em Paris não comia o suficiente, andava sempre cheio de fome, não só porque todas as padarias exibiam nas montras coisas de comer maravilhosas, mas também porque as pessoas se instalavam em mesas ao ar livre nos passeios, de maneira que, a cada momento, eu via comida e lhe sentia o cheiro. Quando abandonei o jornalismo e a América se não mostrava interessada em comprar o que eu escrevia, dizia em casa que ia almoçar com qualquer pessoa. Nessa altura, o melhor sítio para passear eram os jardins do Luxemburgo, onde se não dava por coisa alguma que se parecesse com cheiro ou sombra de comida durante todo o percurso que vai da *Place de l'Observatoire* até à *Rue de Vaugirard*. Depois, deparava-se-me a possibilidade de ir até ao museu do Luxemburgo, onde todos os quadros se tornavam mais nítidos, mais claros e mais belos quando o estômago vazio se me cavava de fome. Aprendi, nessas condições, a compreender Cézanne muito melhor e a perceber verdadeiramente como é que ele fizera as suas paisagens quando não conseguia satisfazer o meu apetite. Costumava perguntar a mim próprio se também ele estaria com fome quando pintava; depois, pensava que talvez ele, nessas alturas, se esquecesse até de comer. Era um daqueles pensamentos mórbidos mas luminosos que nos acodem quando não dormimos ou temos fome. Mais tarde, pensei que talvez Cézanne sofresse de uma espécie de fome diferente.

Atravessado o Luxemburgo, podia descer a estreita *Rue Férou* e continuar até à *Place St.-Sulpice* onde não havia restaurantes. Naquele recanto tranquilo só havia bancos e árvores. uma fonte com leões e pombas passeando no pavimento ou empoleiradas nas estátuas dos bispos. Havia ainda, do lado norte, a igreja e lojas que vendiam objectos religiosos e paramentos. Para além da praça é que se não podia continuar em direcção ao rio sem se passar por

estabelecimentos que vendiam fruta, hortaliças, vinhos, pão e ainda por padarias e pastelarias. Mas, escolhendo cuidadosamente o meu caminho, podia voltar à direita, rodeando a catedral cinzenta e branca, alcançar a *Rue de l'Odéon* e voltar à direita em demanda da livraria de Sylvia Beach. Optando por esse caminho, poucos estabelecimentos dessa natureza encontrava. A *Rue de l'Odeon* não tinha nenhum. Ao chegar ao n.º 12 dessa rua, já eu conseguira subjugar a fome, mas todas as minhas percepções se encontravam novamente aguçadas. As fotografias pareciam diferentes e reparava em livros que nunca até ali me haviam atraído a atenção.

Você anda magríssimo, Hemingway — dizia Sylvia. — Você come o suficiente?

Com certeza.

Que é que comeu ao almoço?

Embora o estômago se me virasse, respondia:

Vou agora para casa, almoçar.

Às três horas?

Não sabia que era assim tão tarde.

A noite passada, a Adrienne disse que queria convidá-los — a si e à Hadley — para jantar. Convidávamos também o Fargue. Você gosta do Fargue, não gosta? Ou o Larbaud. Você gosta dele; sei que gosta. Ou então poderá convidar-se alguém que você realmente aprecie. É capaz de transmitir este convite à Hadley?

Ela terá certamente o maior prazer em aceitar.

Eu mando-lhe uma carta pneumática. Já que anda a comer mal, não trabalhe demasiado.

Sossegue, que assim farei.

Agora vá para casa antes que lhe passe por completo a hora do almoço.

Lá em casa guardam-mo.

E não coma nada frio. Coma um bom almoço quente.

Não veio correspondência nenhuma para mim?

Não me parece. No entanto. vou ver.

E Sylvia foi examinar o correio. Encontrou um recado. Ergueu uns olhos alegres; depois, abriu uma gaveta de secretária que tinha

fechada à chave.

Chegou isto na minha ausência — disse.

Era uma carta e tinha aspecto de conter dinheiro.

Wedderkop — continuou Sylvia.

Deve ser do *Der Querschnitt*. Falou com o Wedderkop?

NãO. Mas estive aqui com o George. Ele falará consigo. NãO se apoquente. Talvez lhe quisesse pagar primeiro.

São seiscentos francos. E diz que há-de pagar-me mais.

NãO calcula que feliz me sinto por você me ter dito que visse o correio. Que amor que você foi!

É realmente uma coisa bem apanhada, isto de a Alemanha ser o unico país onde consigo colocar alguma coisa! Só ele e o *Frankfurter Zeitung* é que aceitam a minha colaboração.

Realmente! Mas não se aflija com isso. Até pode vender histórias ao Ford — disse ela para me arreliar.

A trinta francos a página! Ou seja: um conto de três em três meses no *The Transatlantic*. Um conto de cinco páginas rende 150 francos por trimestre. Seiscentos francos por ano.

Mas. Hemingway, não se apoquente com o que eles lhe pagam agora. O que interessa é que você os continue a escrever.

Bem sei. Sinto-me capaz de os escrever. Mas, se ninguém mos comprar? Desde que abandonei o jornalismo, dinheiro é coisa que não entra.

Eles venderão os seus contos. Ainda agora acaba de receber o dinheiro de um!

Desculpe, Sylvia. Desculpe o ter-lhe falado nestas coisas.

Desculpe o quê? Fale sempre no que quiser. NãO sabe então que todos os escritores têm o costume de falar constantemente naquilo que os preocupa? Mas prometa-me que se não preocupará e que comerá o suficiente.

Prometo.

Então vá para casa almoçar.

Ao ver-me de novo na *Rue de l'Odeon*, senti-me desgostoso comigo próprio por me ter queixado da vida. Se andava assim. a culpa era toda minha porque assim o decidira; afinal, andava a

proceder de uma maneira estúpida. Devia ter comprado e comido um bom pedaço de pão, em vez de ter eliminado uma refeição. Parecia-me sentir na boca o sabor de uma bela côdea tostada. Mas, sem se beber qualquer coisa, fica-se com a boca seca. «Raio de piegas que tu és! Armares-te assim em santo e em mártir de trazer por casa!» disse para comigo próprio. «Deixas o jornalismo porque queres. Tens crédito e a Sylvia não se importaria de te emprestar dinheiro. Já o tem feito muitas vezes. E, afinal, tu não tens mais que fazer que pores-te para aí com pieguices! A fome é saudável e os quadros até parecem melhores quando se tem o estômago vazio. Mas também comer é uma coisa maravilhosa e sabes tu onde é que vais comer agora mesmo? Pois é ao Lipp que vais comer e beber.»

Dali ao Lipp era um bocado e todos os sítios que o meu estômago reconhecia, tão velozmente como os olhos e o nariz nos revelavam, aumentavam o prazer daquele passeio. Havia poucos clientes na *brasserie* e, quando me sentei no banco encostado à parede, com o espelho por detrás e uma mesa à minha frente e o criado me perguntou se eu queria cerveja, pedi um *distingué*, que é uma grande caneca de litro, e uma salada de batata.

A cerveja estava muito fresca. Soube-me maravilhosamente. As *pommes à l'huile* estavam rijas e bem temperadas e o azeite era delicioso. Moí pimenta negra por cima das batatas e molhei o pão no azeite. Depois do primeiro e largo trago de cerveja, comecei a comer e a beber com todo o vagar. Acabadas as *pommes à l'huile*, pedi mais uma dose e um *cervelas*, prato que consiste numa salsicha semelhante a uma fatia grossa e larga de *frankfurter* cortada ao meio e coberta de um molho de mostarda especial.

Ensopei o pão no azeite e no molho e bebi lentamente a cerveja até que esta aqueceu: depois, acabei com ela e mandei vir um *demi* a cuja tiragem assisti. Pareceu-me mais fresco que o *distingué* e bebi logo metade dele.

Até ali eu não me havia preocupado. Sabia que os contos eram bons e que alguém acabaria por publicá-los no meu país. Ao abandonar o jornalismo, fizera-o na certeza de que os contos

seriam publicados. Mas quantos mandara, quantos me foram devolvidos. O que me incutira toda aquela confiança fora o facto de Edward O'Brien ter aceitado o meu conto intitulado «O Meu Velhote» para o livro «Os Melhores Contos» e, depois, o facto de ter dedicado o livro desse ano à minha pessoa. Ao pensar naquilo, ri-me e bebi mais um gole de cerveja. A história nunca fora publicada em magazine e, escolhendo-a para o livro, ele quebrara todas as regras. Ri-me de novo. O criado pôs-se a olhar para mim. Era engraçado porque, depois daquilo tudo, ele tinha escrito mal o meu nome. Tratava-se de um dos contos a que fiquei reduzido, pois tudo o que escrevera fora nessa altura roubado na *gare* de Lyon da mala de Hadley quando ela, ao partir para Lausane, me levava todos os manuscritos com a ideia de me fazer uma surpresa que me permitisse trabalhar durante as férias na montanha. Tinha posto na mala, em pastas de papel de Manila, os trabalhos dactilografados e as cópias. A única razão que me permitira dispor ainda daquele conto fora o facto de certo editor o ter devolvido a Lincoln Steffens, que se encarregara de o colocar. O conto que me restava chamava-se *A Montante do Michigan* e fora escrito antes de Miss Stein nos ter ido visitar a casa. Nunca o copiara devido ao facto de ela o ter declarado *inaccrochable*. Tinha-o atirado para o fundo de qualquer gaveta.

Terminada a nossa estadia em Lausana, fui até Itália. Mostrei a história sobre as corridas a O'Brien, que era um homem afável, tímido e pálido, de olhos azuis e cabelo liso e fraco, que ele próprio cortava e que vivia como pensionista num mosteiro para lá de Rapallo. Tempos difíceis, esses, em que eu me convencera de que não era capaz de escrever mais nada! Mostrei-lhe o conto como mera curiosidade, como se pode estupidamente mostrar a bitácula de um navio que perdemos de forma inconcebível ou como se pode mostrar uma bota, acompanhando o gesto com uma graça a respeito do pé que perdemos num desastre.

Depois de ele ter lido a história, compreendi que se sentia muito mais amargurado do que eu. Nunca vi ninguém tão amargurado por qualquer coisa, que não a morte ou um sofrimento incomportável,

como Hadley quando me contou o caso do roubo dos originais. Chorava tanto que nem podia falar. Eu disse-lhe que, por muito terrível que fosse o que me queria contar, nunca poderia ser tão mau como isso e, fosse o que fosse, não tinha importância; ela que se não afligisse. Sempre haveria uma saída. Por fim, lá conseguiu contar-me tudo. Eu tinha quase a certeza de que ela não haveria de ter trazido também as cópias. Paguei a alguém para fazer reportagens para os jornais em meu lugar. Nessa altura, ganhava eu muito bem no jornalismo. Tomei o comboio de Paris. Afinal, ela tinha razão. Ainda me lembro do que fiz na noite em que cheguei a casa e verifiquei que assim era. Mas aquilo não tinha remédio e Chink ensinara-me a não especular sobre a desventura; por isso, disse a O'Brien que se não afligisse daquela maneira. Talvez fosse até bom para mim ter perdido os meus primeiros trabalhos. Disse-lhe tudo aquilo que geralmente serve para levantar o moral das tropas. Afirmei-lhe que ia recomeçar a escrever contos e, quando lho disse, embora me parecesse que se tratava de uma mentira para o desanuviar, sabia afinal que estava a falar verdade.

Depois, no Lipp, comecei a pensar na ocasião em que, pela primeira vez, depois de ter perdido tudo, consegui escrever um conto. Foi em Cortina d'Ampezzo quando voltei para junto de Hadley, depois de ter esquiado na Primavera, passatempo que tive de interromper para ir em serviço ao Rhineland e ao Ruhr. Tratava-se de uma história muito simples chamada «Fora da Estação», cujo final, que consistia no suicídio do velhote por enforcamento, eu acabara por suprimir. Fi-lo em obediência à minha nova teoria de que se poderia omitir tudo, desde que o fizéssemos voluntariamente e isso pudesse fortalecer a história e levar o leitor a imaginar coisas para além do que compreendera.

«Pois bem». pensei então, «agora faço-as de tal maneira que eles nem as percebem. Não pode haver grandes dúvidas a esse respeito. Não admira pois que as não queiram. Mas eles hão-de vir a compreendê-las da mesma forma por que compreendem a pintura. É só uma questão de tempo e de confiança.»

É preciso que uma pessoa saiba até onde pode ir quando se vê forçada a restringir a alimentação, de maneira que não exagere na lucidez do pensamento provocada pela fome. A fome é uma boa disciplina e ensina-nos muita coisa. E o facto de eles me não compreenderem significa que eu lhes levo um bom avanço. Isso sem dúvida alguma, hoje em dia, que não consigo comer ao ponto de satisfazer o meu apetite, encontro-me avançadíssimo em relação a eles. Por esse lado, tenho de admitir que seria mau se eles conseguissem perceber alguma coisa.

Sabia que teria de escrever um romance. Mas, depois de ter tentado — e com que dificuldade! — uns parágrafos que seriam a destilação da essência de uma novela — pareceu-me isso coisa impossível. Agora precisava de escrever histórias mais compridas, já que me queria treinar para maiores voos. Quando, em tempos, escrevera uma novela — a que se perdera no saco roubado da gare de Lyon — ainda eu possuía a lírica facilidade da adolescência, facilidade tão efçmera e ilusória como a própria juventude. Sabia que essa perda devia talvez ser considerada como uma vantagem. mas também sabia que tinha de escrever um romance. Contudo, havia de adiar isso até que sentisse necessidade irresistível de o fazer. Ficaria perdido se escrevesse um porque era o que eu fazia se comêssemos sempre com regularidade. Quando tivesse de o escrever. então só a ele me dedicaria. NÃO haveria qualquer espécie de alternativa. Tudo o que havia a fazer era pôr a massa a levedar. Entretanto, havia de escrever uma novela a respeito daquilo que eu conhecesse melhor.

Por essa altura, já eu tinha pago o cheque e saído, voltado à direita e atravessado a *Rue de Rennes*. de maneira a evitar o *Deux Magots*. onde cederia à tentação de tomar café, e ia subindo a *Rue Bonaparte*, que era o caminho mais curto para casa.

Qual era o assunto que eu conhecia melhor e não tivesse reduzido a escrito e perdido? NÃO havia afinal por onde escolher. A única coisa que havia a escolher eram as ruas que me levassem o mais depressa possível ao sítio onde trabalhava. Subi a *Rue*

Bonaparte até Guynemer; depois, a *Rue d'Assas* e a *Rue de Notre-Dame* até que me encontrei em frente do *Closerie des Lilas*.

Sentei-me a um canto com a luz da tarde a aflorar-me o ombro e comecei a escrever no meu caderno. O criado trouxe-me um *café crème* que deixei arrefecer antes de beber metade. até que acabei por me esquecer de beber o resto enquanto escrevia. Quando terminei a minha tarefa, não me apetecia abandonar o rio, a poça onde via as trutas e a superfície das águas, que se erguiam e baixavam mercê da resistência que os pilares da ponte lhes opunham. A história era a respeito de alguém que regressara da guerra. mas nunca esta se mencionava na referida história.

Mas, de manhã, o rio continuaria a esperar-me e eu teria de o descrever, bem como os campos e tudo o que iria acontecer. Tinha muitos dias à minha frente para ir tratando disso. Nada mais interessava. Sentia no bolso o dinheiro da Alemanha, de maneira que não havia problemas. E, quando esse acabasse, outro viria.

Tudo o que tinha a fazer naquele momento era assentar o cérebro até ao dia seguinte de manhã, altura em que novamente pegaria no trabalho.

Ford Madox Ford e o discípulo do Diabo

O café realmente bom que me ficava mais perto de casa, quando vivíamos no apartamento por cima da serração, no n.º 113 da *Rue de Notre-Dame-des-Champs*, era o *Closerie des Lilas* — um dos melhores de Paris. No Inverno fazia calor lá dentro e no Outono estava-se lindamente cá fora, tanto do lado da estátua do marechal Ney, onde as mesas se alinhavam á sombra das árvores, como no sítio onde as mesas, quadradas e de bom tamanho, se encontravam dispostas sob enormes toldos ao longo do *boulevard*. Havia lá dois criados que muito nos estimavam. Os clientes do *Dôme* e do *Rotonde* nunca apareciam no *Lilas*. Não tinham por lá ninguém conhecido e ninguém se dignaria olhar para eles se por lá aparecessem. Nesse tempo, acudia muita gente aos cafés das esquinas do *Boulevard Montparnasse* e do *Boulevard Raspail* so para ser vista em público e, de certo modo, esses locais foram os precursores dos comentaristas dos jornais como substitutes diários da caca á imortalidade.

O *Closerie des Lilas* fora em tempos um café onde os poetas se reuniam com maior ou menor regularidade, e o último poeta importante que o frequentou foi Paul Fort, que eu nunca lera. Mas o único poeta que lá vi foi Blaise Cendrars, com o seu rosto escalavrado de *boxeur* e a sua manga vazia voltada para cima e pregada com alfinetes, enrolando um cigarro com a mão que lhe restava. Foi bom companheiro até ao dia em que começou a beber demasiado. Nessa altura, quando mentia, era mais interessante do que muitos homens quando contavam histórias autênticas. Era, pois, o único poeta que, nesse tempo, aparecia no *Lilas* e mesmo assim só lá o vi uma vez. A maior parte dos clientes eram homens barbudos de certa idade, que usavam fatos quase no fio e vinham acompanhados das mulheres ou das amantes. Alguns ostentavam fitas vermelhas da Legião de Honra nas lapelas. O nosso optimismo

levava-nos a supô-los cientistas ou *savants*. Demoravam-se em frente de um aperitivo tanto tempo como os homens de roupas mais velhas que ali se instalavam com as mulheres ou com as amantes em frente de um *café crème* e ostentavam a fita cor de púrpura das Palmas da Academia, o que nada tinha que ver com a Academia Francesa e significava — supúnhamos nós — que esses indivíduos eram professores do ensino secundário ou do ensino superior.

Essa gente transformava aquele café num lugar agradável visto que ali todos se encontravam interessados uns nos outros, nos cafés ou infusões; nos jornais e periódicos presos em varas de madeira e ninguém lá ia com o propósito de se exhibir.

Havia ainda outra espécie de homens que viviam no bairro e frequentavam o *Lilas*. Alguns usavam a fita da *Croix de Guerre* na lapela. Outros, ainda, ostentavam o amarelo e verde da *Médaille Militaire*. Eu punha-me a observar a maneira como protegidos por pálpebras e sobancelhas sem cor, puseram-se a ver o movimento do *boulevard*.

— Passei os melhores anos da minha vida a lutar por que esses animais fossem mortos humanamente — disse ele.

— Já me disse isso uma vez — acudi eu.

— Não me parece.

— Tenho a certeza absoluta.

— Pois acho isso muito estranho. Nunca na minha vida o disse a ninguém!

— Quer tomar alguma coisa?

O criado apareceu e Ford disse-lhe que queria um *Chambéry Cassis*. O criado, que era alto e magro, dissimulava a calvície do alto da cabeça com o restante cabelo e usava um bigode no velho estilo dos dragões, repetiu o pedido.

— Não — disse Ford. — Prefiro uma *fine-à-l'eau*.

— Uma *fine-à-l'eau* para este senhor — disse o criado, cumprindo a ordem.

Sempre que me era possível, eu evitava olhar para Ford e retinha a respiração quando me encontrava com ele num recinto fechado,

mas ali estava-se ao ar livre e as folhas caídas corriam ao longo dos passeios do meu lado da mesa para o dele; por isso, olhei-o bem de frente. Mas logo me arrependi de o ter feito, desviando os olhos para o outro lado do *boulevard*. A luz mudara mais uma vez e eu perdera essa transformação. Tomei uma bebida a ver se a chegada de Ford lhe haveria estragado o sabor, mas ainda me soube bem.

— Você está hoje muito carrancudo — disse ele.

— Não estou, não.

— Isso é que está. Devia sair mais vezes. Passei por aqui na ideia de o convidar para os saraus que damos naquele divertido *Bal Musette* que fica ao pé da *Place Contrescarpe*, na *Rue Cardinal Lemoine*.

— Vivi para esses lados dois anos antes da sua última viagem a Paris.

— É estranho! Tem a certeza disso?

— Tenho, sim — confirmei eu. — O dono desse *Bal Musette* tinha um táxi e, quando eu tinha de apanhar o avião, era ele quem me levava ao campo de aviação. Parávamos junto do bar de zinco do *Bal*; bebíamos um copo de vinho branco antes de luzir o buraco e só depois é que seguíamos para o campo de aviação.

— Nunca me deu para viajar de avião — disse Ford.— Você e a sua mulher que se preparem para irem no sábado á noite ao *Bal Musette*. É animadíssimo. Eu faço-lhe aqui um mapa para você dar com ele. Foi absolutamente por acaso que o descobri.

— Fica por baixo do 74 da *Rue Cardinal Lemoine* — disse eu. — Vivi lá, no 3.^o andar.

— Não tem número — disse Ford. — Mas não lhe custará dar com ele se for capaz de descobrir a *Place Contrescarpe*.

Tomei outra boa bebida. O criado trouxe o que Ford lhe pedira, mas este começou a discutir.

— Eu não pedi um brande com soda — disse, com ar desanimado e severo ao mesmo tempo.—Pedi um vermute Chambéry com Cassis.

— Não tem dúvida, Jean — disse eu. — Eu fico com a *fine*. Sirva a este senhor o que ele lhe pediu agora.

— O que eu já tinha pedido — emendou Ford.

Nesse momento, um homem quase esquelético, de capa, surgiu no passeio. Ia com uma mulher alta e olhou para a nossa mesa; depois, desviando os olhos, continuou o seu caminho ao longo do *boulevard*.

— Deu por eu fazer de conta que o não via? — perguntou Ford.

— Não, não reparei — respondi eu. — Quem é que você fingiu que não via?

— Belloc — disse Ford. — *Fingi* que o não via.

— Pois não dei por isso — tornei eu. — E porque é que fez de conta que o não via?

— Por todas as razões e mais uma — respondeu Ford.— Fiz de conta que não era nada comigo.

Ao dizer aquilo, parecia nadar em satisfação. Eu nunca tinha visto Belloc e não acreditava que ele tivesse dado pela nossa presença. Pareceu-me muito simplesmente que ele ia a pensar em qualquer coisa e que, ao olhar para a mesa, o fizera maquinalmente. Escandalizou-me muito o facto de Ford ter sido malcriado para com ele. pois, na minha qualidade de jovem que começava, nessa altura, a sua educação, professava um grande respeito por ele, que era um escritor mais velho do que eu. Isto, actualmente, não se compreende, mas, naquele tempo, era coisa vulgar.

Achava que teria sido um prazer ver Belloc parar junto da mesa; talvez tivesse até, nessa altura, oportunidade de lhe ser apresentado. O facto de Ford ter dado comigo estragara-me a tarde, mas talvez Belloc a tivesse consertado um pouco.

— Porque é que você bebe aguardente? — perguntou-me Ford.

— Não sabe que, num jovem escritor. o hábito de beber aguardente, o pode levar á ruína?

— Bebo-a poucas vezes — respondi. Estava a ver se me compenetrava do que Ezra Pound me dissera a respeito de Ford: que nunca o devia tratar com aspereza; que devia lembrar-me de que ele só mentia quando andava muito fatigado, mas que era realmente um bom escritor e que tinha passado por perturbações

domésticas consideráveis. Esforcei-me o mais que pude por pensar nessas coisas, mas a presença ignóbil, pesada e resfolegante de Ford em pessoa ali, tão perto de mim que lhe podia tocar, tornava-me difícil semelhante tarefa. No entanto, fiz quanto pude nesse sentido.

— Diga-me lá porque é que uma pessoa deve fingir que ignora os outros — disse. Até então, eu supunha que isso apenas acontecia nas novelas de Ouida. É certo que eu jamais conseguira ler uma novela de Ouida, nem sequer nas estâncias de esqui da Suíça, quando já não tinha que ler, o vento húmido do sul chegava e apenas as edições ultrapassadas da Tauchnitz de antes da guerra me restavam. Mas, devido a uma espécie de sexto sentido, eu tinha a certeza de que, nas novelas de Ouida, as pessoas se ignoravam umas às outras.

— Um cavalheiro — explicou Ford — é sempre forçado a ignorar um grosseirão.

Bebi rapidamente um golo de brande,

— Também deverá ignorar um patife? — perguntei.

— Um cavalheiro nunca poderá dar-se com um patife.

— Nesse caso, só se pode cortar com uma pessoa que conheçamos em termos de igualdade — prossegui.

— Naturalmente.

— Nesse caso, como é que se compreende que seja possível travar relações com um grosseirão?

— Podemos ignorar que se trata de um indivíduo desses. ou então, tratar-se de pessoa que só mais tarde reconhecemos como tal.

— E que vem a ser um grosseirão? — perguntei. — Não será uma dessas pessoas que convém pôr á margem?

— Nem sempre — redarguiu Ford.

— O Ezra é um cavalheiro? — perguntei.

— Claro que não. — respondeu Ford. — É um americano.

— Então um americano não poderá ser um cavalheiro?

— Sim, talvez o John Quinn — explicou Ford. — E alguns dos vossos embaixadores.

— E Myron T. Herrick?
— É possível.
— E Henry James era um cavalheiro?
— Andava muito perto disso.
— E você é um cavalheiro?
— Pois claro. E por nomeação de Sua Majestade.
— Acho isso muito complicado. E eu, serei um cavalheiro?
— De forma alguma — disse Ford.
— Nesse caso, porque é que bebe na minha companhia?
— Bebo com você porque o considero um jovem escritor de boas perspectivas. Ou, melhor dizendo, porque é meu colega nas letras.
— Que amabilidade da sua parte! — exclamei eu.
— Na Itália, você poderia passar por um cavalheiro — admitiu Ford, magnânimo.
— Então acha que não sou um grosseirão?
— Claro que não, meu caro. Quem é que disse uma coisa dessas?
— Posso muito bem vir a dar nisso — respondi melancolicamente. — Assim a beber aguardente, e tudo... Foi o que aconteceu com Lord Harry Hotspur Trollope. Diga-me, acha que Trollope era um cavalheiro?
— Claro que não.
— Tem a certeza disso?
— Haverá quem tenha duas opiniões a esse respeito. Eu não sou desses.
— E Fielding? Esse era juiz.
— No campo técnico talvez o fosse.
— E Marlowe?
— Claro que não.
— E John Donne?
— Esse era padre.
— Isto é fascinante — declarei eu.
— Ainda bem que o interessa — disse Ford. — Vou tomar consigo um brande com água, antes de me ir embora.
Já era noite quando Ford se retirou. Fui até ao quiosque onde comprei um *Paris Sport Complet* — a última edição vespertina do

jornal, que trazia os resultados de Auteuil e a constituição da corrida do dia seguinte em Enghien. O criado Émile, que, por essa altura, já viera substituir Jean, veio junto da minha mesa saber os resultados da última corrida de Auteuil. Um grande amigo meu, que raramente aparecia no *Lilas*, veio até á minha mesa e sentou-se. Precisamente na altura em que o meu amigo dizia a Émile o que queria tomar, o homem esquelético da capa surgiu diante de nós no passeio, acompanhado da mulher alta. O seu olhar flutuou na direcção da mesa para logo se desviar.

— É o Hilaire Belloc — disse eu ao meu amigo. — O Ford esteve aqui esta tarde e fez de conta que o não tinha visto.

— Não sejas parvo — replicou o meu amigo. — Aquele é o mágico Aleister Crowley. Dizem que é o homem mais vil deste mundo.

— Desculpa—disse eu.

O nascimento de uma nova escola

Os cadernos de capa azul, os dois lápis, o apara-lápis (um canivete estragaria muito lápis), as mesas de tampo de mármore, o perfume da manhã mal desabrochada, apagar, emendar e sorte — eis quanto me bastava. Para me dar sorte, trazia sempre comigo, no bolso direito, uma castanha brava e uma pata de coelho. Havia muito tempo que o pêlo da pata se fora e que os ossos à mostra brilhavam, polidos pelo uso. As unhas abriam-se no forro do bolso e eu sentia que continuava protegido pela sorte.

Em certos dias, corria tudo tão bem que me parecia estar a ver o campo com tamanha nitidez que era como se eu andasse a passear nele por entre os toros de madeira até ir desembocar na clareira de onde, em seguida, subiria até aos pontos mais altos, para de lá me pôr a contemplar os montes que se perfilavam para além do lago. Às vezes, a mina do lápis partia-se no bico cónico do apara-lápis e, nessa altura, eu servia-me do canivete para o desobstruir ou aparava cuidadosamente o lápis com a lâmina aguçada e depois passava o braço através da correia de cabedal manchada de suor do meu fardo para de novo o transportar; passava também o outro braço através das correias e sentia o peso todo assentar-me nas costas bem como as agulhas de pinheiro rangerem sob os meus mocassins enquanto ia empreendendo a descida até ao lago.

Era precisamente nessa altura que ouvia alguém dizer:

— Olá, Hem! Que é que andas a fazer por aqui? A escrever num café?

Lá se ia a sorte e lá tinha eu de fechar o caderno! Isto era a pior coisa que me podia acontecer. Se conseguisse dominar-me, já não era assim tão mau, mas, nessa época, eu não possuía grande capacidade para dominar o meu mau génio e dizia:

— Ó meu indecente, meu filho de uma cadela, que vens tu cheirar aqui, fora dos chavascals por onde costumavas andar?

— Não te ponhas a insultar-me só para armares em excêntrico!
— Cala-me lá essa boca indecente e põe-te a mexer, anda!
— Isto aqui é um lugar público. Tenho tanto direito a estar aqui como tu.

— Porque é que não vais até à *Petite Chaumière*, que é o teu poiso?

Santo Deus! Não sejas tão arrelhador!

O que eu tinha a fazer em circunstâncias que tais era sair dali e esperar que aquilo não passasse de uma visita ocasional. Sendo assim, o visitante teria aparecido por acaso e não haveria invasão. Havia outros cafés bons para se trabalhar mas ficavam bastante longe e aquele é que era o meu café. Era muito desagradável ser-se expulso do *Closerie des Lilas*. Ou tinha de aguentar aquilo ou de me ir embora. Talvez fosse mais sensato ir-me embora, mas a cólera começara a dominar-me. Disse então:

— Ouve, um estupor como tu tem muitos sitios para onde ir. Porque é que te havia de dar na telha vires emporcalhar um *café decente*?

— Entrei só para beber alguma coisa. Que mal há nisso?

— Olha, se fosse em casa e te servissem, partiam logo o copo em seguida.

— E onde é isso de casa? Deve tratar-se de um lugar encantador.

Foi sentar-se na mesa seguinte. Era um rapaz alto e gordo, de óculos. Mandara vir cerveja. Deliberei ignorá-lo e ver se conseguia continuar a escrever. Por isso, ignorei-o e escrevi duas frases.

— Tudo o que fiz foi dirigir-te a palavra.

Continuei com o meu trabalho. Escrevi mais uma frase. Quando as coisas estão a correr bem e nós vivemos o assunto intensamente, parar torna-se difícil.

— Suponho que te consideras tão importante que já ninguém te chega.

Escrevi nova frase com a qual terminei o parágrafo, que reli. O trabalho continuava a correr-me bem. Escrevi a primeira frase do parágrafo seguinte.

— Nunca pensas nos outros nem te lembras de que também eles poderão ter os seus problemas.

Toda a minha vida tenho escutado lamentações. Descobri que podia continuar a escrever e que aquilo não era pior do que quaisquer outros ruídos; era certamente melhor do que Ezra aprendendo a tocar fagote.

— Supõe que pretendias ser escritor; que sentias a vocação em todo o teu ser e que a coisa não vinha.

Continuei a escrever e começava não sòmente a ter sorte como igualmente inspiração.

— Supõe que a coisa surgiu em tempos; que foi uma espécie de torrente irresistível e que depois me deixou mudo e silencioso.

Antes mudo que barulhento — pensei eu, continuando a escrever. Ele agora ia lançado a toda a brida e as frases incríveis que pronunciava produziam-me o efeito calmante de uma prancha ao ser violada na fábrica de serração.

— Fomos à Grécia — ouvi-o dizer mais tarde. — Havia um bom bocado que deixara de o ouvir, a não ser sob a forma de ruído. Naquele momento já adiantara bastante o meu trabalho; podia abandoná-lo e prosseguir no dia seguinte de manhã.

— Disseste que adoptaste costumes próprios da Grécia ou que foste lá?

— Não sejas grosseiro — disse ele. — Não queres saber o resto?

— Não — respondi, fechando o caderno e metendo-o na algibeira.

— Não queres saber como é que a vocação surgiu?

— Não.

— Serás insensível à vida e ao sofrimento do teu semelhante?

— Ao teu, sou.

— És uma criatura abominável.

— Pois sou.

— Sempre julguei que me quisesses ajudar, Hem.

— O que me apetecia era matar-te.

— Eras capaz disso?

— Não. Há uma lei que me não permite fazê-lo.

— Pois eu era capaz de fazer tudo por ti.
— Ai, eras?
— Claro que era.
— Então, vai para o Inferno e deixa este café. Começa por aí...
Levantei-me. O criado apareceu e eu paguei a conta.
— Posso acompanhar-te até à serração. Hem?
— Não.
— Nesse caso, apareço noutra altura.
— Aqui não.
— Tens razão — disse ele. — Prometido.
— Que andas tu a escrever? — Ao perguntar tal coisa, vi logo que acabara de cometer um erro.
— Ando a escrever o melhor que posso. Tal como tu. Mas é tão difícil. É tremendo!
— Se não consegues escrever, não escrevas. Porque é que há-de passar a vida a lamentar-te por causa disso? Vai para casa. Arranja um emprego. Enforca-te. Mas, ao menos, cala-te com isso. Nunca serás capaz de escrever.
— Porque é que dizes isso?
— Já alguma vez te ouviste quando falas?
— Mas e de escrever que eu estou a falar.
— Então, cala-te.
— És muito cruel — disse ele. — Toda a gente tem dito sempre que tu és cruel, que não tens coração e que, além disso, és um presunçoso. E eu sempre te defendi. Mas, daqui em diante, acabou-se.
— Belo!
Como é que tu podes ser tão cruel para com um ente humano?
— Não sei — respondi eu. — Olha, se não consegues escrever, porque é que não aprendes a fazer crítica?
— Achas que serei capaz disso?
— Seria esplêndido — disse-lhe eu. — É um género em que se consegue sempre escrever. Nessa altura, não há grandes preocupações se a coisa sai ou não sai e se nos mantemos

silenciosos e mudos ou não. As pessoas lêem os críticos e respeitam as suas opiniões.

— Achas que eu poderei dar um bom crítico?

— Lá que categoria será a tua nesse género, não sei. Mas que podes dar um crítico, isso podes. Há-de haver pessoas dispostas a ajudar-te e tu próprio poderás ajudar os teus.

— Que queres dizer com isso dos «meus»?

— Os que andam contigo.

— Oh, esses! Já têm os seus críticos.

— Mas tu não és obrigado a criticar livros — tornei eu. — Há a pintura, o teatro, o *ballet*, o cinema...

— Só de te ouvir falar assim, acho a crítica uma coisa fascinante, Hem. Entusiasma. E é também um verdadeiro trabalho de criação.

— A criação anda provavelmente superestimada. No fim de contas, Deus criou o mundo em seis dias apenas e descansou ao sétimo.

— Claro que não há nada que me impeça de produzir também trabalho literário de inspiração.

— Nem por sombras. A não ser que, dada a tua função crítica, te dê para estabeleceres a ti próprio padrões de altura inacessível.

— Hão-de ser elevados, podes contar com isso.

— Tenho a certeza disso.

Já se sentia crítico; por isso, perguntei-lhe se queria beber alguma coisa. Aceitou.

— Hem — começou ele, e eu compreendi que ele já começava a arvorar-se em crítico, uma vez que, na conversação, colocava o nome da pessoa no começo da frase em vez de o relegar para o fim —, tenho a dizer-te que acho os teus trabalhos um bocadinho rígidos.

— Que pena! — exclamei eu.

— Hem, são demasiado sóbrios; são descarnados.

— Que pouca sorte a minha!

— Hem, acho-os demasiado rígidos, demasiado sóbrios, excessivamente descarnados, demasiado duros.

Apalpei, com gesto contrito, a pata de coelho que tinha na algibeira. — Tentarei enriquecê-lo um bocadinho.

— Mas vê lá, também o não quero excessivo.

— Hal — disse eu, tentando falar como um crítico.—Hei-de evitar isso tanto quanto me for possível.

— Ainda bem que vemos a coisa pelo mesmo prisma — disse ele com vigor.

— Não te esquecerás de que não deves aparecer por aqui quando eu estiver a trabalhar?

— Claro que não, Hem. Evidentemente. Agora, passarei a ter o meu próprio café.

— És muito amável.

— Estou a fazer por isso — respondeu.

Seria curioso e edificante se o jovem se tivesse realmente convertido num crítico famoso, mas a verdade é que tal não aconteceu embora eu por uns tempos tivesse posto grandes esperanças nele.

Não me pareceu que ele viesse a aparecer-me no dia seguinte mas não quis correr o risco de me ver interrompido e resolvi dar um dia de folga ao *Closerie*. Por isso, na manhã seguinte, acordei cedo; fervei as tetinas de borracha e os biberões; preparei o leite; e dei um biberão ao sr. Bumby e pus-me a escrever na casa de jantar antes que alguém, a não ser ele, o gato F. Puss e eu estivéssemos acordados. Os dois mantinham-se muito sossegados e faziam-me boa companhia. Eu estava a trabalhar melhor do que nunca. Naquele tempo, não precisava realmente de nada, nem sequer da pata do coelho que, no entanto, me encorajava quando a sentia na algibeira.

Com Pascin no «Dôme»

ESTAVA uma tarde encantadora e eu trabalhara com afinco o dia inteiro. Deixei a minha casa, que ficava por cima da serrção; atravessei o pátio onde a madeira se empilhava; fechei a porta; atravessei a rua; entrei pela porta das traseiras da padaria, cuja fachada abria para o *Boulevard de Montparnasse*; saí dela, aspirando o belo cheiro a pão que se exalava do forno e desemboquei na rua. Lá fora, o dia ia no fim e eu fui avançando naquele crepúsculo precoce, rua acima, acabando por parar no terraço ao ar livre do restaurante *Négre de Toulouse*, onde os nossos guardanapos de xadrez vermelho e branco eram metidos em argolas de madeira na prateleira dos guardanapos, à espera de que nós fôssemos lá jantar. Li a ementa mimeografada a tinta cor de púrpura e vi que o *plat du jour* era *cassoulet*. Só a leitura de tal nome bastou para me fazer fome.

O proprietário, Mr. Lavigne, perguntou-me que tal me tinha corrido o trabalho e eu respondi-lhe que correra muito bem. Disse-me que me vira a trabalhar no terraço do *Closerie des Lilas* de manhã cedo, mas que não me fora falar para não me interromper.

— Deu-me a impressão de um homem sòzinho no meio de uma floresta — disse.

— Quando estou a trabalhar, fico cego como uma toupeira.

— Mas não estava na floresta, *monsieur*?

— Estava no ma to — respondi.

Subi a rua, olhando para as montras, feliz com aquela tarde de Primavera e com o movimento da rua. Nos três cafés principais vi pessoas que conhecia de vista e outras que conhecia e a quem falava. Mas havia sempre, à noite, quando as luzes se acendiam, muitas mais pessoas simpáticas que eu não conhecia e se dirigiam apressadamente para qualquer sítio em que beberiam e comeriam juntas para depois se entregarem ao amor. Nos cafés principais, as

peessoas poderiam fazer a mesma coisa ou poderiam beber, conversar e amar para serem vistas pelos outros.

As pessoas de quem eu gostava e que não conhecia iam aos grandes cafés porque se podiam perder neles; ninguém reparava nelas; podiam lá estar sós e estarem ao mesmo tempo acompanhadas. Nessa altura, os grandes cafés eram baratos e todos tinham boa cerveja e *apéritifs* a preços razoáveis, nitidamente marcados nos pratos que os acompanhavam.

Nessa noite, eu ia remoendo estes pensamentos que, se não eram originais, eram pelo menos sãos e sentia-me extraordinariamente virtuoso porque trabalhara bem e afincadamente num dia em que desejara com o maior ardor ir até às corridas. Mas, nesse tempo, eu não tinha dinheiro que me permitisse frequentar as corridas, ainda que estas pudessem render-me bons lucros se a elas me dedicasse. Isto passou-se antes da aplicação do teste da saliva e do emprego de outros processos de se descobrir se os cavalos tinham recebido estímulos artificiais e no tempo em que as injeções de estimulantes se aplicavam em larga escala. Mas valorizar os animais a que se aplicavam estimulantes e descobrir os sintomas disso no recinto fechado bem como a sua influência nas nossas percepções, o que por vezes aflora os limites do extra-sensorial, e apoiá-los depois com dinheiro que se não podia perder de maneira nenhuma, por fazer falta, não é coisa para um homem que tem mulher e um filho a sustentar e que quer a todo o custo progredir na arte de escrever. De qualquer maneira, éramos ainda muito pobres e eu, por essa altura, economizava ainda tão pouco que me via forçado a dizer que me convidavam para almoçar. Passava então duas horas a passear nos jardins do Luxemburgo e, quando regressava, descrevia a minha mulher as maravilhas de tais almoços. Quando se tem vinte anos e se é pesado por natureza, suprimir uma refeição faz muita fome. Mas também aguça todas as percepções, e eu descobri que muitos dos meus heróis eram criaturas de grande apetite; apreciavam e desejavam imenso a comida e a maior parte delas andava sempre atrás de uma bebida.

No *Nègre de Toulouse*, bebia-se o bom vinho de Cahors em quartos e metades de garrafa ou em garrafas inteiras, a que geralmente se misturava um terço de água. Na nossa casa — a tal que ficava por cima da serração — comprávamos um vinho corso muito afamado e barato. Era um vinho genuinamente corso, que se podia cortar meio por meio com água sem que perdesse o gosto característico.

Nesse tempo, podia-se viver muito bem em Paris com pouquíssimo dinheiro e, desde que, de quando em quando, se suprimisse uma refeição e se não comprassem nunca fatos novos, ainda era possível poupar-se qualquer coisa e gozar-se de uns certos luxos.

Voltando do *Select*, passei de largo ao ver Harold Stearns, que certamente haveria de querer falar de cavalos, esses animais que eu considerava então justificada e despreocupadamente como seres que eu acabara justamente de renegar.

Compenetrado do meu bom procedimento daquela noite, passei pelo grupo dos ocupantes do *Rotonde* e, desprezando o vício e o instinto colectivo, atravessei o *boulevard* em direcção ao *Dôme*. Também o *Dôme* estava cheio, mas de pessoas que haviam trabalhado durante o dia.

Havia por lá modelos que tinham estado a trabalhar, artistas que tinham pintado até haver luz e escritores que haviam terminado a sua tarefa do dia — melhor ou pior —, bebedores e individualidades, alguns dos quais eu conhecia, enquanto outros não passavam de mera decoração.

Avancei, indo sentar-me numa mesa com Pascin e dois modelos que eram irmãs. Pascin acenara-me com a mão ao ver-me no passeio da *Rue Delambre*, onde eu parara sem saber a que sítio havia de ir e se havia ou não de tomar uma bebida. Pascin era um óptimo pintor. Estava bêbedo, profunda e propositadamente bêbedo e, apesar de tudo, bastante lúcido. Os dois modelos eram jovens e bonitos. Uma das raparigas, muito morena, baixa e bem feita, oferecia um aspecto falsamente frágil de perversão. A outra possuía um ar infantil e sombrio mas era muito bonita, embora a sua beleza

fosse de uma qualidade infantil e efémera. Não era tão bem feita como a irmã mas ambas pareciam a própria Primavera.

— A boa e a má irmã — disse Pascin. — Tenho fundos. Que é que bebes?

— Uma *demi-blonde* — disse eu, dirigindo-me ao criado.

— Bebe um uísque. Já te disse que ando endinheirado.

— Mas eu gosto de cerveja.

— Se realmente gostas de cerveja, onde devias estar era no Lipp. Suponho que estiveste a trabalhar.

— Estive, sim.

— E a coisa vai?

— Espero que sim.

— Bom. Sinto-me satisfeito com isso. E tudo continua a agradar-te?

— Continua, pois.

— Que idade tens tu?

— Vinte e cinco.

— Queres dar-lhe uma tarefa? — perguntou Pascin, olhando com um sorriso para a irmã morena.—Ela está precisada disso.

— Naturalmente tu já a castigaste suficientemente por hoje.

Ela descerrou os lábios num sorriso que me era dirigido.

— Ele é mau mas simpático — disse.

— Podes levá-la para o estúdio.

— Não sejas porco — disse a irmã loira.

— Quem é que falou contigo? — perguntou-lhe Pascin.

— Ninguém. Mas apeteceu-me falar.

— Nada de cerimónias entre nós — disse Pascin. — O jovem e grave escritor, o velho pintor afectuoso e experiente e as duas belas raparigas com a vida toda à sua frente.

Ali nos deixámos ficar sentados. As raparigas bebericavam o que tinham à frente. Pascin bebeu mais uma *fine-à-l'eau* e eu bebi a cerveja, mas ninguém parecia à vontade a não ser Pascin. A rapariga morena nunca estava quieta; exhibia-se, voltando-se de perfil, a fim de que a luz lhe incidisse nos planos côncavos do rosto e mostrando-me os seios aprisionados na blusa de malha preta.

Usava o cabelo, que era liso e negro como o de uma oriental, bastante curto.

— Já posaste o dia inteiro — disse-lhe Pascin. — Ainda precisas de te empertigar toda aqui no café?

— Faço o que muito bem me apetece — respondeu a rapariga.

— Pareces um brinquedo javanês — tornou o pintor.

— Quanto aos olhos, não — respondeu ela. — É mais complicado do que isso.

— Pareces uma pobre e pequena *poupée* pervertida.

— Talvez — admitiu ela. — Mas viva, o que não acontece contigo.

— Havemos de ver isso.

— Bom — concordou ela. — Gosto de provas.

— Não tiveste nenhuma hoje?

— Oh, isso... — começou ela, voltando-se, a fim de captar no rosto os últimos raios de luz. — Isso foi excitação provocada pelo trabalho. Está apaixonado pelas telas — acrescentou, dirigindo-se a mim. — Há sempre nele qualquer coisa de porco.

— Querias que eu pintasse, te pagasse, tie moesse para me conservar lúcido e que, ainda por cima, estivesse apaixonado por ti, não? — disse ele. — Pobre bonequita!

— Gosta de mim, não é verdade, *monsieur*? — perguntou-me ela.

— Muiíssimo.

— Mas é demasiado alto — continuou ela, com voz triste.

— Na cama somos todos da mesma altura.

— Isso não é verdade — acudiu a irmã. — E eu estou farta dessa conversa.

— Olha — disse Pascin —, se estás convencida de que estou apaixonado pelas telas, amanhã pinto-te a aguarela.'

— Quando é que se come? — perguntou a irmã. — E onde?

— Quer jantar connosco? — perguntou a rapariga morena.

— Não. Tenho de jantar com a minha *légitime*. — Era assim que, naquela altura, se dizia. Agora, dizem a minha *régulière*.

— Tem mesmo de ir?

— Tenho de ir e quero ir.

— Nesse caso, vai — disse Pascin. — E, vê lá, não vás apaixonar-te pela máquina de escrever.

— Se isso acontecer, escreverei a lápis.

— Amanhã, aguarela — disse ele. — Muito bem, minhas filhas. Vou só beber mais uma coisita e depois iremos comer aonde vocês quiserem.

— Ao Vicking — sugeriu a morena.

— Estou de acordo — apressou-se a dizer a irmã.

— Muito bem — concordou Pascin. — Boa noite, *jeune homme*.
Dorme bem.

— Desejo-te o mesmo.

Elas não me deixam descansar — disse ele. — Não durmo nunca.

— Pois dorme esta noite.

— Depois de *Chez Les Vikings?* — Com o chapéu deitado para trás, Pascin fez uma careta. Parecia mais um frequentador típico da Broadway de novecentos do que o pintor adorável que era e, mais tarde, depois de ele se ter enforcado, agradava-me evocá-lo tal como naquela noite o vi no *Dôme*. Dizem que as sementes daquilo que havemos de realizar se encontram todas já dentro de nós, mas sempre me pareceu que, naqueles que troçam da vida, as sementes se encontram cobertas de melhor terra e de uma percentagem mais alta de adubo.

Ezra Pound e o seu «Bel Esprit»

EZRA POUND foi sempre um bom amigo e andava constantemente empenhado em auxiliar os outros. O estúdio em que vivia com Dorothy, sua mulher, na *Rue Notre-Dame-des-Champs*, era tão pobre quanto o de Gertrude Stein era rico. Mas possuía uma óptima luz, fogão de aquecimento e encontrava-se decorado com pinturas de artistas japoneses das suas relações. Esses artistas eram todos nobres nas suas terras. O cabelo, muito negro e bastante comprido, reluzia e caía-lhes para a frente quando faziam medidas. Impressionavam-me profundamente embora não gostasse dos seus quadros. Não os compreendia, mas a verdade é que eles não possuíam qualquer espécie de mistério e, quando cheguei a compreendê-los, deixei por completo de me interessar por tais artistas, facto que lamentei mas que era superior a mim próprio.

Dos quadros de Dorothy, gostava muito. Além disso, achava-a muito bonita e admiravelmente modelada. Também gostava da cabeça de Ezra modelada por Gaudier-Brzeska e gostava de todas as fotografias das obras deste escultor, que Ezra me mostrou e que figuravam no livro que ele escreveu acerca do artista. Ezra também apreciava a pintura de Picabia, que eu, nessa altura, considerava sem valor. Também me desagradava a pintura de Wyndham Lewis, que Ezra apreciava muitíssimo. Gostava dos trabalhos dos seus amigos, o que será muito belo como prova de lealdade, mas desastroso no plano da crítica. Nunca discutíamos tais coisas porque eu não abria bico a respeito daquilo que não apreciava. Se um homem gostava da pintura ou das obras literárias dos seus amigos, eu considerava essa preferência um fenómeno semelhante ao que leva as pessoas a gostarem da família. Ora não é delicado criticá-las por isso. Às vezes, levamos muito tempo a chegar à crítica da família, quer propriamente da nossa, quer da que se adquiriu por afinidade; é mais fácil adoptar semelhante atitude quanto à pintura

porque os seus autores não fazem as coisas terríveis nem o mal íntimo que as famílias podem fazer. Com os maus pintores, o que há a fazer é não olhar para as suas obras. Mas, quanto à família, mesmo quando se tenha aprendido a não olhar para ela nem a escutar o que diz nem a responder às suas cartas, ela dispõe ainda assim de muitas formas de nos afligir. Ezra era melhor e mostrava-se mais cristão para com as pessoas do que eu. Os seus próprios escritos, quando ele acertava, eram tão perfeitos e ele mostrava-se tão sincero que eu sempre o considerei uma espécie de santo. É certo que às vezes se deixava dominar pela cólera, mas talvez o mesmo se tenha verificado com muitos santos.

Ezra quis que eu o ensinasse a jogar o *box* e foi quando estávamos a praticar essa modalidade no estúdio, ao fim de uma tarde, que eu vi Wyndham Lewis pela primeira vez. Ezra começara havia pouco a sua aprendizagem do *box* e eu senti-me embaraçado por ter de o levar a exhibir-se diante de alguém conhecido. Tentei fazer com que ele se mostrasse tão competente quanto possível. Mas não consegui grande coisa porque ele não sabia a maneira de se esquivar e eu estava ainda a treiná-lo no sentido de trabalhar com a mão esquerda e de mover o pé esquerdo para a frente e de colocar o pé direito paralelamente ao esquerdo. Tratava-se muito simplesmente de movimentos básicos. Não consegui nunca ensiná-lo a atirar um golpe curvo com a esquerda, e ensiná-lo a retrair a direita era coisa em que, nessa altura, nem sequer se poderia pensar. Wyndham Lewis trazia um chapéu preto largo, que lhe dava o aspecto de uma figura típica do bairro e vestia como uma personagem de *La Bohème*. O rosto fazia-me lembrar uma rã, não uma rã grande dos Estados Unidos, mas uma rã vulgar e Paris devia ser um charco demasiado grande para ele. Nessa altura, nós supúnhamos que tanto escritores como pintores usavam os fatos que tinham e que não havia uniforme oficial para os artistas, mas Lewis usava ainda o figurino dos artistas de antes da Guerra. Quando se olhava para ele, uma pessoa sentia-se embaraçada, mas ele ia observando o treino com ar sobranceiro enquanto eu me ia

escapando aos golpes da esquerda de Ezra ou os aparava com a luva direita aberta.

Eu queria acabar com aquilo, mas Lewis tanto insistiu pela continuação do treino que eu cheguei à conclusão que ele, embora não percebesse nada do que se ia passando, esperava, desejava ver Ezra magoado. Contudo nada aconteceu. Sem nunca contra-atacar, eu mantinha o Ezra saltitando à minha volta, a estender a mão esquerda e a atirar socos com a mão direita. A certa altura, disse que já estávamos os dois fartos daquilo e lavámo-nos com um jarro de água; enxugámo-nos e eu tratei de enfiar a minha camisola. Bebemos qualquer coisa. Fiquei-me a escutar a conversa de Ezra e de Lewis, que girou toda à volta de pessoas de Londres e de Paris. Sem parecer olhar para ele, eu ia observando cuidadosamente Lewis, como se faz quando jogamos o *box*, e acabei por chegar à conclusão de que nunca vira um homem mais repelente do que aquele. Algumas pessoas mostram a sua maldade, tal como um grande cavalo de corridas revela a raça que possui. Têm a dignidade de um *chancre* duro. Lewis, esse, não mostrava maldade, o que ele mostrava era sordidez.

A caminho de casa, tentei descobrir o que era que ele me fazia lembrar. Várias coisas, afinal. E todas de carácter médico, excepto uma, que se resume numa palavra de calão. Tentei visualizar-lhe o rosto e descrevê-lo, mas afinal só consegui reproduzir-lhe mentalmente os olhos. Quando os vi a primeira vez sob o chapéu negro, esses olhos pareceram-me os de um raptador sem êxito.

— Conheci hoje o homem mais nojento deste mundo — disse eu a minha mulher.

— Nesse caso, Tatie, o melhor é não me falares dele — pediu. — Não me contes nada a seu respeito. Vamos jantar já, já.

— Uma semana depois, ao encontrar-me com Miss Stein, dissemble que havia conhecido Wyndham Lewis e perguntei-lhe se também ela o conhecia.

— Eu chamo-lhe o *Verme Medidor* — disse ela. — Vem de Londres, vê um bom quadro, tira um lápis da algibeira e então é vê-lo a medir tudo no lápis com o polegar. Prega os olhos no quadro e

mede-o para ver exactamente como é feito. Depois, volta para Londres, põe-se a reproduzi-lo mas não lhe sai bem. É incapaz de apreender o significado da pintura.

E foi assim que eu comecei a encarà-lo como o *Verme Medidor*, designação mais amável e cristã do que aquela que eu pensara aplicar-lhe. Mais tarde, tentei gostar dele e tratá-lo com a cordialidade que usava para com quase todos os amigos de Ezra quando ele me explicava como eles eram. Mas, no dia em que o vi pela primeira vez no estúdio de Ezra, a impressão que ele me causou foi esta.

Ezra era o escritor mais generoso e desinteressado que jamais conheci. Ajudava poetas, pintores, prosadores, nos quais acreditava e ajudava fosse quem fosse, acreditasse ou não nas possibilidades daqueles a quem prestava o seu auxílio. O ponto era que eles se encontrassem em apuros. Preocupava-se com toda a gente. Nos primeiros tempos da nossa amizade, andava ele preocupadíssimo com T. S. Eliot, que — segundo Ezra me contou — tinha de trabalhar num banco de Londres, o que lhe absorvia o tempo ou apenas lhe deixava livres horas pouco propícias para realizar a sua missão de poeta.

Ezra fundou com Miss Natalie Barney—uma americana rica que se dedicava ao patrocínio das artes — uma coisa chamada *Bel Esprit*. Miss Barney fora amiga de Rémy de Gourmont, ligação essa anterior à minha entrada naquele meio, e mantinha na sua casa um salão onde recebia os amigos certos. Tinha, além disso, um pequeno templo grego no jardim. Muitas senhoras, tanto francesas como americanas, eram suficientemente ricas para se darem ao luxo de manter um salão e eu cheguei muito cedo à conclusão de que esses lugares eram excelentes para eu os favorecer com a minha ausência, mas suponho que Miss Barney era a única a possuir um templo grego no seu jardim.

Ezra mostrou-me a brochura a respeito do *Bel Esprit*. Miss Barney dera-lhe licença para frequentar o tal templo grego do jardim, cuja fotografia figurava na referida brochura. A ideia do *Bel Esprit* era a seguinte: todos nós devíamos contribuir com parte do que

ganhássemos para a obtenção de uma quantia que nos permitisse tirar T. S. Eliot do Banco e lhe garantisse ao mesmo tempo a possibilidade de se dedicar unicamente à poesia. Aquilo pareceu-me uma boa ideia e, depois de termos conseguido arrancar T. S. Eliot ao seu banco, Ezra pensou que devíamos continuar a auxiliar toda a gente.

Estabeleci uma certa confusão, porque chamava sempre a Eliot major Eliot fingindo que o confundia com o major Douglas, economista cujas ideias Ezra apoiava com o maior entusiasmo. Mas Ezra achava que eu era sincero e me encontrava repassado do *Bel Esprit*, mesmo quando o arreliaava ao solicitar dos meus amigos fundos para tirar o major Eliot do Banco e alguém se lembrava de perguntar que era que um major andava a fazer num Banco e porque era que, tendo ele servido no exército activo, não recebia nenhuma pensão ou pelo menos uma gratificação qualquer.

Nessa altura, eu explicava aos meus amigos que isso estava fora de causa. Ou uma pessoa tinha *bel esprit* ou não tinha. Se o tinha, o que lhe restava fazer era contribuir para tirar o major do Banco. Se o não tinha, era uma autêntica lástima. Não entendiam então o significado do pequeno templo grego? Não? Bem me parecia. Que pena, Mac! Pois fica lá com o teu dinheiro. Não lhe tocaríamos nem por nada.

Na minha qualidade de membro do *Bel Esprit*, lancei-me entusiasticamente na campanha, e os meus sonhos mais felizes desse tempo foram ver o major sair do Banco como um homem livre. Já me não lembro de que maneira é que o *Bel Esprit* acabou por falir, mas estou convencido de que isso foi devido em parte à publicação do livro *A Terra Perdida*, que proporcionou o prémio Dial ao major. Pouco tempo depois, uma senhora titular deu-se a financiar uma revista para o Eliot, revista que se intitulava *The Criterion*. Já não havia razão para que Ezra e eu nos preocupássemos mais com ele. Suponho que o pequeno templo grego continua no jardim. Causou-me um grande desapontamento o reconhecer que não tínhamos conseguido arrancar o major ao seu Banco apenas por meio do *Bel Esprit*, tal como eu, nos meus

sonhos, havia imaginado. Sonhei-o talvez vivendo no pequeno templo grego, onde eu e Ezra entraríamos certo dia para o coroar de loiros. Iríamos buscá-lo de bicicleta e eu havia de o coroar numa altura em que ele se sentisse só, ou quando Ezra andasse a rever o manuscrito ou as provas de outro poema de categoria de *A Terra Perdida*. Moralmente, tudo aquilo me afectou bastante, como de resto me aconteceu com muitas outras coisas. Afinal, levei o dinheiro que pusera de lado para tirar o major do Banco para Enghien, onde me pus a apostar em cavalos de corrida que actuavam sob a acção de estupefacientes. Em duas sessões, os cavalos drogados que eu financiara venceram como animais não estimulados ou insuficientemente estimulados, excepto numa das corridas. É que, nessa competição, o nosso escolhido fora de tal maneira drogado que se lançou para a frente antes de feito o sinal para a corrida começar, atirando logo com o jóquei a terra. Completou um circuito de corridas com obstáculos, saltando magnificamente como nós às vezes saltamos em sonhos. Apanhado e novamente montado, começou a corrida, figurando nela com honra —é assim que os franceses dizem em linguagem de corridas—, mas lá dinheiro é que não rendeu.

Eu teria ficado mais satisfeito se o total da aposta tivesse revertido a favor do *Bel Esprit* que, nessa altura, já não existia. Mas consolei-me com a ideia de que, com essas apostas que muito haviam rendido, eu poderia ter contribuído com muito mais dinheiro para o *Bel Esprit* do que a princípio fora minha intenção.

Um fim bastante singular

A maneira como as coisas terminaram com Gertrude Stein foi bastante singular. Tínhamo-nos tornado muito amigos e eu havia-lhe prestado um bom número de serviços de carácter prático, como conseguir que o seu enorme livro fosse publicado em folhetins por intermédio de Ford, ajudar a passar à máquina o manuscrito e rever as provas. A nossa amizade estava a tornar-se mais íntima do que eu desejaria. A amizade entre homens e mulheres ilustres não costuma ir muito longe, embora possa ser bastante agradável antes de melhorar ou de piorar, e se as tais mulheres forem escritoras de grandes ambições, ainda menos durará. Quando, certo dia, me desculpei por não aparecer no 27 da *Rue Fleurus* havia algum tempo, alegando que não sabia se Miss Stein estaria em casa, ela disse-me assim:

— Hemingway, você aqui está em sua casa. Então não sabia? Estou a falar a sério. Apareça quando quiser. A criada (aqui ela disse o nome da rapariga, mas eu já o esqueci) abrelhe a porta e você esteja como em sua casa até eu chegar.

Não abusei desta concessão, mas, às vezes, subia. A criada servia-me uma bebida. Eu punha-me a admirar os quadros e, se Miss Stein se demorava, agradecia à criada, deixava recado e ia-me embora. Miss Stein andava a preparar-se para fazer uma viagem ao Sul no seu carro, com alguém a acompanhá-la. Pedira-me ela que aparecesse de manhã em sua casa, a fim de se despedir. Convidou-nos a fazê-lo quando eu e Hadley vivíamos no hotel, mas Hadley e eu tínhamos outros planos e havia outros lados a que desejávamos ir. Claro que lhe não dissemos nada disso, mas sim que tínhamos ainda esperança de aceder ao convite, e que à última hora nos fora completamente impossível ir. Eu possuía uns certos conhecimentos acerca da técnica de não visitar as pessoas. Muito mais tarde, Picasso disse que prometia sempre aos ricos que apareceria, porque

isso os deixava felicíssimos, mas depois surgia sempre alguma coisa que o impedia de cumprir a sua promessa. Isto, no entanto, não tem nada que ver com Miss Stein e ele falou nisso a respeito de outras pessoas.

Estava um dia de Primavera adorável. Desci a *Place de l'Observatoire*, atravessando depois o pequeno Luxemburgo. Os castanheiros bravos estavam em flor e havia muitas crianças a brincar nos arruamentos de saibro enquanto as amassecas se sentavam nos bancos. Vi pombos torcazes poisados nas árvores e ouvi outros que se não deixavam ver.

A criada abriu-me a porta antes de eu tocar. Disse-me que entrasse e esperasse, que Miss Stein não tardaria a descer. Conquanto não fosse ainda meio-dia, a criada serviu-me um cálice de *eau-de-vie*, metendo-mo na mão e piscando-me o olho jovialmente. O álcool incolor acariciou-me a língua e ainda o conservava na boca quando ouvi alguém dirigir-se a Miss Stein como eu nunca ouvira fosse quem fosse falar com outra pessoa. nunca, nunca, fosse onde fosse.

Depois, foi a voz de Miss Stein, que se ergueu conciliadora, suplicante, dizendo:

— Não, isso não, meu bichinho, por favor, não faças isso. Por favor, por favor, meu bichinho!

Eu engoli a bebida, poisei o copo na mesa e avancei direito à porta. A criada abanou o dedo na minha direcção e disse quase em segredo:

— Não se vá embora. Ela vem já aí.

— Tenho de ir — disse, esforçando-me por não ouvir mais nada enquanto ia saindo, mas aquilo continuava, e a única maneira de que eu dispunha de não ouvir era indo-me embora. Já no pátio, disse à criada:

— Por favor, diga que a encontrei no pátio. Que não pude esperar porque tenho um amigo doente. Deseje-lhe *bon voyage* da minha parte. Eu depois escrevo.

— *C'est entendu, monsieur*. Que pena que não possa esperar!

— É verdade — disse eu. — É uma pena.

Foi assim que aquilo acabou para mim, de uma maneira bastante estúpida, embora eu continuasse a prestar-lhe pequenos favores, acompanhasse a sua casa as pessoas que ela convidava e me mantivesse até ao rompimento com a maior parte dos seus amigos do sexo masculino, quando chegou a altura de eles serem substituídos por outros novos. Era triste ver novos quadros sem valor pendurados ao pé de grandes obras. Mas aquilo já não interessava. Mas a mim... Zangou-se por fim com quase todos nós — os que a estimavam — excepto com Juan Gris. Com esse não se podia zangar porque já morrera. Não creio que ele se tivesse preocupado com isso porque atingira uma fase em que ultrapassara toda a espécie de preocupações, o que, aliás, se deduzia perfeitamente dos seus quadros.

Por fim, até se zangou com os novos amigos, mas nenhum de nós se preocupou mais com isso. Ela acabou por se parecer com um imperador romano, o que seria belo se nós gostássemos que as nossas mulheres se parecessem com imperadores romanos. Mas Picasso havia-a pintado e eu só me lembrava dos tempos em que ela se parecia com uma mulher de Friuli.

Lá para o fim, toda a gente — talvez nem toda — se reconciliou com ela para não parecer ofendida ou esquisita. Eu fiz o mesmo. Mas nunca mais consegui ser verdadeiramente amigo dela nem com o coração nem com a cabeça. E quando nós, já nem com a cabeça conseguimos ser amigos de uma pessoa, é o pior de tudo. Mas aquilo era mais complicado do que isso.

O homem marcado para a morte

NA tarde em que conheci o poeta Ernest Walsh, no estúdio de Ezra, estava ele acompanhado por duas raparigas de casacos compridos de pele de marta e havia lá fora, na rua, um comprido e resplandecente carro alugado no Claridge, com motorista fardado. As raparigas eram loiras e tinham viajado com Walsh num barco que chegara na véspera. Ele resolvera visitar Ezra com as raparigas.

Ernest Walsh era moreno, enérgico, impecavelmente irlandês, poética e claramente marcado para a morte, mas marcado à maneira de uma personagem de filme. Falava com Ezra enquanto eu ia conversando com as raparigas, que me perguntaram se eu já tinha lido os poemas de Walsh. Eu nunca os lera e, como uma delas trazia um exemplar de capa verde da *Poesia — Magazine de Poemas* — de Harriet Monroe, mostrou-me as composições de Walsh que nesse mesmo livro vinham publicadas.

— Recebe mil e duzentos dólares por cada,— disse ela.

— Por cada poesia — esclareceu a outra rapariga.

Ocorreu-me, nessa altura, que eu recebia doze dólares por página pela minha colaboração no mesmo magazine.

— Deve ser um poeta extraordinário — disse eu.

— Recebe mais do que o Eddie Guest — confidenciou-me a primeira rapariga.

— E mais do que aquele poeta, o... sabem quem é...

— Kipling — esclareceu a amiga.

— Enfim, mais do que qualquer outro poeta — tornou a primeira.

— Ficam muito tempo em Paris? — perguntei.

— Bem, na verdade, não vimos por muito tempo. Andamos com um grupo de amigos.

— Viemos neste barco, sabe? Mas a verdade é que não viajava nele ninguém que valesse a pena. Claro, vinha o Sr. Walsh.

— Ele sabe jogos de cartas?

Ela fitou-me com um ar desapontado mas compreensivo.

— Não. Nem precisa. Escrevendo versos como escreve...

— Em que barco regressam?

— Bem, isso depende dos barcos e de uma porção de coisas. E o senhor está de volta?

— Não. Sinto-me aqui muito bem.

— Isto aqui é um bairro pobre, não é?

— É, sim, mas bom a valer. Trabalho nos cafés e ando cá por fora, na minha vida.

— E anda sempre na sua vida assim vestido?

— Não. Isto é o meu uniforme de café.

— Você tem espírito — disse uma das raparigas. — Gostava de observar esse tipo de vida de café. E tu, minha querida, não gostavas?

— Gostava, sim — respondeu a outra.

Assentei os nomes delas no meu livro de moradas e prometi ir visitá-las ao Claridge. Eram duas raparigas muito simpáticas. Despedi-me delas, de Walsh e de Ezra. Walsh continuava em conversa animadíssima com Ezra.

— Não se esqueça — disse a rapariga mais alta.

— É lá possível! — exclamei, apertando-lhes as mãos mais uma vez.

Quando por Ezra tornei a saber de Walsh, fiquei inteirado de que umas senhoras, amigas de poesia e dos jovens poetas marcados para a morte, lhe haviam pago a estada no Claridge e, pouco depois, soube que outra fonte lhe garantiria apoio financeiro para o lançamento de um magazine trimestral em que ele figuraria como co-editor.

Nessa altura, o *Dial* — magazine literário americano editado por Scofield Thayer — concedia um prémio anual de mil dólares, creio eu, ao escritor que fosse considerado o melhor colaborador da mesma revista. Para um escritor honesto, aquilo era, ao tempo, uma quantia formidável, além de que havia ainda o prestígio conferido pelo facto de se ser premiado. Esse prémio já fora atribuído a várias pessoas, todas elas merecedoras de tal. Era uma

época em que duas pessoas podiam viver bem, confortavelmente mesmo, na Europa, com cinco dólares por dia, e ainda por cima viajar.

Dizia-se que a tal publicação trimestral de que Walsh era um dos editores iria atribuir uma quantia muito substancial ao colaborador, cujo trabalho fosse, ao fim dos quatro primeiros números, considerado o melhor.

Se aquilo se espalhou mercê de bisbilhotice ou de boatos, ou se foi o resultado de uma confiança de carácter pessoal, eis o que é impossível saber-se. Esperemos e acreditemos sempre que tudo foi, sob todos os aspectos, completamente honesto. A verdade é que nunca se pôde dizer nem censurar fosse o que fosse à co-editora de Walsh.

Foi pouco tempo depois de eu ter ouvido boatos acerca do pretenso prémio, que Walsh me convidou para almoçar com ele certo dia num restaurante, que era o melhor e o mais dispendioso do bairro de *St. Michel*. Depois das ostras — *marennnes* claras, lisas e ligeiramente acobreadas e não as vulgares *portugaises* escuras e baratas — e após uma garrafa de *Pouilly Fuisé*, ele começou a aflorar delicadamente o assunto. Deu-me a impressão de que pretendia intrujar-me como intrujara as ingénuas divulgadoras do barco — se é que elas eram realmente divulgadoras ingénuas, e se ele, claro, as havia intrujado — e, quando ele me perguntou se eu queria mais uma dúzia de ostras, eu respondi-lhe que as aceitava com todo o prazer. Comigo não se deu ao trabalho de armar em mercado para a morte, o que foi um alívio. Ele sabia que eu estava ao facto da sua doença, que não era aquela espécie de doença com que se vai vivendo, mas aquele tipo de que então se morria; sabia que eu conhecia a gravidade do seu estado; por isso, não se dava ao trabalho de. tossir, pelo que eu, estando à mesa, lhe fiquei muito grato. Perguntei então a mim mesmo se ele comeria as ostras, como as prostitutas de Kansas City, que estavam marcadas para a morte e praticamente para tudo o mais, se mostravam sempre desejosas de engolir esperma como remédio soberano para a tuberculose mas nunca lho perguntei. Comecei com a minha

segunda dúzia de ostras. Tirava-as do seu leito de gelo picado na travessa prateada e, observando como os seus bordos castanhos e incrivelmente delicados reagiam contraindo-se quando eu lhes espremia limão por cima, ia-lhes separando o pé da concha e levava-as à boca para as mastigar cuidadosamente.

— Ezra è um poeta extraordinário — disse Walsh, fitando-me com os seus olhos escuros de poeta.

— Isso é — reconheci eu. — E um belo homem.

— Um carácter nobre — reforçou Walsh. — Verdadeiramente nobre.

Comemos e bebemos em silenciosa homenagem à nobreza de carácter de Ezra. Senti, nessa altura, a falta de Ezra ali. Mas ele não tinha dinheiro para comer *marennnes*.

— O Joyce é grande — tornou Walsh. — Muito grande.

— Grande — reconheci eu de novo. — E um bom amigo.

Havíamos-nos tornado amigos quando ele se encontrava naquele período maravilhoso em que, tendo acabado o *Ulysses*, ainda não começara o que durante muito tempo se chamou *Trabalho em Marcha*. Pensei em Joyce e lembrei-me de muitas coisas.

— Deus queira que ele melhore dos olhos — disse Walsh.

— É esse igualmente o seu desejo — respondi.

— É a tragédia do nosso tempo — tornou Walsh.

— Toda a gente tem a sua cruz — disse, tentando alegrar o almoço.

— Você não.

Nessa altura fez, exclusivamente para mim, uma exibição de todo o seu encanto de criatura marcada para a morte.

— Quer dizer com isso que eu não me encontro marcado para a morte?—perguntei. Foi-me impossível evitar a pergunta.

Não. Você está marcado para a vida. — Pronunciou aquele *vida* como se começasse essa palavra com letra maiúscula.

— Deixe passar o tempo e verá — disse eu.

Ele pediu um bom bife bem feito e eu dois *tournedós* com *sauce Béarnaise*. Pensei que a manteiga lhe deveria fazer bem.

—Que me diz a um vinho tinto? — perguntou.

Quando o *sommelier* apareceu, pedi um *Châteauneuf du Pape*. Eu o passaria depois ao longo do cais para me libertar dele. Walsh podia cozê-lo a dormir ou fazendo o que lhe apetecesse. Eu tinha que me libertar do meu em qualquer sítio — pensei.

A coisa surgiu quando acabávamos o bife e as batatas fritas à francesa e já lá iam dois terços do *Châteauneuf du Pape*, que não é vinho próprio para almoço.

— Não vale a pena estar com rodeios — disse ele. — Você sabe que vai ter o prémio, não sabe?

— Eu? — perguntei. — E porquê?

— Pois vai recebê-lo.— E começou a falar nos meus trabalhos. Então deixei de o ouvir. Falar-se dos meus escritos na minha presença era uma coisa que me constrangia. Olhei para ele; considerei o seu ar de marcado para a morte e pensei: «Tu, meu tuberculoso, estás para aí a intrujar-me sob a capa da tua tuberculose. já vi um batalhão envolvido na poeira da estrada, com um terço dos seus homens marcados para a morte ou para coisa pior, sem que apresentassem marcas especiais a não ser de poeira, e tu e o teu ar de marcado para a morte, tu, tuberculoso ruim, vais singrando na vida à custa da tua morte. Agora, vens-me intrujar, a mim. Não intrujes ninguém para que te não intrujem a ti.» A morte, essa, não o andava a intrujar a ele. Era uma certeza autêntica e que não tardaria.

— Não creio que o mereça, Ernest — disse eu, divertindo-me a tratá-lo pelo meu próprio nome, que detestava. — Alén disso, Ernest, isso não seria ético, Ernest.

— É estranho que tenhamos o mesmo nome, não é verdade?

— É, sim, Ernest. É um nome que teremos de suportar até ao fim da vida. Estás a perceber o que eu quero dizer, não é verdade, Ernest?

— Estou, sim, Ernest — respondeu ele, brindando-me nessa altura com todo o seu melancólico encanto irlandês e com toda a sua compreensão.

Por isso, fui sempre muito simpático para com ele e para com a revista e, quando ele teve hemorragias e saiu de Paris, pedindo-me

que lhe olhasse pela revista, por causa do tipógrafo. que não sabia inglês, prontifiquei-me logo a fazê-lo. Tinha assistido a uma das suas hemorragias; eram absolutamente autênticas e eu sabia que ele ia realmente morrer: agradou-me, nesses tempos difíceis da minha vida, ser bom para ele, tal como me agradava chamar-lhe Ernest. Além disso, apreciava e admirava a co-editora da revista, que me não prometera qualquer espécie de prémio. Apenas queria produzir uma boa revista e pagar bem aos seus colaboradores.

Um dia, muito mais tarde, encontrei Joyce, que andava a passear ao longo do *Boulevard St. Germain*, depois de ter ido de tarde ao teatro. Gostava de ouvir os actores, embora já os não pudesse ver. Convidou-me a tomar qualquer coisa com ele. Fomos ao *Deux Magots* e mandámos vir xerez seco, embora se leia em toda a parte que ele só bebia vinho branco suíço.

— Que me dizes do Walsh?

— Olha, nem é carne nem é peixe — disse eu.

— Ele prometeu-te o tal prémio?

— Prometeu,

— Calculei isso mesmo.

— Também to prometeu a ti?

— Prometeu — foi a resposta de Joyce. Daí a um bocado perguntou: — Achas que também o terá prometido a Pound?

— Não sei.

— O melhor é não lho perguntar — tornou Joyce.

Deixámos a coisa naquele pé. Falei a Joyce no meu primeiro encontro com Walsh e com as raparigas dos casacos de pele no estúdio de Ezra e ele gostou de saber aquilo.

Evan Shipman no «Lilas»

A partir do dia em que descobri o gabinete de leitura de Sylvia Beach, li o Turguenev inteirinho, tudo o que em inglês de Gogol se publicara, as traduções que Constance Garnett fizera de Tolstoi e as traduções inglesas de Chekov. Em Toronto, antes de irmos para Paris, haviam-me dito que Katherine Mansfield era uma excelente contista, uma grande contista mesmo, mas, ao tentar lê-la depois de Chekov, foi como ouvir comparar os contos cuidadosamente artificiais de uma velha solteirona, com os de um médico fluente e experimentado, que fosse ao mesmo tempo um escritor de grande clareza. Mansfield assemelhava-se às bebidas insípidas dos tempos da lei seca. Mais valia beber água. Mas Chekov, esse, não se assemelhava à água excepto na limpidez. Havia algumas histórias que mais pareciam jornalismo. Mas também havia outras verdadeiramente maravilhosas.

Em Dostoïewski havia coisas verosímeis e outras que o não eram, mas algumas tão verdadeiras que nos transformavam enquanto as líamos: a fraqueza, a loucura, a maldade, a santidade e a febre do jogo aprendiam-se ali como em Turguenev se aprendiam as paisagens e as estradas e, em Tolstoi, os movimentos das tropas, o terreno, os oficiais, os homens e as batalhas. Tolstoi reduzia o trabalho de Stephan Crane sobre a Guerra Civil ao brilhante produto da imaginação de um rapaz doente que nunca tivesse visto a guerra fora dos relatos de batalhas, de crónicas e das fotografias de Brady, que eu tinha lido e visto em casa do meu avô. Até conhecer a *Chartreuse de Parme*, eu nunca havia lido nada que nos mostrasse a guerra tal como ela é, a não ser em Tolstoi, e o relato maravilhoso que Stendhal nos oferece de Waterloo é um trecho accidental num livro que contém muita coisa aborrecida. Ter descoberto todo este novo mundo da literatura, quando dispunha de tempo para ler, numa cidade como Paris, onde havia maneira de

se viver bem e de se trabalhar, por muito pobre que se fosse, era como ser-se presenteado com um grande tesouro. Podia conservar esse tesouro comigo, mesmo quando viajava e, nem quando residíamos nas montanhas da Suíça ou da Itália, nem até quando descobrimos Schruns no alto vale do Vorarlberg, na Áustria, deixava de haver livros, de maneira que vivíamos no novo mundo que tínhamos descoberto de neve, de florestas, e de glaciares, com os problemas do Inverno e o nosso abrigo das alturas no Hotel Taube na aldeia, durante o dia e, de noite, podíamos viver nesse outro mundo maravilhoso com que os escritores russos nos brindavam. A princípio, foram os russos; depois, todos os outros. Mas, durante muito tempo, foram apenas os russos.

Lembro-me de ter perguntado a Ezra, quando voltávamos de jogar o ténis ao ar livre no *Boulevard Arago* e ele me convidou a ir ao seu estúdio tomar qualquer coisa, que pensava ele realmente de Dostoïewski.

— Para te falar com franqueza, Hem — disse Ezra —, nunca li os *rossos*.

Era uma resposta franca. Ezra nunca me fornecera respostas verbais que não fossem desse tipo, mas eu fiquei desolado porque ele era o homem que eu preferia e em quem mais confiava como crítico, o homem que acreditava no *mot juste* — a única palavra que se deve empregar —, o homem que me ensinara a desconfiar dos adjectivos, como mais tarde haveria de aprender a desconfiar de certas pessoas em certas situações. Ora eu pretendia a sua opinião acerca de um homem que quase nunca empregava o *mot juste* e contudo conseguira por vezes tornar os seus heróis tão vivos como quase ninguém o fez até hoje.

— Fica-te pelos franceses — disse Ezra. — Olha que tens neles muito que aprender.

— Bem sei — respondi eu. — Tenho muito que aprender em toda a parte.

Depois de sair do estúdio de Ezra, avancei pela rua a caminho da fábrica de serração, fitando, do alto da rua, a clareira onde, ao fundo, as árvores nuas deixavam ver a fachada distante do *Bal*

Bullier, do lado de lá do *Boulevard St. Michel*. Abri o portão e entrei, passando pela madeira acabada de serrar. Deixei a minha raqueta na prensa junto das escadas que iam até ao último andar daquela ala do edifício. Enquanto subia, ia gritando a anunciar a minha, chegada, mas em casa não estava ninguém.

— *Madame* saiu e a *bonne* e o menino também — disse-me a mulher do dono da serração. Era uma criatura rabugenta, gordíssima, de cabelos espetados. Agradei-lhe.

— Veio um rapaz novo procurá-lo — disse, usando a expressão *jeune homme* em vez de *monsieur*. — Disse que ia para o *Lilas*.

— Muito obrigado — respondi. — Se *Madame* voltar, diga-lhe que estou no *Lilas*.

— Ela foi passear com pessoas amigas — disse a mulher do homem da serração e, apanhando à sua volta a roda do roupão, avançou, martelando o soalho com os saltos altos até ao limiar do seu *domaine*, onde entrou sem fechar a porta.

Desci até à rua e fui andando por entre as casas brancas, sujas e riscadas. Voltei à direita, deixando a esquina desafogada e cheia de luz, para penetrar na obscuridade listada de sol do *Lilas*.

Não vendo lá dentro ninguém que eu conhecesse, saí para o terraço e vi o Evan Shipman à minha espera. Era um belo poeta, que percebia de cavalos, dos quais gostava muito, de literatura e de pintura. Levantou-se na minha frente, alto, pálido e magro, com a camisa suja e puída no colarinho, a gravata de nó muito bem feito, o fato cinzento amarrotado e gasto, os dedos mais escuros e manchados do que o cabelo, as unhas sujas e o sorriso amorável e humilde nos lábios, que mantinha bem cerrados, a fim de não mostrar os maus dentes que possuía.

— Que prazer tenho em ver-te, Hem!

— Como passas, Evan? — perguntei.

— Ando um bocadinho em baixo. Suponho que já tenho o *Mazeppa* prontinho. E a ti, têm-te corrido bem as coisas?

— Suponho que sim — respondi. — Quando tu passaste lá por casa, andava eu a jogar o ténis com o Ezra.

— O Ezra está bom?

— Está ótimo.

Ainda bem. Sabes, Hem, parece-me que a dona da casa onde tu vives não gosta lá muito de mim. Não me quis deixar esperar por ti lá em cima.

— Hei-de dizer-lhe umas coisas a esse respeito.

— Não vale a pena incomodares-te com o caso. Eu posso sempre esperar aqui. Aqui, ao sol, está-se lindamente, não é verdade?

— Estamos no Outono — respondi. — Parece-me que trazes roupa demasiado fresca para a época.

— Só à noite é que arrefece — disse Evan. — Nessa altura, visto o sobretudo.

— E sabes onde é que ele pára?

— Não. Mas suponho que se encontra em sítio seguro.

— Como é que sabes?

— Porque deixei o poema junto dele. — Riu-se com vontade, mantendo os lábios bem cerrados sobre os dentes. — Toma um uísque comigo, por favor, Hem.

— Muito bem.

— Jean — Evan levantou-se a chamar o criado. — Dois uísques, por favor.

Jean trouxe a garrafa e os copos e dois pires de 10 francos com o sifão. Não trazia a medida; deitou uísque nos copos até mais de três quartos. Jean gostava de Evan, que muitas vezes o acompanhava para ir trabalhar com ele no seu jardim em Montrouge, para lá da porta de Orléans, no dia em que Jean estava de folga.

— Não exageres — disse Evan, dirigindo-se ao criado, que era alto e velho.

— São dois uísques que querem, não é verdade? — perguntou o criado.

Acrescentámos a água e Evan disse:

— Toma o primeiro gole com a máxima concentração. Hem. Bem poupadinhos, vão durar um bom bocado.

— Olha lá, tu cuidas de ti convenientemente? — perguntei-lhe.

— Com certeza, Hem. Olha e se falássemos de outra coisa?

Não havia mais ninguém no terraço e o uísque ia-nos aquecendo aos dois, embora eu estivesse mais bem enroupado para o Outono do que Evan, pois trazia uma camisola de lã por dentro e por cima dela uma blusa de lã semelhante às dos marinheiros franceses.

— Tenho andado a pensar em Dostoïewski — disse. — Como é que um homem pode escrever tão mal, tão incrivelmente mal e, ao mesmo tempo, fazer-nos sentir tão profundamente o que diz?!

— Da tradução, não pode ser — replicou Evan. — Ela faz com que o Tolstoi pareça bem escrito.

— Bem sei. Lembro-me de quantas vezes tentei ler a *Guerra e Paz* até conseguir a tradução de Constance Garnett.

— Dizem que é possível melhorá-lo — tornou Evan. — Tenho a certeza disso, embora não saiba russo. Mas ambos conhecemos traduções. No entanto, é um romance dos diabos, o maior de todos, suponho eu, um romance que a gente pode ler vezes e vezes sem conta.

— Eu sei — assenti. — Mas o Dostoïewski, esse, já se não pode reler vezes e vezes sem conta. Levei comigo em viagem o *Crime e Castigo*, para ler quando em Schruns já não tivéssemos mais nada e, apesar disso, não consegui tornar a lê-lo. Agarrei-me aos jornais austríacos e estudei o alemão até que consegui dar com alguns Trollopes na Tauchnitz.

— Deus abençoe a Tauchnitz! — disse Evan.

O uísque já havia perdido a sua qualidade aquecedora e, agora, depois de se lhe acrescentar mais água, achávamo-lo simplesmente fortíssimo.

— Dostoïewski era um «merda», Hem — prosseguiu Evan. — No que ele era melhor era nos merdas e nos santos. Tem santos maravilhosos. É uma vergonha não seres capaz de o ler mais do que uma vez.

— Vou ver se consigo ler novamente *Os Irmãos*. Naturalmente a culpa é minha.

— Sim, há alguns que se conseguem tornar a ler. A maior parte deles. Mas, nessa altura, por muito grandes que sejam, começam a irritar-nos.

— Bem, tivemos sorte em termos tido ocasião de os ler uma vez. E talvez haja uma tradução melhor.

— Mas não te deixes tentar. Hem.

— Não deixo, não. Estou a tentar fazê-lo de maneira a fingir que o não ando a reler e, assim, quanto mais o leio, mais terei que ler.

— Bem, afinal, estou a fornecer-te apoio moral à custa do uísque do Jean — disse Evan.

— Ele ainda arranja algum sarilho com isso — disse eu.

— Já o arranjou — declarou Evan.

— E como?

— Andam a mudar de gerência — disse Evan. — Os novos proprietários querem uma clientela diferente, que gaste mais dinheiro, Por isso, vão abrir lá dentro um bar à americana. Os criados vão usar casaco branco. Hem, e já os intimaram a cortar os bigodes.

— Não podem fazer uma coisa dessas ao André e ao Jean!

— Não deviam fazê-lo mas fazem-no.

— O Jean toda a vida usou bigode. É um bigode de dragão. Ele serviu num regimento de cavalaria.

— Pois vai cortá-lo.

Bebi o resto do uísque.

— Mais um uísque, *Monsieur*? — perguntou Jean. — Mais um uísque, *Monsieur Shipman*?

Aqueles bigodes pesados e caídos faziam parte integrante do rosto magro e bom de Jean. O alto da cabeça, meio pelado, via-se brilhar sob as escassas repas de cabelo, igualmente luzidio, que nela se cruzavam.

— Não faças isso, Jean — disse eu. — Não te arrisques...

— Não me arrisco nada — respondeu ele de mansinho. — Isto anda tudo numa confusão. Há muita gente a sair. *Entendu, Messieurs* — prosseguiu em voz alta. Entrou no café e saiu dele com uma garrafa de uísque, dois grandes copos, pires de filete doirado de 10 francos e uma garrafa de Seltzer. Poisou os copos nos pires e encheu aqueles de uísque até aos bordos, levando o resto da

garrafa para dentro do café. Evan e eu deitámos um esguicho de Seltzer dentro dos copos.

— Foi uma grande coisa Dostoïewski não ter conhecido o Jean — disse Evan —, senão era capaz de ter morrido por beber de mais.

— Que é que nós vamos fazer a isto?

Bebê-los — disse Evan. — Em sinal de protesto. Acção directa.

Na segunda-feira seguinte, quando fui de manhã trabalhar para o *Lilas*, André serviu-me um *bovril*, que é uma chávena de extracto de carne de vaca com água. André era baixo e loiro e, no sítio onde outrora figurara um bigode pequeno e farto, o lábio dele estava nu como o de um padre. Trazia uma jaqueta branca de *barman* americano.

— E o Jean?

— Só volta amanhã.

— Como está ele?

— Tem-lhe custado mais a conformar-se. No tempo da Guerra. serviu num regimento de Cavalaria Pesada. Tem a *Croix de Guerre* e a *Médaille Militaire*.

— Não sabia que ele tinha sido assim tão gravemente ferido.

— E não foi. Foi ferido, claro, mas a *Médaille Militaire* que ele recebeu foi de outra espécie. Foi por bravura.

— Dize-lhe que perguntei por ele.

— Com certeza — disse André. — Oxalá que não leve muito tempo a conformar-se.

— Faze o favor de lhe dar os cumprimentos do Sr. Shipman.

O Sr. Shipman está com ele — respondeu André. — Andam a jardinar juntos.

Um agente do mal

A última coisa que Ezra me disse, ao deixar a *Rue Notre-Dame-des-Champs* para ir até Rapallo, foi o seguinte: — Hem, quero que guardes este boião de ópio e o dês ao Dunning mas só quando ele tiver necessidade disso.

Era um grande boião de *cold-cream* e, quando o desrolhei, descobri uma massa escura e pegajosa que cheirava a ópio absolutamente em bruto. Segundo Ezra dizia, havia-o comprado a um chefe índio na *Avenue de l'Opéra*, junto ao *Boulevard des Italiens* e fora caríssimo. Quanto a mim, de onde ele devia ter vindo era do velho bar O *Buraco na Parede*, que era ponto de reunião de desertores e de vendedores ambulantes de estupe-facientes do tempo da Guerra e mesmo dos tempos que se lhe seguiram. O *Buraco na Parede* era um bar muito estreito — pouco mais do que um corredor — de fachada vermelha, que ficava no *Boulevard des Italiens*. Possuía uma entrada pelas traseiras e que se supunha ir dar às catacumbas. O Dunning a que me refiro era Ralph Cheever Dunning, poeta que fumava ópio e se esquecia de comer. Quando fumava em excesso, a única coisa que conseguia tomar era leite e escrevia em *terza riruce*, o que o tornava mais querido de Ezra, que também achava excelentes qualidades na poesia de Dunning. Vivia no mesmo pátio em que Ezra tinha o seu estúdio e Ezra chamara-me lá para o ajudar quando Dunning se encontrara à morte umas semanas antes de Ezra sair de Paris.

— O Dunning está a morrer — dizia a mensagem de Ezra. — É favor vires o mais depressa possível.

Deitado no colchão, Dunning parecia um esqueleto e era certamente capaz de morrer de subnutrição de um momento para o outro, mas eu acabei por convencer Ezra de que pouca gente morre quando ainda consegue forjar frases rotundas e bem construídas e que eu nunca ouvira dizer que homem algum tivesse morrido a falar

em *terza rima* e que até tinha as minhas dúvidas de que o próprio Dante tivesse sido capaz disso. Ezra assegurou-me que ele não estava a falar em *terza rima* e eu respondi-lhe que talvez aquilo me parecesse *terza rima*, por eu estar a dormir quando ele me mandara chamar. Por fim, após uma noite em que realmente Dunning parecera às portas da morte, o assunto foi entregue a um médico e Dunning levado para uma casa de saúde particular, a fim de lá o submeterem a uma cura de desintoxicação. Ezra responsabilizou-se pelo pagamento das contas e colocou-se à cabeça de uma lista de subscrição em prol de Dunning, na qual figuravam não sei que admiradores de poesia. Mas a entrega do ópio a efectuar numa autêntica emergência, essa ficou a meu cargo. Vindo de Ezra, aquilo representava para mim um compromisso sagrado e eu desejava apenas que, quando se me afigurasse alturas de actuar, eu soubesse realmente se se tratava de um verdadeiro caso de emergência. Afinal, a oportunidade chegou quando a porteira de Ezra apareceu, certa manhã, no pátio da serração e gritou lá de baixo para o meu quarto, onde eu me encontrava, de janela aberta, a estudar a constituição de uma corrida de cavalos: *Monsieur, Dunning est monté sur le toit et refuse catégoriquement de descendre.*

O facto de Dunning ter subido para o telhado do estúdio e de se recusar categoricamente a descer pareceu-me, de facto, uma emergência. Fui buscar o boião de ópio e subi a rua na companhia da *concierge*, que era uma mulher pequenina e vibrante e se encontrava muito excitada com o que se estava a passar.

— *Monsieur* tem o que è preciso? — perguntou.

— Claro — respondi. — Vai ver que tudo se resolve em bem.

— *Monsieur* Pound pensa em tudo — disse ela. — É a bondade em pessoa.

— Lá isso é — reconheci eu. — Todos os dias sinto a sua falta.

— Oxalá que *Monsieur* Dunning se mostre razoável...

— Tenho aqui o necessário para isso — garanti-lhe.

Quando chegámos ao pátio onde ficavam os estúdios, a *concierge* disse:

— Já desceu.

— Naturalmente soube que vínhamos aí — disse eu.

Subi pela escada exterior que ia dar à habitação de Dunning e bati. Abriu-me a porta. Estava esquelético e era invulgarmente alto.

— Ezra pediu-me que lhe desse isto — disse, estendendo-lhe o boião. — Disse que você sabia do que se tratava.

Ele pegou no boião e pôs-se a contemplá-lo. Em seguida, atirou-me com ele, atingindo-me no peito ou no ombro.

Depois, o boião rolou pelas escadas abaixo.

— Seu filho de uma cadela! — gritou. — Seu indecente!

— O Ezra disse que você poderia vir a precisar dele.

Dunning respondeu-me, atirando-me com uma garrafa de leite.

— Tem a certeza de que lhe não faz falta? — perguntei.

A resposta foi atirar-me com outra garrafa de leite. Recuei e nova garrafa de leite me veio bater nas costas. Em seguida, Dunning fechou a porta.

Apanhei o boião que ficara apenas levemente rachado e meti-o na algibeira.

— Parece que o presente de *Monsieur* Pound lhe não agradou — disse eu à *concierge*.

— Talvez agora fique mais calmo — disse ela.

— Talvez ele tenha algum em casa — tornei.

— Pobre *Monsieur* Dunning! — exclamou ela.

Os amigos da poesia que Ezra reunira na sua missão de auxílio tornaram a manifestar-se. A minha intervenção e a da *concierge* haviam-se malogrado. Guardei o boião rachado daquilo que eu julgava ser ópio embrulhado em papel encerado e atei-o cuidadosamente a uma velha bota de montar.

Quando, anos mais tarde, eu e o Evan Shipman mudávamos as nossas coisas desse apartamento, as botas ainda lá estavam. mas o boião, esse, tinha desaparecido. Não sei porque foi que Dunning me atirou com as garrafas de leite, a não ser que fosse por se lembrar da minha falta de credulidade na noite em que ele, pela primeira vez, parecera estar às portas da morte, ou se ele muito simplesmente não gostava da minha personalidade. Mas lembro-me

da satisfação que a frase « *Monsieur Dunning est monté sur le toit et refuse catégoriquement de descendre* » causou a Evan Shipman. Viu naquilo qualquer coisa de simbólico. Não sei. Talvez o Dunning me tivesse tomado por um agente do mal ou por um polícia. Só sei que Ezra tentou ser bom para Dunning como era bom para tanta gente e eu sempre desejei que Dunning fosse tão bom poeta como Ezra o fazia. Para um poeta, acho que ele acertava maravilhosamente com as garrafas de leite. Mas a verdade é que Ezra, sendo realmente um grande poeta, não deixava, por esse facto, de jogar muito bem o ténis. Evan Shipman, que era um excelente poeta, a quem pouco se dava que os seus poemas fossem ou não publicados, achava que aquilo seria sempre um mistério.

— Nós precisamos de mais mistério autêntico nas nossas vidas. Hem — disse-me ele uma vez. — Aquilo que, nesta época, mais falta nos faz, a maior parte das vezes, é um escritor completamente destituído de ambição e um poema realmente bom por publicar. Claro que há o problema da subsistência a considerar...

Scott Fitzgerald

O seu talento era t&o natural como os desenhos criados pelo pólen nas asas de uma borboleta. A princípio, ele tinha tão pouca consciência desse facto como a própria borboleta. Também não possuía noção alguma de quando esse mesmo talento se encontrava em forma ou inferiorizado. Mais tarde, começou a ter consciência das suas asas feridas e da estrutura das mesmas. Aprendeu então a pensar, mas já não conseguia voar porque o amor do voo se fora e, então, só se lembrava do tempo em que essa capacidade de voar de nada lhe servira.

A primeira vez que me encontrei com Scott Fitzgerald deu-se uma coisa muito estranha. É certo que com Scott Fitzgerald aconteciam de facto coisas estranhas mas dessa jamais consegui esquecer-me. Entrou ele um dia no Dingo Bar da *Rue Delambre* quando eu lá me encontrava com uns indivíduos absolutamente insignificantes. Tratou de se apresentar e apresentou igualmente um homem alto e simpático, que vinha com ele, como chamando-se Dune Chaplin, o famoso lançador. Eu nunca acompanhara o *baseball* de Princeton nem ouvira nunca falar de Dune Chaplin, mas achei-o extraordinariamente aliciante, despreocupado, descontraído e cordial. Gostei muito mais dele que de Scott.

Scott, que parecia um rapazinho, tinha um rosto que classificarei entre bonito e vistoso. Tinha cabelo loiro muito ondedado, testa ampla, olhos afectuosos e cheios de vida e uma boca irlandesa, de lábios delicados e carnudos que, numa rapariga, seria a beleza feita boca. Possuía um queixo bem delineado, orelhas igualmente bem modeladas e um nariz engraçado, quase bonito, e de boas proporções. Isto não chegaria para dar um rosto bonito, mas a impressão de beleza era realmente dada pela tonalidade da pele; pela cor muito loira do cabelo e pela boca. Essa dava que pensar enquanto o não conhecíamos; depois, ainda mais nos preocupava.

Eu ansiava por travar conhecimento com ele. Trabalhara muito o dia inteiro e pareceu-me maravilhoso que ali aparecessem Scott Fitzgerald e o grande Dunc Chaplin, de quem nunca ouvira falar mas que passava agora a ser meu amigo. Scott não parava de falar e, embora eu me sentisse embaraçado com aquilo que ele dizia — era tudo a respeito das minhas obras e do meu grande talento — estive sempre a observá-lo atentamente e, em vez de escutar o que ele dizia, eu ia reparando em tudo. Nessa altura, ainda aderíamos ao sistema seguinte: o elogio na cara das pessoas equivalia a um verdadeiro vexame. Scott havia mandado vir champanhe. Bebemos todos; ele, eu e Dunc Chaplin e suponho que o mesmo fizeram alguns dos insignificantes que se encontravam na minha companhia. Julgo que nem eu nem Dunc seguíamos com atenção aquele discurso — porque era de facto um discurso — e eu continuava a observar Scott. Era de construção leve e não parecia em grande forma. Tinha o rosto ligeiramente intumescido. O fato — dos Brook Brothers — assentava-lhe bem. Trazia uma camisa branca, de colarinho baixo e uma gravata da Guarda. Pensei que devia talvez falar-lhe na gravata, porque havia ingleses em Paris e podia aparecer algum no Dingo — naquela altura, afinal, estavam lá dois — mas depois pensei: «Quero lá saber disso!» e continuei a observá-lo cada vez com maior atenção. Afinal, mais tarde, vim a saber que ele havia comprado aquela gravata em Roma.

Não estava a aprender grande coisa com aquela observação. a não ser que tinha umas mãos bem modeladas, não muito pequenas mas com aspecto de serem eficientes e, quando ele se sentou num dos bancos do bar, vi que as pernas eram muito curtas. Com pernas normais, talvez ele atingisse mais umas duas polegadas de altura. Acabada a primeira garrafa de champanhe, encetámos a segunda e o discurso começou a perder a sua fluência.

Tanto eu como Dunc começávamos a sentir-nos ainda mais bem dispostos do que antes do champanhe, e era agradável verificar que o discurso chegava ao fim. Até aí, eu suptisera sempre que o facto de eu ser um grande escritor constituía um segredo bem guardado entre mim, minha mulher e aquelas raras pessoas que nós

conhecíamos suficientemente bem para que lhe pudéssemos falar em tal. Sentia-me satisfeito por Scott ter chegado à mesma conclusão feliz quanto a essa possível grandeza, mas também me sentia satisfeito por ele estar prestes a terminar o discurso. Mas, depois deste, veio a fase da pergunta. Estudá-lo e não me dar ao incómodo de seguir o discurso, podia eu, mas às perguntas é que me não era possível escapar. Descobri mais tarde que Scott acreditava que o novelista podia descobrir aquilo de que necessitava, fazendo perguntas directas aos amigos e conhecidos. O interrogatório foi directo:

— Ernest — disse. — Não se importa que eu lhe chame Ernest, pois não?

— Pergunte a Dune — respondi eu.

— Não seja tonto. Estou a falar a sério. Diga-me, você e a sua mulher dormiram juntos antes de se casarem?

— Não sei.

— Que é que você quer dizer com isso: não sei?

— Não me lembro.

— Como é que é possível não se lembrar de uma coisa de tamanha importância?

•— Não sei — repeti. — É esquisito, não é?

— É mais do que esquisito — disse Scott. — Deve lembrar-se com certeza.

— Lamento muito. É pena, caramba!

— Não se ponha a falar à maneira dos marinheiros ingleses — disse ele. — Deixe-se de pragas e veja se se lembra.

— Não — respondi. — Não há volta a dar-lhe.

A conversa estava a tornar-se picante. Perguntei a mim próprio se ele fazia discursos a todos mas pensei que não porque o vi suar durante a fala que me dirigira. O suor brotara-lhe do lábio superior, cheio e absolutamente irlandês, em pequenas gotas e isso verificou-se quando eu, desviando o olhar do rosto dele o fitei, com ar crítico, no tamanho das pernas, desproporção que mais se notava com a posição que ele tomara no bar. Houve um momento

em que lhe contemplei de novo o rosto e foi então que a tal coisa esquisita se verificou.

Estava ele sentado no bar com a taça de champanhe na mão, quando a pele deu a impressão de se lhe esticar no rosto até que o aspecto de intumescência desapareceu por completo. Depois, a pele ficou ainda mais repuxada, e tanto, que o rosto de Scott tomou o aspecto de uma máscara mortuária. Os olhos encovaram-se-lhe; ficaram como mortos; os lábios repuxaram-se-lhe; a cor abandonou-lhe as faces, assumindo a tonalidade de uma vela de cera meio gasta. Não foi imaginação minha. Aquele rosto converteu-se ante os meus olhos numa autêntica cabeça de morto ou numa máscara mortuária.

— Scott — disse eu. — Sente-se bem?

Ele não respondeu e o rosto ficou-lhe ainda mais chupado.

— O melhor é levá-lo ao primeiro posto de socorros — alvitrei, dirigindo-me a Dune Chaplin.

— Não. Ele está bem.

— Dá a impressão de que está a morrer.

— Mas não está. Já é costume.

Metemo-lo num táxi. Eu ia muito preocupado, mas o Dunc afirmava que ele estava bem e que não valia a pena eu preocupar-me com aquilo.

— Naturalmente, quando chegar a casa, já está bom — rematou ele.

Assim devia ter acontecido porque quando, dias depois, o encontrei na *Closerie des Lilas*, disse-lhe quanto lamentava aquilo que lhe dera e acrescentei que talvez nós tivéssemos bebido depressa de mais enquanto falávamos.

— Que é que você lamenta? Que é que foi que me deu? De que é que está a falar, Ernest?

— Refiro-me àquilo que lhe deu no Dingo.

— Não me lembro de me ter acontecido fosse o que fosse no Dingo. Simplesmente fiquei farto daqueles ingleses infames de todo que estavam com você e tratei de ir para casa.

— Nessa altura, não estavam comigo nenhuns ingleses. Sã la estava o homem do bar.

— Não arme em misterioso. Sabe muito bem a quem me refiro.

— Ah! — exclamei eu. Naturalmente, ele havia voltado ao Dingo mais tarde. Ou fora á noutra ocasião. Não, agora lembrava-me de que haviam lá estado dois ingleses. Era verdade. Lembrava-me até de quem eles eram. Tinham de facto lá estado.

— Sim — disse eu. — Tem razão.

— A rapariga do título falso, que foi malcriadíssima, e aquele bêbedo que a acompanhava. Disseram-se seus amigos.

— E são. E ela, às vezes, consegue ser bastante malcriada.

— Está a ver. Não vejo motivos para você fazer um mistério lá porque um indivíduo bebeu uns copitos a mais. Porque é que lhe deu para fazer um mistério com isso? Nunca pensei que lhe pudesse dar para af.

— Não sei. — Quis mudar de conversa. Depois, achei um assunto. — Eles mostraram-se grosseiros por causa da sua gravata? — perguntei.

— Porque é que se haviam de mostrar grosseiros por causa da minha gravata se eu trazia uma simples gravata preta de malha e uma camisa de pólo branca?!

Nessa altura desisti e, quando ele me perguntou os motivos da minha preferência por aquele café, falei-lhe de como ele era nos velhos tempos. Scott começou a tentar apreciá-lo também e ali nos mantivemos, eu, gostando do café e ele tentando fazer o mesmo. Perguntou-me várias coisas; falou-me de escritores, de editores, de agentes e de críticos, de George Horace Lorimer, das bisbilhotices e das possibilidades de um escritor de êxito; mostrou-se cínico, engraçado, extremamente jovial, encantador e amável. Mesmo quem estivesse habituado a desconfiar de gente amável, tinha de gostar dele. Falava com um pouco de desprezo, mas sem sombra de azedume, de tudo o que já escrevera e eu sabia que o seu novo livro devia ser muito bom para ele falar assim, sem azedume, dos defeitos dos anteriores. Queria que eu o lesse — chamava-se o livro *O Grande Catsby* — assim que lhe chegasse às mãos o último e

único exemplar que possuía e que emprestara a alguém. Ouvindo-o falar dele, era realmente impossível fazer-se uma ideia da sua qualidade, a não ser por aquele acanhamento que ele mostrava e que todos os escritores modestos sentem quando escrevem qualquer coisa de muito bom. Pus-me então a desejar que ele tivesse o livro depressa em seu poder, a fim de poder lê-lo.

Scott disse-me que soubera por Maxwell Perkins que o livro se não estava a vender bem, mas que merecera ótimas críticas. Não me lembro se foi nesse dia, se muito mais tarde, que ele me mostrou uma crítica de Gilbert Seldes, a qual não podia ser melhor. Só poderia ser melhor se também Gilbert Seldes fosse melhor do que era. Scott andava perturbado e magoado com o facto de o livro se não estar a vender bem. mas, nessa ocasião, ele não mostrava nem sombra de amargura e sentia-se simultâneamente constrangido e feliz cofri a qualidade do livro.

Nesse dia em que nos encontrávamos sentados na esplanada do *Lilas* a ver cair o crepúsculo e a observar as pessoas que surgiam no passeio e a luz cinzenta da tarde em constante transformação, não se verificou nele qualquer alteração química devido aos dois uísques com soda que tomámos. Esperava-a, observando-o com a maior atenção, mas a verdade é que ela se não verificou, nem Scott me perguntou coisas íntimas. Nada fez de embaraçoso; não fez discursos; pelo contrário, procedeu como uma criatura normal, inteligente e encantadora.

Disse-me que ele e Zelda, sua mulher, tinham sido forçados a abandonar o seu pequeno Renault em Lyon por causa do mau tempo. Perguntou-me, então, se eu queria ir com ele a Lyon de comboio para trazer o carro, no qual regressaríamos juntos a Paris. Os Fitzgeralds haviam alugado uma casa mobilada no 14 da *Rue de Tilsitt*, que ficava relativamente perto da *Étoile*. Estávamos nessa altura no fim da Primavera e eu pensei que o campo havia de oferecer então o seu melhor aspecto e que poderíamos fazer uma viagem magnífica. Scott parecia bem simpático e sensato e eu vi-o beber dois bons uísques fortes sem que nada tivesse acontecido. O seu encanto e o bom-senso que aparentava fizeram com que a tal

noite no Dingo se me afigurasse um sonho desagradável. Por fim, disse que gostaria de o acompanhar a Lyon e perguntei-lhe quando é que tencionava partir.

Combinámos encontrar-nos no dia seguinte e, nessa altura, assentámos em partir para Lyon no comboio expresso da manhã. O comboio partia a uma hora conveniente e era bastante rápido. Só tinha — conforme então me lembrei — uma paragem em Dijon. Combinámos que em Lyon se mandaria examinar e pôr em boa forma o carro, se comeria um bom jantar e se principiaria a viagem de regresso de manhã cedo.

Fiquei entusiasmado com o passeio. Ia servir de companhia a um escritor mais velho e que triunfara e, durante o tempo de que no carro dispuséssemos para conversar, iria certamente aprender muito do que convém saber. É estranho pensar agora que eu considerava Scott como um escritor mais velho, mas a verdade é que, nessa altura, como eu ainda não tinha lido *O Grande Gatsby*, considerava-o um escritor mais velho. Nesse tempo, pensava que ele escrevia para o *Saturday Evening Post* umas histórias que teriam sido legíveis uns três anos antes, mas nunca o considerara um escritor sério. Ele contara-me na *Closerie des Lilas* como escrevia aquilo que ele considerava bons contos e que eram naturalmente bons para o *Post* e como depois os alterava submissamente por saber muito bem como efectuar os truques que os convertiam em contos vendáveis para as revistas. Aquilo escandalizou-me. Disse-lhe que considerava tal procedimento uma verdadeira prostituição. Ele concordou comigo, mas acrescentou que tinha de proceder assim desde que pretendesse ganhar com as revistas o dinheiro de que necessitava para escrever livros decentes. Eu respondi-lhe que não acreditava que alguém pudesse escrever de outra forma que não fosse a melhor que pudesse, sob pena de destruir o próprio talento. Uma vez que ele escrevia primeiro a história autêntica —dizia ele—, a destruição e a alteração a que procedia no fim não fazia mal nenhum. Eu é que não acreditava naquilo e tentei convertê-lo à minha opinião, mas eu precisava de ter um romance em que assentar a minha fé, para lha

demonstrar e conseguir convencê-lo e eu ainda não escrevera semelhante romance. Uma vez que eu começara a renegar tudo o que antes escrevera e a libertar-me da tendência para a facilidade e andava a tentar construir em vez de escrever, a criação literária convertia-se em qualquer coisa de maravilhoso. Mas isso era muito difícil e eu não sabia como é que viria a conseguir alguma vez escrever um trabalho tão extenso como é o romance. Às vezes, um simples parágrafo levava-me uma manhã inteira.

A minha mulher — Hadley — ficou toda contente com a minha viagem, embora não levasse a sério tudo o que até então havia lido de Scott. A sua concepção do que fosse um bom escritor concretizara-se em Henry James. Mas aehava que aquela viagem era uma excelente oportunidade que se me oferecia de descansar, embora ambos desejássemos ter dinheiro bastante para comprar um carro, a fim de podermos efectuar a viagem juntos. Mas isso era coisa cuja realização me parecia impossível. Nessa altura, eu havia recebido do Boni e Liveright um adiantamento de 200 dólares referente a um primeiro livro de contos a publicar nesse mesmo Outono. Além disso, vendia contos ao *Frankfurter Zeitung* e ao *Der Querschnitt* de Berlim ao *This Quarter* e à *Transatlantic Revue*, de Paris. Vivíamos então com grande economia. Só gastávamos o estritamente necessário a fim de pouparmos para irmos à *féria* de Pamplona em Julho, a Madrid e depois à *féria* de Valência.

Na manhã em que devíamos partir da *gare* de Lyon, como eu chegasse muito antes, pus-me à espera de Scott do lado de fora do portão da estação. Era ele quem tinha os bilhetes. Quando a hora da partida se aproximou e eu vi que ele não aparecia, comprei um bilhete de *gare* e pus-me a caminhar ao longo do comboio, a ver se o descobria. Não o consegui encontrar e, quando o comboio ia largar, saltei para dentro dele e pus-me a percorrê-lo na esperança de o encontrar lá dentro. Era um comboio muito comprido e Scott não estava nele. Expliquei a situação ao condutor, paguei um bilhete de segunda classe — não havia terceira — e perguntei ao condutor como se chamava o melhor hotel de Lyon. A única coisa que havia a fazer era mandar a Scott um telegrama de Dijon,

fornecendo-lhe a direcção do hotel de Lyon onde eu o aguardava. Certamente já o não apanharia, mas era de presumir que a mulher lho retransmitisse. Nunca até então ouvira dizer que um adulto tivesse perdido um comboio, mas estava escrito que haveria de aprender muita coisa durante aquela viagem.

Nesse tempo, eu tinha muito mau génio; exaltava-me com facilidade, mas, por alturas de Montereau, já me havia acalmado e não me sentia tão zangado que não pudesse observar e admirar a paisagem. Ao meio-dia, comi um bom almoço no restaurante do comboio e bebi uma garrafa de St-Émilion e pensei que, embora eu tivesse sido um louco em aceitar convite para uma viagem que deveria ser paga por outra pessoa e estivesse a gastar com essa mesma viagem o dinheiro de que necessitava para irmos a Espanha, aquela estava a ser para mim uma boa lição. Nunca até àquela data havia aceitado convite para qualquer viagem em que me pagassem as despesas, em vez de pagar por cabeça e nesta havia insistido por que dividíssemos ao meio as despesas de dormidas e de refeições. Mas, naquele momento, nem sequer sabia se Fitzgerald chegaria a aparecer. Enquanto me sentira zangado, tinha-o rebaixado, negando-lhe o nome de Scott e passando a evocá-lo como Fitzgerald. Mais tarde, fiquei encantado com o facto de ter gasto a minha fúria no princípio da viagem e por ter conseguido dominá-la. Aquela viagem não convinha a um homem de cólera fácil.

Em Lyon, soube que Scott saíra de Paris a caminho de Lyon, mas que não deixara dito onde iria ficar. Confirmei a minha direcção e a criada disse-me que, se ele aparecesse, me avisaria. «Madame não se encontra bem e dorme ainda». Fui a todos os hotéis importantes onde deixei recado, mas não consegui localizar Scott; depois, fui a um café tomar um aperitivo e ler os jornais. Nesse café, encontrei um homem que comia fogo para ganhar a vida. Além disso, dobrava moedas, prendendo-as entre as maxilas desdentadas com o polegar e o indicador. Mostrou-me as gengivas inflamadas mas sólidas e disse que não se tratava de um mau *métier*. Convidei-o a tomar uma bebida, que ele aceitou com prazer. Possuía um belo rosto

moreno. que todo se iluminava e resplandecia quando engolia fogo. Disse que em Lyon não se ganhava dinheiro a comer fogo nem com exibições de forças com os dedos e com as maxilas. O *métier* fora desacreditado devido a falsos comedores de fogo e haviam de continuar a desacreditá-lo onde quer quer lhes dessem licença para se exibirem.

'Andara toda a tarde a comer fogo — disse — e não trazia com ele dinheiro que lhe permitisse comer outra coisa naquela noite. Convidei-o a tomar nova bebida para lhe tirar o gosto a petróleo da boca, gosto habitual de quem come fogo, e disse-lhe que podíamos jantar os dois se ele conhecesse algum lugar bom e suficientemente barato para o efeito. Ele disse que conhecia um local excelente.

Comemos muito economicamente num restaurante argelino e eu gostei tanto da comida como do vinho argelino. O comedor de fogo era um homem simpático e tornava-se interessante vê-lo comer, pois comia tão bem com as gengivas como as outras pessoas o fazem com os dentes. Perguntou como era que eu ganhava a vida e eu respondi-lhe que começava a ganhá-la como escritor. Perguntou-me que era que eu escrevia e eu disse-lhe — contos. Confidenciou-me então que conhecia muitas histórias, algumas delas mais horríveis e inacreditáveis do que quanto até hoje se escreveu. Podia contar-mas e eu poderia escrevê-las e, se com elas ganhasse algum dinheiro, dar-lhe-ia o que achasse justo. Ainda o melhor era irmos para o norte de África. Ele me levaria ao país do Sultão Azul onde poderia recolher histórias como até então homem algum jamais ouvira.

Perguntei-lhe então de que espécie de histórias se tratava. Ele respondeu-me que eram histórias de batalhas, de execuções, de torturas, de violações, de costumes medonhos, de práticas incríveis, de deboche, de tudo aquilo que eu precisasse. Eram horas de regressar ao hotel para de novo procurar Scott; por isso, paguei a conta e disse ao comedor de fogo que certamente nos viríamos a encontrar de novo um dia. Ele disse que estava a trabalhar para os lados de Marselha e eu acrescentei que, mais tarde ou mais cedo, nos encontraríamos em qualquer parte e que fora um prazer jantar

com ele. Deixei-o a endireitar moedas dobradas e a empilhá-las em cima da mesa e pus-me de novo a caminho do hotel.

Lyon não era, à noite, uma cidade muito alegre. Era uma cidade grande, pesada, de apreciável solidez económica, provavelmente óptima para quem tivesse dinheiro e gostasse daquele género de terra. Ouvira dizer, havia muitos anos, que serviam frangos maravilhosos nos restaurantes locais mas nós, em vez de frango, havíamos comido carneiro, aliás excelente.

No hotel não encontrei nenhum recado de Scott. Fui para a cama, num quarto de um luxo a que não estava habituado e pus-me a ler o primeiro volume de *Impressões de um desportista*, de Turguenev, que alugara no gabinete de leitura de Sylvia Beach. Havia três anos que não sabia o que era um hotel de luxo. Abri as janelas de par em par; ajeitei as almofadas debaixo dos ombros e da cabeça e senti-me feliz na Rússia, com Turguenev, até que, mesmo a ler, adormeci.

Estava eu a barbear-me para depois ir tomar o pequeno-almoço quando da portaria me chamaram, dizendo que estava lá em baixo um cavalheiro à minha espera.

— Faça o favor de lhe dizer que suba — disse eu, continuando a fazer a barba e a escutar os ruídos da cidade que, desde manhãzinha, vibrava de intensa animação.

Scott não subiu. Encontrei-me com ele na portaria.

— Lamento profundamente toda esta trapalhada — disse. — Se eu soubesse que hotel você tinha escolhido, a coisa era simples.

— Não tem dúvida — respondi. Tínhamos uma longa passeata à nossa frente e tudo o que eu desejava era harmonia. — Em que comboio veio?

— Num que partiu logo depois do seu. Era um comboio bastante cómodo e bem podíamos ter viajado juntos nele.

— Já tomou o pequeno-almoço?

— Ainda não. Andei a bater a cidade toda à sua procura.

— Que aborrecimento! — exclamei. — Então em casa não lhe disseram que eu estava aqui?

— Não. A Zelda estava doente e talvez eu nem devesse ter vindo. Até aqui, a viagem tem sido um autêntico desastre.

— Vamos tomar o pequeno-almoço. Depois, vamos buscar o carro e pomo-nos a rodar por aí fora.

— Ótimo. Comemos aqui?

— Num café despachávamo-nos mais depressa.

— Mas aqui há a certeza de o pequeno-almoço ser bom.

— Muito bem.

Foi um pequeno-almoço à americana. Com ovos e fiambre. Excelente. Com pedirmos, esperarmos que nos servissem, comermos e pagarmos, perdeu-se meia hora. Só quando o criado apareceu com a conta é que Scott decidiu encarregar o pessoal do hotel de nos preparar um almoço de piquenique. Tentei tirar-lhe aquilo da cabeça, pois tinha a certeza de em Mâcon arranjar uma boa garrafa de vinho da região e alguma coisa de comer numa *charcuterie*. E se as lojas estivessem fechadas quando por Iá passássemos, sempre haveríamos de encontrar pelo caminho restaurantes em que pudéssemos parar. Mas ele argumentou que eu lhe dissera maravilhas do frango de Lyon e que tínhamos infalivelmente de levar um connosco. E assim nos preparou o hotel um almoço que, arranjado por nós, teria ficado quatro ou cinco vezes mais barato.

Via-se à légua que Scott andara a beber antes de se encontrar comigo e que precisava de uma bebida. Perguntei-lhe se não queria tomar alguma coisa no bar antes de partirmos. Respondeu-me que não costumava beber de manhã e perguntou-me se eu o fazia. Eu respondi-lhe que isso dependia completamente da maneira como eu me sentia e do que tinha a fazer e ele respondeu-me que, se eu sentia que precisava de beber qualquer coisa, ele me acompanharia para que eu não bebesse sozinho. Tomámos, pois, um uísque com Perrier no bar, enquanto esperávamos pelo almoço e ambos nos sentimos muito melhor.

Paguei o quarto do hotel e a despesa do bar, embora Scott desejasse encarregar-se de pagar tudo. Desde o princípio da viagem que eu andava com uns complexozitos emocionais e

compreendia que me sentia tanto melhor quanto mais coisas pagaya. Estava a gastar o dinheiro que havíamos poupado para a viagem a Espanha, mas eu sabia que gozava de excelente crédito junto de Sylvia Beach, pelo que podia pedir-lhe dinheiro emprestado e repor tudo o que naquela altura andava a gastar.

Na garagem onde Scott deixara o carro, fiquei assombrado ao verificar que o Renaulzito não tinha capota. Esta, ou se estragara durante o desembarque do carro em Marselha ou se arruinara não sei como na mesma cidade, e Zelda mandara-a tirar, opondo-se a que a repusessem no seu lugar. A mulher de Scott, segundo ele me disse, odiava as capotas dos carros e, sem a capota, haviam ido até Lyon, cidade onde a chuva os forçara a parar. Tirando isso, o carro encontrava-se em boa forma. Scott pagou a conta depois de ter discutido o preço da lavagem, da lubrificação e de dois litros de óleo. O homem da garagem explicou-me que o carro estava necessitado de válvulas novas de pistão e que andara, segundo toda a evidência, sem água nem óleo suficientes. Mostrou-me que o carro aquecera ao ponto de lhe sair a pintura do motor. Acrescentou que, se eu pudesse convencer *Monsieur* a pôr válvulas novas em Paris, o carro, que era bonzinho, faria muito bem o serviço para que havia sido fabricado.

— *Monsieur* não quer que eu lhe ponha outra vez a capota.

— Não?

— Uma pessoa tem as suas obrigações para com um carro.

— Lá isso tem.

— Os senhores não trazem impermeáveis?

— Não — respondi. — Não sabia que o carro estava sem capota...

— Veja se consegue que *Monsieur* se mostre razoável. Pelo menos, no que diz respeito ao carro.

Ah! — exclamei eu.

Daí a uma hora, víamo-nos forçados a parar ao norte de Lyon.

Nesse dia, a chuva fez-nos parar bem umas dez vezes. Eram aguaceiros, que passavam depressa, embora uns durassem mais do que outros. Se tivéssemos impermeáveis, até seria agradável andar de automóvel com aquela chuva de Primavera. Mas, assim, viamo-

nos forçados a procurar abrigo debaixo das árvores ou a parar nos cafés à beira das estradas. Comemos o almoço do hotel de Lyon, que estava maravilhoso e constava de um excelente frango assado e recheado de trufas, de pão e de vinho branco de Mâcon, ambos deliciosos e Scott sentia-se felicíssimo quando bebíamos o *Mâconnais* branco em cada uma das nossas paragens. Eu havia comprado em Mâcon mais quatro garrafas de excelente vinho, que fui desrolhando à medida que dele precisávamos. Não sei se Scott já alguma vez, antes daquela viagem, havia bebido vinho directamente da garrafa. O que é certo é que isso o entusiasmou de tal maneira que até parecia que andava a visitar bairros pobres. Também me fez lembrar uma rapariga que, pela primeira vez, se pusesse a nadar sem fato de banho. Mas, ao princípio da tarde, começou a mostrar-se preocupado com a saúde. Falou-me de duas pessoas que recentemente haviam falecido de congestão pulmonar. Ambas haviam morrido em Itália e ele ficara profundamente impressionado com isso.

Eu disse-lhe que congestão pulmonar era o nome antiquado que se dava à pneumonia e ele respondeu-me que eu não sabia nada a esse respeito e que não tinha razão nenhuma. A congestão pulmonar era uma doença oriunda da Europa, e o mais natural era que eu não soubesse nada do assunto ainda que tivesse lido os livros de medicina de meu pai, visto que esses tratavam exclusivamente de doenças americanas. Eu argumentei que o meu pai também havia estudado na Europa. Mas Scott explicou que a congestão pulmonar só recentemente aparecera na Europa e que o meu pai não podia ter conhecimento dela. Também me explicou que as doenças eram diferentes nas diversas partes da América e, se o meu pai tivesse exercido a medicina em Nova Iorque, havia de estar ao corrente de uma gama de doenças inteiramente diversa. Scott empregou mesmo o termo «gama».

Eu disse-lhe que ele podia marcar um ponto a seu favor quanto à preponderância de certas doenças numa parte dos Estados Unidos e quanto à sua inexistência em outros e citei a elevada percentagem de lepra de Nova Orleans e a sua baixa incidência, nesse tempo,

em Chicago. Mas disse também que os médicos possuíam um sistema de intercâmbio de conhecimentos e de informações e, naquele momento, depois de ele ter trazido o assunto à baila, lembrei-me de que havia lido no *Journal of the American Medical Association* um artigo autorizado sobre a congestão pulmonar, o qual traçava a história dessa doença a partir de Hipócrates.

Isto sossegou-o durante algum tempo e eu insisti com ele para que tomasse mais um gole de Mâcon, visto que um bom vinho branco, moderadamente encorpado, mas de baixa graduação alcoólica, constituía quase um específico contra a doença.

Scott ficou um pouco mais bem disposto depois daquilo, mas não tardou que voltasse a mostrar-se preocupado, perguntando-me se chegaríamos a alguma grande cidade antes que a febre e o delírio, sintomas que eu lhe dissera serem o prenúncio da verdadeira congestão pulmonar europeia, se anunciassem. Eu pus-me naquela altura a fazer-lhe o resumo de um artigo que lera num jornal médico francês a respeito da mesma doença enquanto, no Hospital Americano de Neuilly, aguardava que me cauterizassem a garganta. Aquela palavra — cauterização — produziu um efeito consolador em Scott. Mas ele queria saber quando era que chegaríamos à cidade. Respondi-lhe que, se andássemos bem, nos poríamos lá em vinte e cinco minutos.

Scott perguntou-me então se eu tinha medo de morrer e eu respondi-lhe que havia momentos em que tinha mais medo do que outros.

Naquela altura, começara a chover realmente com força, pelo que tivemos de nos refugiar num café da aldeia mais próxima. Não me lembro de todos os pormenores do que se passou naquela tarde mas, quando nos encontramos finalmente num hotel de uma terra que devia ser Châlon-sur-Saône, era já tão tarde que as lojas se encontravam fechadas. Scott despiu-se e foi para a cama assim que chegámos ao hotel. Não se importava de morrer de congestão pulmonar — disse. O que o preocupava apenas era o seguinte: quem havia depois de olhar por Zelda e pela pequenina Scotty? Eu não via lá muito bem como é que poderia olhar por elas, uma vez

que já me via bastante aflito com o ter de olhar pela minha mulher Hadley e pelo meu pequenino Bumby, mas disse-lhe que faria tudo o que pudesse. Scott agradeceu-me. Tinha de evitar que Zelda bebesse e que entregassem Scotty a uma preceptora inglesa.

Tínhamos mandado secar a roupa e estávamos em pijama. Lá fora continuava a chover, mas o quarto, com a luz eléctrica acesa, oferecia um aspecto alegre. Scott deitara-se na cama a fim de poupar as forças para a luta que iria travar com a doença. Eu tomara-lhe o pulso, que estava a 72 pulsações; pus-lhe a mão na testa e achei-a fresca. Encostei-lhe a minha cabeça ao peito; fi-lo respirar fundo e o peito soou-me a são.

— Olhe, Scott — disse. — Você está são como um pêro. Se quer fazer o melhor que há para evitar uma constipação, deixe-se estar na cama. Entretanto, eu mando vir uma limonada e um uísque para cada um de nós e você toma uma aspirina com uma bebida. Vai ver que se sente óptimo e que nem sequer uma constipaçãozinha apanha.

— Esses remédios caseiros...—começou Scott.

— Não tem temperatura. Como diabo é que você quer ter uma congestão pulmonar sem febre?

— Não pragueje. — disse Scott. — Como é que você sabe que eu não tenho temperatura?

— O seu pulso está normal e ao tacto não lhe sinto febre alguma.

— Ao tacto — repetiu Scott amargamente. — Se é realmente meu amigo, arranje-me um termómetro.

— Estou em pijama.

— Mande vir um.

Toquei a campainha. Ninguém apareceu. Toquei a campainha outra vez e por fim resolvi descer, à procura de um criado. Scott estava deitado, de olhos fechados, respirando com lentidão e como a medo e, com a sua cor de cera e as suas feições perfeitas, parecia um expedicionário morto. Eu começava a sentir-me cansado da vida literária, se àquilo que eu, naquele momento, andava a viver se podia chamar vida literária. O trabalho já me estava a fazer falta

e sentia aquela solidão de morte que se nos comunica ao fim de todos os dias que na vida desperdiçamos. Estava fartíssimo de Scott e da sua comédia idiota, mas acabei por descobrir o criado. Dei-lhe dinheiro para ir comprar um termómetro e um tubo de aspirina e mandei vir dois *citrons pressés* e dois uísques duplos. Tentei mandar vir uma garrafa de uísque mas só o vendiam a copo.

De volta ao quarto, vi Scott ainda deitado no seu túmulo, esculpido como o monumento de si próprio, de olhos fechados e respirando com uma dignidade exemplar.

Sentindo-me chegar, falou:

— Arranjou o termómetro?

Aproximei-me e pus-lhe a mão na testa. Não a senti gelada como a de um morto no seu túmulo. Estava fresca e não a achei viscosa.

— Não — respondi.

— Julguei que mo trazia.

— Mandei-o buscar.

— Não é a mesma coisa.

— Não é, pois não?

Não era possível uma pessoa zangar-se com Scott, tal como era impossível alguém irritar-se com um doido, mas eu começava a sentir-me irritado comigo próprio por me ter metido em toda aquela loucura. Ele tinha no entanto um ponto a seu favor e eu sabia-o muito bem. A maior parte dos bêbedos nesse tempo morriam de pneumonia, doença que actualmente quase desapareceu. Mas era difícil classificá-lo de bêbedo, uma vez que bastavam pequenas quantidades de álcool para o afectar.

Nesse tempo, na Europa, considerávamos o vinho não só tão saudável e normal como a comida, como ainda grande proporcionador de felicidade, de bem-estar e de prazer. Beber vinho não era pretensiosismo nem culto; era tão natural como comer e, para mim, igualmente necessário. Nunca eu pensaria em tomar uma refeição sem beber vinho, cidra ou cerveja. Gostava de todos os vinhos excepto dos doces ou adocicados, que achava excessivamente pesados e nunca me ocorreria que o facto de partilhar umas garrafas de Mâcon, que era um vinho branco muito

leve e seco, pudesse provocar alterações químicas em Scott capazes de o transformarem num tolo. Tinha havido também o uísque e o Perrier da manhã mas, devido ao pouco conhecimento que do álcool eu então possuía, era incapaz de imaginar que o uísque pudesse fazer mal a alguém que fosse a guiar à chuva e num carro descoberto. O álcool devia ter sido destilado em muito pouco tempo.

Enquanto esperava que o criado trouxesse as coisas que lhe pedira, sentei-me a ler um jornal e acabei uma das garrafas de Mâcon que abrira na última paragem. Há sempre alguns crimes extraordinários nos jornais que; quando vivemos em França, podemos seguir dia a dia. Esses crimes lêem-se como folhetins e é necessário terem-se lido os primeiros capítulos, uma vez que nos não fornecem resumos do que já passou, como acontece com os folhetins americanos e, de qualquer modo, nenhum folhetim dos jornais americanos é tão bom como esses crimes, desde que se tenha lido o primeiro capítulo, o que é de importância capital. Quando viajamos pela França, os jornais desapontam-nos porque perdemos a continuidade dos vários *crimes*, *affaires* ou *scandales* e assim perdemos igualmente grande parte do prazer que a sua leitura nos poderia proporcionar num café. Nessa noite, eu preferiria de longe estar num café, em que teria a possibilidade de ler as edições matutinas dos jornais de Paris, de observar as pessoas e de beber alguma coisa mais forte do que o Mâcon como preparação para o jantar. Mas eu estava de guarda a Scott; por isso, tinha de procurar distração mesmo onde me encontrava.

Quando o criado chegou com os dois copos com gelo e limão espremido, os uísques e a garrafa de água de Perrier, disse-me que a farmácia estava fechada e que não conseguira arranjar o termómetro. Mas pedira a alguém um comprimido de aspirina. Perguntei-lhe se não poderia igualmente pedir um termómetro emprestado. Scott abriu os olhos e lançou um olhar terrível ao criado.

— Você disse-lhe que o caso era grave? — perguntou.

— Suponho que ele compreende a situação.

— Por favor, explique-lhe bem o que se passa.

Tentei explicar tudo muito bem e o criado disse:

— Vou ver o que posso arranjar.

— A gorjeta que lhe deu seria suficiente? Olhe que eles só trabalham à força de gorjetas.

— Não sabia disso— respondi. — Pensei que o hotel lhes pagava para trabalharem.

— Estou-lhe a dizer que só se consegue alguma coisa dos criados quando se lhes dá uma gorjeta substancial. A maior parte deles encontram-se absolutamente corrompidos.

Pensei em Evan *Shipman* e no criado da *Closerie des Lilas*, que se vira forçado a cortar o bigode quando fizeram um bar à americana na *Closerie* e em como Evans andava a trabalhar no jardim de Montrouge desse mesmo criado e em como todos nós éramos bons amigos e o tínhamos sido por tanto tempo no *Lilas* e em todas as mudanças que se haviam verificado e no que elas para nós significavam. Pensei em contar a Scott todo o problema do *Lilas* embora já provávelmente lhe tivesse falado nele noutra altura, mas eu sabia que Scott não queria saber de criados para nada nem dos seus problemas nem das suas amabilidade e afeições. Nesse tempo, Scott odiava os Franceses e, uma vez que os únicos franceses que ele via com frequência eram criados que ele não compreendia, motoristas de táxi, empregados de garagens e senhorios, dispunha de muitas oportunidades de os insultar e tratar mal.

Ainda odiava mais os italianos do que os franceses e jamais conseguia falar deles com calma mesmo quando não estava embriagado. Às vezes, também odiava os ingleses, mas outras vezes tolerava-os e até, de longe em longe, lhes concedia alguma atenção. Não sei que sentimentos lhe inspiravam os alemães e os suíços. A verdade é que também não sei se ele conheceu alguma vez qualquer indivíduo dessas nacionalidades.

Nessa noite, no hotel, sentia-me satisfeitíssimo por o ver assim calmo. Misturei a limonada com o uísque e dei-lho com duas aspirinas, que ele engoliu sem protestar e com uma calma

admirável. Foi tomando a bebida. Estava nesse momento de olhos abertos e distantes. Eu ia lendo o *crime* numa página de dentro do jornal e sentia-me feliz — talvez até demasiado feliz, segundo parecia.

— Você é uma pessoa fria, não é? — perguntou-me Scott.

Vi imediatamente, ao fitá-lo, que lhe havia aplicado um tratamento errado. Se não errara o diagnóstico, o uísque, esse agira contra nós.

— Que quer dizer com isso, Scott?

— É que tem a coragem de estar para aí a ler essa porcaria dessa folha de couve francesa, sem se importar nada com o facto de eu estar a morrer.

— Quer que vá chamar um médico?

— Não. Não quero nenhum desses nojentos médicos franceses da província.

— Que quer então?

— Quero que me tirem a temperatura. Depois, que me sequem a roupa, a fim de tomarmos o comboio expresso de Paris, para que eu possa entrar no Hospital Americano de Neuilly.

— As nossas roupas não estarão secas antes da manhã e não há nenhum comboio expresso — respondi. — Porque é que não descansa e não janta na cama?

— Quero que me tirem a temperatura.

Aquilo continuou por muito tempo até que o criado trouxe um termómetro.

— Só conseguiu arranjar este? — perguntei. Scott tinha os olhos fechados quando o criado entrou e pareceu-me pelo menos tão caído como Camille. Nunca vi um homem que perdesse o sangue do rosto tão rapidamente como aquele. Perguntei a mim mesmo para onde é que lhe iria o sangue.

— É o único que há no hotel — disse o criado, estendendo-me o termómetro. Era um termómetro de banho encaixilhado em madeira e com metal suficiente para mergulhar na água. Bebi um grande trago de uísque puro e abri a janela um momento para

observar a chuva. Quando me voltei, Scott estava de olhos pregados em mim.

Sacudi o termómetro profissionalmente e disse:

— Você tem sorte em não se tratar de um termómetro rectal.

— Onde é que isso se põe?

— Debaixo do braço — disse eu, metendo-lho na axila.

— Não altere a temperatura — acudiu Scott.

Sacudi de novo o termómetro com um só movimento brusco e descendente; desabotoei-lhe o pijama e pus-lhe o instrumento debaixo do braço enquanto lhe tacteava a fronte fresca. Depois, tomei-lhe de novo a pulsação. Ele olhava em frente, de olhos fixos. A pulsação era de 72. Deixei-lhe ficar o termómetro por quatro minutos.

— Julguei que bastava um minuto — disse Scott.

— É que este é um termómetro grande — expliquei.—É preciso fazer a multiplicação pelo quadrado do tamanho do termómetro. Trata-se de um termómetro centígrado.

Por fim, tirei-lhe o termómetro e fui lê-lo à luz.

— Quanto marca?

— 37 graus e 6 décimos.

— E quai é a temperatura normal?

— É esta mesma.

— Tem a certeza?

— Absoluta.

— Experimente em você. Tenho de ter a certeza.

Sacudi o termómetro, abri o meu pijama e coloquei o termómetro na axila, onde o mantive enquanto ia contando os minutos. Depois, li-o.

— Quantos? — Eu continuava a olhar para o termómetro. — A mesma coisa exactamente.

— E como é que você se sente?

— Esplêndido — respondi. Estava a ver se me lembrava se trinta e seis e sete era realmente a temperatura normal. Não tinha importância porque o termómetro nem subira; mantivera-se firme nos trinta.

Scott estava um bocadinho desconfiado; por isso, perguntei-lhe se queria que fizesse nova experiência.

— Não — respondeu. — Foi uma sorte isto ter passado tão depressa. Eu sempre tive um grande poder de recuperação.

— Você está fixe — disse eu. — Mas acho que não faria nada mal se se deixasse ficar na cama e comesse uma ceiazita leve. Depois, poderíamos sair de manhã cedinho. — Eu tinha pensado em comprar impermeáveis para nós, mas, para isso, teria de lhe pedir dinheiro emprestado e eu não queria começar a discutir o assunto naquela altura.

Scott não quis ficar na cama. Teimou em levantar-se, descer e telefonar a Zelda, para que ela soubesse que ele se encontrava bem.

— Porque é que ela havia de pensar que você não estava bem?

— Esta é a primeira noite que eu durmo sem ela desde que nos casámos e tenho de lhe falar. Decerto você compreende o que isso significa para nós, não é verdade?

Compreendia, sim, mas o que eu não percebia era como é que ele e Zelda poderiam ter dormido juntos na noite anterior; mas aquilo não valia uma discussão. Scott bebeu o uísque puro muito depressa e pediu-me que mandasse vir outro. Eu encontrei o criado, restituí-lhe o termómetro e perguntei-lhe como é que ia a secagem das roupas. Ele achava que eram capazes de estar secas daí a uma hora ou coisa parecida.

— Diga ao empregado que as passe a ferro porque isso bastará para as secar. Não é preciso que estejam completamente enxutas.

O criado trouxe as duas bebidas com que eu esperava evitar uma constipação; bebi a minha e aconselhei Scott a tomar a dele devagarinho. Agora era eu quem se encontrava preocupado, não fosse ele apanhar uma constipação pois, naquela altura, já eu compreendia que, se ele apanhasse qualquer coisa semelhante a uma constipação-forte, teria naturalmente de ser hospitalizado. Mas a bebida fê-lo sentir-se maravilhosamente durante um bocado. Causavam-lhe prazer as trágicas implicações de ser aquela a primeira noite em que ele e Zelda dormiam separados. Por fim, não

pôde esperar mais para fazer a chamada telefónica e, vestindo o roupão, desceu a pedir a chamada.

A ligação levava ainda algum tempo. Pouco depois de ele ter voltado ao quarto, o criado apareceu com dois uísques duplos, secos. Isto era o máximo que eu até então tinha visto Scott beber, mas a bebida não exerceu nele efeito algum a não ser o de o tornar mais animado e conversador. Começou a fazer-me o resumo da sua vida com Zelda. Contou-me como, durante a Guerra, a conheceu; como depois a perdera e tornara a conquistar; falou-me do seu casamento e de qualquer coisa trágica que lhes acontecera havia um ano em Saint-Raphael. Essa foi a primeira versão que ele me forneceu acerca de Zelda e do facto de ela se ter apaixonado por um francês da Aviação Naval que lhe correspondia. Tratava-se de uma história realmente triste e que eu supus verdadeira. Mais tarde, ouvi-lhe outras versões da mesma história. Era como se ele estivesse a prepará-la para um conto, mas nenhuma versão foi tão triste como aquela primeira e eu sempre acreditei nela, embora qualquer das outras pudesse ser a verdadeira.

Contava-a cada vez melhor, mas nunca ela me comoveu tanto como da primeira vez.

Scott era muito eloquente e conta va bem uma história. Não hesitava na escolha das palavras nem tentava pôr nada em evidência. Por isso, não ficávamos com a impressão de termos lido um iletrado, o que nos acontecia quando líamos as cartas dele antes de serem corrigidas. Só ao fim de dois anos de convivência é que Scott conseguiu pronunciar correctamente o meu nome, mas a verdade é que se tratava de um nome comprido e talvez, com o tempo, ele se tornasse mais difícil de pronunciar e eu admirei-o verdadeiramente quando ele, por fim, chegou a pronunciar-lo como devia ser. Aprendeu a pronunciar coisas mais importantes e tentou pensar com justeza acerca de muitas mais.

Nessa noite, ele empenhou-se em que eu soubesse, compreendesse e apreciasse o que tinha acontecido em Saint-Raphael e eu vi o caso com tamanha clareza que até consegui visualizar o aeroplano de assento único, ouvir o zumbido do trem de

amarar; vi perfeitamente a cor do oceano, a forma das pontes flutuantes, a sombra que elas projectavam, o rosto queimado de Zelda e de Scott, o loiro escuro e o loiro claro do cabelo de ambos e o rosto profundamente queimado do rapaz que se apaixonara por Zelda. Não tive coragem de lhe perguntar aquilo que me dominava o espírito: se, de facto, aquela história era verdadeira. Se tudo aquilo tinha acontecido, como e que Scott teria podido dormir todas as noites na mesma cama com Zelda? Mas talvez fosse isso o que tornava aquela história mais triste do que qualquer outra que me tivessem contado e, também, talvez ele se não lembrasse dela tão vívidamente noutras ocasiões como naquela noite.

As nossas roupas vieram antes da chamada telefónica. Vestimo-nos e descemos para jantar. Agora, Scott vacilava um bocadito ao caminhar e olhava para as pessoas de lado e com uma certa agressividade. Serviram-nos excelentes caracóis acompanhados de uma garrafa de Fleury para começar e, enquanto íamos em meio de uns e de outra, vieram chamar Scott, que finalmente obtivera a ligação que desejava. Passou-se uma hora sem que ele regressasse do telefone e eu acabei por comer os caracóis dele e por ensopar bocadinhos de pão no molho de manteiga, alho e salsa. Quando Scott voltou, disse-lhe que lhe ia mandar arranjar mais caracóis mas ele respondeu que não queria. O que ele desejava era qualquer coisa simples. Não queria bife nem fígado nem presunto nem omeleta. Queria frango. Tínhamos comido frango frio muito bom ao meio-dia mas aquela região também era ainda famosa pelo frango; por isso, comemos *poularde de Bresse* regada com uma garrafa de *Montagny*, que era um vinho branco leve e agradável dos arredores. Scott comeu muito pouco, mas bebericou um copo de vinho. Deixou-se ficar à mesa com a cabeça entre as mãos. Era uma atitude natural. Não havia teatro naquilo e até dava a impressão de que ele se esforçava por não entornar nem quebrar nada. Eu e o criado levámo-lo até ao quarto e pusemo-lo em cima da cama. Tirei-lhe as roupas de cima; pendurei-lhe o fato; depois, abri a cama e cobri-o com a roupa. Abri a janela, que mantive sempre aberta por o tempo estar límpido.

Desci novamente a acabar a refeição e pus-me a pensar em Scott. Era evidente que ele não devia beber nada e que eu não tinha olhado por ele como devia ser. Tudo quanto ele bebia parecia estimulá-lo demasiadamente e, por fim, envenená-lo. Planeei reduzir-lhe no dia seguinte as bebidas o mais possível. Iria dizer-lhe que tínhamos de regressar a Paris e que eu tinha de efectuar os meus treinos literários, o que não era verdade. O meu treino consistia em não beber nunca depois do jantar nem antes de escrever nem enquanto escrevia. Fui para cima; abri todas as janelas de par em par e adormeci logo que me deitei.

No dia seguinte, largámos a caminho de Paris. Estava um belo dia. Atravessámos a *Côte d'Or* envoltos no ar recentemente lavado pela chuva. Os montes, os campos e as vinhas pareciam renovados e Scott ia muito jovial, feliz e de boa saúde. Contou-me o enredo de todos os romances de Michael Arlen. Michael Arlen — dizia ele — era o homem que mais convinha estudar e tanto ele como eu poderíamos aprender muito com esse autor. Respondi-lhe que não era capaz de os ler. Então, Scott disse-me que não tinha necessidade disso. Ele podia contar-me todos os enredos e descrever-me todas as personagens. Fez-me assim uma espécie de doutoramento em filosofia acerca de Michael Arlen.

Perguntei-lhe se a ligação estivera boa enquanto falara com Zelda e ele respondeu-me que não fora má e que eles tinham muita coisa a dizer um ao outro. Às refeições, mandei vir uma garrafa do vinho mais leve que consegui descobrir e disse a Scott que ele me faria um grande favor se me não deixasse mandar vir mais porque tinha de me treinar literariamente e não devia, fossem quais fossem as circunstâncias, beber mais do que uma garrafa. Ele cooperou maravilhosamente e quando, acabada a garrafa, me viu com ar nervoso cedeu-me parte da sua.

Quando o deixei em casa e tomei um táxi para voltar à serração, achei maravilhoso encontrar-me de novo com minha mulher. Fomos até à *Closerie des Lilas* beber qualquer coisa. Sentíamo-nos felizes como duas crianças quando, depois de uma separação, se

encontram novamente reunidas. Conte-lhe o que se passara na viagem.

— Mas não te divertiste nem aprendeste nada, Tatie? — perguntou ela.

— Teria aprendido qualquer coisa a respeito de Michael Arlen se tivesse dado atenção ao que Scott me disse sobre ele e aprendi coisas que não consigo definir bem.

— O Scott não é feliz, pois não?

— Talvez seja.

— Pobre homem!

— Aprendi uma coisa.

— Que foi?

— Que nunca se deve viajar com alguém que nos não agrada.

— Não achas que isso já foi muito bom?

— Foi, sim. E nós vamos a Espanha.

— Isso. Já só faltam menos de seis semanas para partirmos. E, este ano, não vamos deixar que ninguém nos estrague a viagem, pois não?

— Não. E, depois de Pamplona, iremos a Madrid e a Valência.

— Hum... hum... hum — fez ela, quase ronronando como um gato.

— Pobre Scott! — murmurei eu.

— Pobre toda a gente! — exclamou Hadley. — Há ricos que é como se não tivessem dinheiro.

— Nós temos uma sorte formidável.

— Temos de ter juízo e de nos agarrarmos bem a ela.

Ambos tocámos na madeira da mesa do café e o criado apareceu a perguntar o que queríamos. Mas aquilo que nós queríamos nem ele nem ninguém nem o bater na madeira ou no mármore, que era o material do tampo da mesa, nos poderiam dar. Porém, nessa noite, nós ignorávamos isso e sentíamo-nos felizes.

Um ou dois dias depois da viagem, Scott trouxe-me o seu livro. Tinha uma capa de protecção espalhafatosa e eu lembro-me que fiquei constrangido com a violência, mau gosto e aspecto obsceno da mesma. Parecia a capa de um livro de ficção científica. Scott

pediu-me que me não desinteressasse dele por causa disso; que aquilo dizia respeito a um quadro para afixar cartazes numa estrada de Long Island, o qual tinha importância dentro do romance. Disse que, a princípio, tinha gostado da capa mas, naquele momento, já não gostava dela. Antes de me pôr a ler o livro, tratei de a tirar.

Quando acabei de o ler, cheguei à conclusão de que, fizesse Scott o que fizesse ou procedesse como procedesse, eu tinha de me capacitar de que aquilo era como uma doença, de que tinha de o ajudar em quanto me fosse possível e de que me deveria esforçar por ser muito seu amigo. Scott era, entre os meus conhecimentos, a pessoa que mais e melhores amigos contava. Mas eu alistei-me nesse número como mais um, quer lhe pudesse ser útil quer não. Se ele fora capaz de escrever um livro tão bom como «O Grande Catsby», era mais do que certo que poderia vir a fazer outro ainda melhor. Nessa altura, eu ainda não conhecia Zelda e, por isso, desconhecia igualmente as coisas terríveis com que ele se via forçado a lutar. Mas não tardaria muito que as viéssemos a descobrir.

Os falcões não repartem nada

Scott Fitzgerald convidou-nos a almoçar com ele, com a mulher e com a filhinha na casa mobilada do 14 da *Rue Tilsitt*, que havia arrendado. Não me lembro quase nada dessa mesma casa, a não ser que era sombria e abafada, que nada havia nela que parecesse pertencer-lhes, excepto os primeiros livros de Scott, encadernados em cabedal azul-claro e com os títulos doirados. Scott mostrou-me também um grande livro onde guardava por ordem cronológica todos os contos que havia publicado, bem como a anotação de quanto recebera por eles, pela venda de argumentos para cinema e pelos seus direitos de autor. Estava tudo tão minuciosamente discriminado como num diário de bordo. Mostrou-nos esse livro com o orgulho impessoal de um conservador de museu. Nervoso e hospitaleiro, Scott mostrou-nos o total dos seus ganhos como quem mostra a vista da casa. Mas essa, era coisa que não existia.

Em Zelda, a ressaca da bebedeira era péssima. Na noite anterior, o casal tinha ido a Montmartre e haviam discutido porque Scott se não queria embriagar. Ele decidira — segundo me confiou — trabalhar com afinco e deixar de beber e Zelda tratava-o como se ele fosse um desmancha-prazeres ou um aborrecido. Eram estes os dois qualificativos com que ela costumava mimosá-lo. Arvorava, nessa altura, um ar de recriminação. Costumava dizer o seguinte: «Eu não fiz isso. Não fiz semelhante coisa. Isso não é verdade, Scott.» Mais tarde, parecia recordar-se de qualquer coisa e punha-se a rir alegremente.

No dia do convite, Zelda não se encontrava nos seus melhores dias quanto a aspecto. O lindo cabelo loiro que possuía estava temporariamente arruinado, mercê de uma má permanente que fizera em Lyon quando a chuva os forçara a abandonar o carro. Tinha os olhos fatigados e o rosto excessivamente tenso e franzido.

Mostrou-se cerimoniosamente amável para com Hadley e para comigo, mas uma grande parte do seu ser parecia a mil léguas de distância; continuaria talvez na festa da qual regressara já de manhã. Tanto ela como Scott davam a impressão de supor que eu me divertira à grande na viagem de regresso de Lyon e ela mostrava-se cheia de inveja.

— Já que vocês os dois passearam e se divertiram tanto um com o outro, acho que é justo que, pelo menos, eu me tenha entretido aqui com os nossos bons amigos — disse ela, dirigindo-se a Scott.

Este mostrou-se um anfitrião perfeito. No entanto, comemos um péssimo almoço que somente o vinho conseguiu alegrar um pouco. A filhita deles era loira, de carinha bochechuda, bem construída, com o ar de quem vendia saúde e falava o inglês com um forte sotaque londrino. Scott explicou que ela tinha uma ama inglesa porque o desejo dele era que a pequenita, em crescida, viesse a falar como Lady Diana Manners.

Zelda possuía uns olhos de falcão, boca delgada, maneiras e pronúncia que acusavam fortemente o Sul. Quem lhe observasse o rosto, veria o seu espírito abandonar a mesa para se refugiar na reunião da véspera; voltava depois com os olhos inexpressivos de um gato, para em seguida, se mostrar feliz. Essa felicidade lia-se-lhe então nas linhas delgadas dos lábios, para logo se evaporar. Scott continuava a mostrar-se anfitrião jovial e simpático e Zelda olhava para ele e sorria com ar feliz, tanto com os olhos como com a boca quando o via beber vinho. Aprendi a conhecer muito bem aquele sorriso. Significava ele que Zelda desejava que Scott perdesse as suas possibilidades de escritor.

Ela tinha ciúme do trabalho do marido e, quando cheádmos a conhecê-los bem, aquilo tornou-se o pão-nosso de cada dia. Todas as noites Scott resolvia deixar aquelas festas onde se embriagava, fazer exercício todos os dias e trabalhar com regularidade. Começava de facto a trabalhar, mas, assim que ele se enfronhava na sua tarefa, Zelda começava a queixar-se de aborrecimento, e tanto fazia que lá o arrastava para mais uma noite de pândega. Questionavam então para depois fazerem as pazes. Ele dava

grandes passeios comigo para eliminar o álcool mercê da transpiração e resolvia que, daí em diante, se iria dedicar sèriamente ao trabalho e se livraria de tudo aquilo. E, afinal, tudo recomeçava mais uma vez.

Scott estava apaixonadíssimo por Zelda e tinha muitos ciúmes dela. Durante os nossos passeios, falou-me muitas vezes na maneira como ela se apaixonara pelo piloto-naval francês. Mas a verdade é que, depois disso, ela nunca mais lhe dera realmente motivos para ter ciúme de qualquer outro homem. Naquela Primavera, provocara-lhe ciúmes com outras mulheres e, nas festas de Montmartre, ele tinha medo de ficar inconsciente e tinha receio de a deixar cair no mesmo estado. Mas o tornarem-se inconscientes quando bebiam fora sempre a grande defesa de ambos. Dava-lhes o sono assim que ingeriam uma quantidade de álcool ou de champanhe que pouco efeito produziria em pessoas habituadas a beber e então adormeciam como crianças. Vi-os ficarem inconscientes, não como se estivessem embriagados mas como se tivessem sido anestesiados, e os seus amigos — ou por vezes um motorista de táxi — levavam-nos para a cama. Quando acordavam, sentiam-se frescos e bem dispostos, pois não tinham bebido álcool que bastasse a prejudicar-lhes a saúde antes de ficarem inconscientes.

Mas, por aquela altura, já não possuíam essa defesa natural. Zelda já então podia beber mais do que Scott e este tinha medo que ela ficasse sem defesa no grupo de que eles, nessa Primavera, faziam parte ou nos sítios a que iam. Scott não gostava nem dos tais sítios nem das pessoas que neles encontrava; via-se forçado a beber mais do que aguentava e a manter-se senhor de si, para suportar as pessoas e os locais aonde iam; depois, tinha de beber ainda mais para se conservar acordado numa altura em que habitualmente já deveria ter perdido o conhecimento das coisas. Por fim, mal arranjava tempo para escrever.

Mas tentava sempre entregar-se ao trabalho. E todos os dias tentava e todos os dias falhava. Atribuía esse malogro a Paris, que é, afinal, a cidade mais bem organizada para o trabalho que existe

no mundo. Scott pensava sempre que havia de existir qualquer sítio onde ele e Zelda pudessem retomar um ritmo de vida sã. Pensava na Riviera tal como esta era antes da urbanização, com as suas adoráveis extensões de mar azul, as praias, as grandes manchas de pinhal e as montanhas do litoral a morrerem no mar. Evocava-a tal como fora quando ele e Zelda a haviam descoberto antes de as outras pessoas terem feito dela uma estância de Verão.

Scott falou-me da Riviera. Achava que eu e minha mulher devíamos ir para lá. Disse-me qual a maneira como devíamos ir, acrescentando que nos havia de arranjar uma casa em boas condições económicas. Eu e ele havíamos de trabalhar todos os dias, de nadar e de nos estendermos na praia e de nos queimarmos. Tomaríamos apenas um aperitivo antes do almoço e outro antes do jantar. Zelda — dizia ele — havia de se sentir lá feliz. Ela gostava de nadar e era uma esplêndida mergulhadora. Havia de se sentir feliz com aquela vida; havia de querer que ele trabalhasse e tudo se fazia com disciplina. Ele, Zelda e a filhita iam para lá naquele Verão.

Eu esforçava-me por levá-lo a escrever os seus contos o melhor que lhe era possível e não a alterá-los para obedecer a uma fórmula, como ele me explicara que fazia.

— Você escreveu um esplêndido romance — dizia-lhe eu. — E não deve escrever porcarias.

— Mas o romance não é vendável — argumentava ele. — Tenho de escrever contos e têm de ser contos que se vendam.

— Escreva o melhor conto que lhe for possível e o mais honestamente que puder.

— Vou fazer isso — respondia ele.

Mas, no pé em que as coisas estavam, muita sorte tinha ele quando conseguia escrever alguma coisa. Zelda não encorajava os homens que andavam atrás dela e não tinha nada que ver com eles — segundo afirmava. Mas aquilo divertia-a e provocava ciúmes em Scott, que tinha de ir atrás dela para todos os lados. Isso impedia-o de trabalhar e ela tinha mais ciúmes do trabalho dele do que de qualquer outra coisa.

Durante o fim de toda essa Primavera e o princípio do Verão, Scott esforçou-se por trabalhar, mas só conseguia fazê-lo de longe em longe. Quando o encontrava, via-o sempre alegre; às vezes, até exasperadamente alegre; contava anedotas e era um excelente companheiro. Quando as coisas lhe corriam muito mal, ouvia-o falar do que o preocupava e tentava levá-lo a compreender que se ele tivesse força de vontade, viria a escrever como devia. Dizia-lhe que só a morte é irremediável. Nessas alturas, troçava de si próprio e, uma vez que ele conseguia fazê-lo, pensei que estava salvo. No meio de tudo aquilo, escreveu um bom conto «O Rapaz Rico» e eu tenho a certeza de que ele ainda seria capaz de escrever melhor do que aquilo, como realmente veio mais tarde a fazer.

Passámos o Verão em Espanha, onde comecei o primeiro esboço de um romance que acabei, quando, em Setembro, voltei para Paris. Scott e Zelda tinham estado em Cap d'Antibes e, nesse Outono, quando o vi em Paris, achei-o muito mudado. Não conseguira libertar-se do álcool na Riviera e, por essa altura, tanto andava embriagado de dia como de noite. Já lhe não interessava que se trabalhasse ou não. Aparecia-me no 113 da *Rue de Notre-Dame-des-Champs* em qualquer altura e sempre bêbedo, quer de dia, quer de noite. Começava a tornar-se excessivamente grosseiro para com os inferiores ou para com quaisquer pessoas que ele considerasse abaixo da sua condição.

Uma vez que me foi visitar, entrou pelo portão da serração com a filhita — era o dia de folga da ama inglesa e fora Scott quem ficara a olhar pela criança — e, ao fundo da escada, ela disse-lhe que precisava de ir ao quarto de banho. Scott começou a despi-la e, nessa altura, o senhorio, que vivia no andar por baixo do nosso, apareceu e disse-lhe: — *Monsieur*, há um *cabinet de toilette* em frente, à esquerda dos degraus.

— Está bem. E se você se mete comigo, sou eu quem lhe mete a cabeça lá dentro — respondeu Scott.

Em todo esse Outono, foi extremamente difícil lidar com Scott, que, no entanto, havia começado a escrever um romance a que se dedicava quando se não encontrava bêbedo. Nessas alturas,

raramente lhe punha a vista em cima, mas, quando tal acontecia, mostrava-se sempre simpático; ainda dizia graças e às vezes até se divertia à custa da sua própria pessoa. Mas, quando estava bêbedo, vinha geralmente ter comigo e, nessa altura, dava-lhe quase tanto prazer interromper-me o trabalho como acontecia com Zelda quando interrompia o do marido. Isto continuou assim durante anos, mas também, entretanto, eu não tive amigo mais leal do que Scott quando ele se encontrava nos seus momentos de lucidez.

Nesse Outono de 1925, andava desconcertado por eu lhe não querer mostrar o manuscrito do meu quarto esboço de *O Sol também se levanta*. Expliquei-lhe que aquilo não significava nada enquanto eu não revisse o manuscrito e o não tornasse a escrever e, antes disso, eu não queria discuti-lo nem mostrá-lo a ninguém. Nós íamos para Schruns, região austríaca, no Vorarlberg logo que a neve começasse a cair.

Foi lá que reescrevi a primeira metade do manuscrito, trabalho que terminei — suponho — em Janeiro. Levei-o a Nova Iorque e mostrei-o a Max Perkins do Scribners. Depois, voltei para Schruns, onde acabei a remodelação do livro. Scott não o viu antes de eu o ter remetido mais uma vez, completamente remodelado e com alguns cortes, ao Scribners, no fim de Abril. Lembro-me de ter brincado com ele a respeito disso e de ele se ter mostrado como sempre, preocupado e ansioso por me ajudar, quando uma coisa já estava feita. Mas a verdade é que eu não desejava a sua ajuda enquanto refazia o meu trabalho.

Durante a nossa estadia no Vorarlberg e enquanto eu ultimava o trabalho de aperfeiçoamento do romance, Scott, a mulher e a filha haviam saído de Paris e ido para uma estância de águas nos Baixos Pirenéus. Zelda enfermara daquela vulgar doença de intestinos que o excesso de champanhe produz e a que então se dava o nome de colite. Scott, por essa altura, deixara de beber; recomeçara a trabalhar e queria que nós fôssemos todos em Junho para *Juan-les-Pins*. Haviam de nos arranjar uma vivenda barata e, dessa vez, ele deixaria de beber e tudo se passaria como nos bons velhos tempos; havíamos de nadar; de ter saúde, de nos queimarmos e de tomar

apenas um aperitivo antes do almoço e outro antes do jantar. Zelda já estava boa; sentiam-se ambos finos, e o seu romance avançava que era uma beleza. Tinha uns dinheiros a receber pela peça que haviam extraído do *Grande Catsby*, a qual estava a fazer carreira; havia de a vender para o cinema e sentia-se, por isso, livre de preocupações. Zelda estava realmente boa e tudo havia de entrar nos eixos.

Eu havia ido em Maio a Madrid, onde trabalhara sozinho. Viajei, de comboio, de Bayonne até S. Juan-les-Pins em terceira classe porque havia estupidamente gasto todo o dinheiro que levava e a última vez que comera fora em Hendaye, na fronteira franco-espanhola. Era uma bonita vivenda e Scott tinha uma bela casa não muito longe da minha. Senti-me muito feliz ao ver que a minha mulher olhava maravilhosamente pela casa e pelos meus amigos. O aperitivo único que tomámos antes do almoço era muito bom. Depois, tomámos mais alguns. Nessa noite, havia uma festa no Casino em honra da minha chegada, na qual tomava parte um pequeno grupo formado pelos Mac-Leishes, pelos Murphys, pelos Fitzgeralds e por nós, que estávamos a habitar na vivenda. Champanhe foi a bebida mais forte que se tomou. Aquilo estava muito animado e era, sem dúvida alguma, um lugar esplêndido para quem quisesse trabalhar. Havia ali tudo o que era preciso para escrever, até solidão.

Zelda estava muito bonita e o sol vestira-a inteiramente de uma adorável cor de oiro; o cabelo dela tomara uma tonalidade linda, de um loiro-escuro. Mostrava-se muito afectuosa. Os seus olhos de falcão brilhavam, límpidos e calmos. Eu acabara por me convencer de que tudo corria bem e que tudo se havia finalmente de resolver pelo melhor quando ela, inclinando-se para mim, me revelou o seu segredo ao perguntar-me:

— Ernest, não acha que A1 Jolson é maior do que Jesus?

Naquela altura, ninguém pensou em interpretar aquilo. Era apenas o segredo de Zelda que ela partilhava comigo, da forma por que um falcão pode partilhar qualquer coisa com um homem. Mas os falcões não partilham nada. Scott não tornou a escrever coisa

que fosse realmente válida, a não ser depois de ter compreendido que ela estava doida.

Questão de medidas

MUITO mais tarde, depois de Zelda ter tido o que então se designou como a sua primeira depressão nervosa — estávamos nós todos em Paris —, Scott pediu-me que fosse almoçar com ele ao restaurante Michaud, que ficava à esquina da *Rue Jacob* com a *Rue des Saints-Pères*. Disse que tinha uma coisa muito importante a perguntar-me, que lhe interessava mais do que qualquer outra coisa no mundo, e que eu lhe devia responder o mais sinceramente possível. Quando ele habitualmente me pedia que lhe falasse com toda a franqueza — o que é extremamente difícil — e eu me esforçava por lhe fazer a vontade, o que eu lhe dizia tinha o condão de o pôr furioso, coisa que raramente acontecia quando eu me abstinha de o fazer de momento e lhe fornecia a minha opinião depois de lhe ter dado tempo a meditar no assunto. As minhas palavras habitualmente transformavam-se em qualquer coisa que tinha de ser demolida e até eu próprio tinha de ser demolido.

Bebeu vinho ao almoço, o que o não afectou, pois não se havia preparado para o almoço bebendo antes. Falámos do nosso trabalho e de gente conhecida e ele perguntou-me por pessoas que havia tempo deixáramos de ver. Eu sabia que ele andava a escrever uma boa obra, que lhe estava a causar bastantes aborrecimentos por muitas razões mas não era disso que ele desejava falar. Fui aguardando que a coisa surgisse — o tal assunto sobre o qual eu deveria pronunciar-me com sinceridade absoluta — mas ele não parecia disposto a falar no caso antes do fim da refeição. Era como se se tratasse de um almoço de negócios.

Finalmente, por altura da torta de cerejas e da última garrafa de vinho. disse:

— Sabes que nunca dormi com outra mulher que não fosse a Zelda?

— Não, não sabia.

— Julguei que já to tinha dito.

— Não. Contaste-me uma porção de coisas, mas isso não.

— É por isso que eu quero falar contigo.

— Muito bem. Nesse caso, fala.

— Zelda diz que, devido à minha constituição, eu nunca poderei dar satisfação a uma mulher e que 101 ISSO o que começou a transtorná-la. Ela diz que é uma questão de medidas. Nunca mais me senti o mesmo desde que ela disse aquilo. Tenho de saber a verdade.

— Vem daí até ao *office* — disse eu.

— Onde é o *office*?

— O *water* — respondi.

Voltámos ao salão e sentámo-nos à mesa.

— És absolutamente normal — declarei. — Absolutamente fixe. Não tens defeito nenhum. Tu observas-te de cima para baixo e é isso que te dá a impressão de pequenez. Vai ao Louvre ver as estátuas e, depois de voltares para casa, observa-te ao espelho, de perfil.

— Essas estátuas podem não ser perfeitas.

— São bem fiéis. A maior parte das pessoas podia posar para elas.

— Nesse caso, porque é que ela havia de dizer uma coisa destas?

— Para te impedir de trabalhar. É o meio mais antigo que no mundo existe de incapacitar uma pessoa. Scott, pediste-me que te dissesse a verdade e eu poderei dizer-te muita coisa sobre o assunto, mas esta é a verdade pura e tudo o que tu precisas. Podias ter ido a um médico.

— Não quis. Queria que fosses tu a dizer-me a verdade.

— E, agora, acreditas em mim?

— Não sei — respondeu.

— Vem daí até ao Louvre — disse eu. — É mesmo ao fundo da rua, do outro lado do rio.

Fomos ao Louvre. Ele observou as estátuas, mas continuava na dúvida.

— Não se trata basicamente das proporções em repouso — tornou ele. — Mas do tamanho que depois adquire. E é também uma questão de ângulo.

Expliquei-lhe que podia servir-se de uma almofada e mais umas coisas que talvez lhe conviesse saber.

— Há uma rapariga — começou ele — que tem sido muito simpática para mim. Mas, depois do que Zelda disse...

— Deixa lá o que a Zelda disse — aconselhei eu. — A Zelda é doida. Não tens defeito nenhum. Confia em ti e contenta lá a tal rapariga. O que a Zelda quer é destruir-te.

— Tu não sabes nada a respeito da Zelda.

— Muito bem — respondi eu. — Seja assim. Mas tu vieste almoçar comigo para me fazeres uma pergunta e eu tentei dar-te uma resposta franca.

Ele, no entanto, continuava na dúvida.

— Queres ir ver alguns quadros? — perguntei. — Já viste aqui algum quadro sem ser a Mona Lisa?

— Não estou com disposição para ver pintura — respondeu — Prometi ir ter com umas pessoas ao bar do Ritz.

Daí a muitos anos, no bar do Ritz, muito depois da segunda Guerra Mundial, Georges, que é actualmente o chefe do *bar*, mas que era *chasseur* quando Scott vivia em Paris, perguntou-me:

— Papá, quem era esse *Monsieur* Fitzgerald de quem toda a gente me pergunta coisas?

— Não o conhecestes?

— Não. Lembro-me de toda a gente desse tempo. Mas actualmente só me perguntam coisas a respeito dele.

— E que é que tu respondes às pessoas?

— Qualquer coisa de interessante e que possa agradar-lhes. Qualquer coisa que as satisfaça. Mas diga-me: quem era ele?

— Era um escritor americano que, a partir de 1920, se tornou célebre e que viveu algum tempo em Paris e no estrangeiro.

— Mas porque será que eu me não lembro dele? Era um bom escritor?

— Escreveu dois livros muito bons e um que não chegou a completar e que as pessoas que melhor lhe conheciam a maneira de escrever dizem que viria a ser óptimo Também escreveu alguns contos excelentes.

— Frequentava muito o bar?

— Suponho que sim.

— Mas, por altura de mil novecentos e vinte e tal, o senhor não aparecia por cá. Sei que era pobre nessa altura e que vivia noitro bairro.

— Quando tinha dinheiro, ia ao Crillon.

— Também sei isso. Lembro-me muito bem do dia em que nos vimos pela primeira vez.

— Também eu.

— É estranho que eu me não recorde dele — tornou Georges.

— Toda essa gente já morreu.

— No entanto, ninguém se esquece das pessoas lá porque elas morreram. E os outros passam a vida a perguntar-me por elas. Tem de me contar qualquer coisa a respeito dele para as minhas memórias.

— Pois sim.

— Lembro-me de si e do barão von Blixen virem aqui uma noite... em que ano? — perguntou, sorrindo.

— Também esse já morreu.

— É verdade. Mas não me esqueci dele. Compreende o que quero dizer?

— A primeira mulher dele escrevia maravilhosamente — disse eu. — Fez talvez o melhor livro sobre a África que eu li até hoje. A não ser o livro de Sir Samuel Baker sobre os tributários do Nilo na Abissínia. Põe isto nas tuas memórias. Uma vez que actualmente te interessas por escritores...

— Óptimo — respondeu Georges. — O barão não era pessoa que a gente esquecesse. E como se chamava o livro?

— *Da África*. Blickie tinha um grande orgulho nas obras da sua primeira mulher. Mas nós conhecemo-nos muito antes de ela ter escrito o tal livro.

— Mas e *Monsieur* Fitzgerald sobre quem eles me andam constantemente a fazer perguntas?

— Isso foi no tempo do Franck.

— Pois foi. Mas eu era o *chasseur*. Sabe o que é um *chasseur*.

— Vou escrever umas coisas a respeito dele num livro que tenciono fazer acerca dos meus primeiros tempos em Paris. Prometi a mim próprio que o havia de escrever.

— Muito bem — disse Georges.

— Hei-de descrevê-lo exactamente como me lembro de o ter visto no dia em que o conheci.

— Muito bem — repetiu Georges. — Nessa altura, se ele costumava vir por aqui, hei-de recordar-me dele. No fim de contas, a gente não se esquece assim das pessoas...

— Referes-te aos turistas?

— Evidentemente. Mas o senhor diz que ele vinha aqui muitas vezes?

— Vinha, sim. Interessava-lhe muito vir cá.

— Descreva-o no seu livro tal como se lembra dele e então, se ele tinha o hábito de cá vir, hei-de lembrar-me dele.

Depois veremos — respondi.

Paris continua sempre

QUANDO nós éramos três em vez de dois, o rio e o mau tempo acabavam por, no Inverno, nos expulsar de Paris. Uma pessoa só, quando habituada àquilo, não tinha problemas. Por isso, eu podia sempre ir escrever para um café, o que fazia toda a manhã, diante de um *café-crème*, enquanto os criados limpavam e vaniam o estabelecimento, que ia aquecendo a pouco e pouco. A minha mulher podia dedicar-se ao piano num sítio frio; desde que se agasalhasse com várias camisolas, conseguia sentir-se quente enquanto tocava. Depois, vinha para casa tratar do Bumby. No entanto, não estava certo levar uma criancinha, de Inverno, para um café, mesmo quando se tratasse de um bebé que não chorava nunca; se entretinha com tudo o que se passava e jamais se mostrava rabugento. Nesse tempo, não havia *baby-sitters* ⁽¹⁾ e Bumby mantinha-se feliz na sua caminha de grades altas, acompanhado do nosso gato, que era grande, meigo e se chamava «F. Puss.» Certas pessoas achavam que era perigoso deixar uma criança com um gato. As mais ignorantes e cheias de preconceitos diziam que os gatos chupavam a respiração das crianças e as matavam. Outras diziam que os gatos se deitavam em cima dos bebés e que o peso deles os sufocava. «F. Puss» deitava-se ao lado de Bumby, na cama de grades, fixando a porta com os seus grandes olhos amarelos e vigilantes e, quando nós saíamos e Marie, a *femme de ménage*, tinha de fazer o mesmo, o gato não deixava que ninguém se aproximasse dele. Não precisamos de nenhuma *baby-sitter*. «F. Puss» era o *baby-sitter*.

Mas, quando se é pobre — e nós éramos realmente pobres quando eu, ao regressar do Canadá, renunciei ao jornalismo e não conseguia vender nenhum conto —, o Inverno em Paris, com um bebé, tornava-se de facto excessivamente duro. Aos três meses, o senhor Bumby já havia atravessado a América do Norte numa

viagem de doze dias, a bordo de um pequeno Cunard que em Janeiro saía de Nova Iorque, via Halifax. Nunca chorou durante a viagem e todo ele se ria quando o barricavam num beliche, não fosse ele cair quando o mar embravecia. Mas o nosso Paris era demasiado frio para ele.

Fomos então para Schruns, no Vorarlberg, na Áustria. Depois de atravessarmos a Suíça, alcançámos por Feldkirch a fronteira da Áustria. O comboio atravessou o Lichenstein e parou em Bludenz, onde havia um ramalzinho que seguia ao longo de um rio pedregoso e abundante em trutas, por um vale povoado de quintas e de florestas até Schruns, que era uma povoação luminosa, com mercado, serrações, lojas, estalagens e um bom hotel — o Taube — que se mantinha aberto todo o ano. Foi nele que nos instalámos.

Os quartos do Taube eram grandes e confortáveis, dotados de grandes fogões, de grandes janelas e de grandes camas, com bons cobertores e *edredons* de penas. As refeições eram simples mas excelentes e a sala de jantar e o bar público, assoalhado de madeira, bem aquecidos e acolhedores. O vale, desafogado e aberto, enchia-se de sol. A pensão importava em cerca de dois dólares para nós os três e, como o xelim austríaco baixara com a inflação, ainda acabou por ficar mais barata. A inflação e a pobreza não eram tão desoladoras como haviam sido na Alemanha. O xelim ora subia ora baixava, mas a maior parte das vezes a cotação era baixa.

Não havia elevadores nem funiculares para os esquiadores em Schruns, mas havia trilhos para transporte de madeiras e trilhos para transporte de gados, que, partindo dos vales das diferentes montanhas, subiam até às regiões de verdadeira altitude. Subíamos sobre peles de foca que prendíamos à base dos esquis. Na parte mais elevada dos vales das montanhas, erguiam-se grandes cabanas do Clube Alpino, destinadas aos montanhistas estivais, onde podíamos dormir pagando toda a madeira que gastássemos. Nalgumas delas tínhamos de enfeixar a nossa própria lenha; caso fossemos dar uma volta grande pelas altas montanhas e pelos glaciares, pagávamos a alguém para nos preparar os feixes de

lenha e os necessários abastecimentos e estabelecíamos uma base. As mais famosas dessas cabanas de base eram a Lindauer-Hütte, a Madlener-Haus e a Wiesbadener-Hütte.

Por detrás do Taube havia uma espécie de rampa para treinos, na qual corríamos por entre pomares e campos. Por detrás do Tchagguns existia uma outra rampa que atravessava o vale onde se erguia uma bonita estalagem, cujo salão de bebidas ostentava nas paredes uma excelente coleção de galhos de cabras montesas. Era por detrás da aldeia de madeira de Tchagguns, situada no extremo mais afastado do vale, que se podia praticar bom esqui e até atravessar eventualmente as montanhas e, passada Silvretta, penetrar na área de Klosters.

Schruns era uma região saudável para Bumby. Confiámo-lo a uma linda rapariga de cabelos escuros, que tomava conta dele e o levava a passear ao sol no seu trenó. Hadley e eu tínhamos toda aquela região nova e as aldeias que desconhecíamos para explorar e a gente da terra era muito cordial. Herr Walther Lent, que fora um pioneiro do esqui de montanha e, em tempos, companheiro de Hannes Schneider, o grande esquiador do Arlberg, fabricava uma espécie de cera para dar segurança aos esquis no caso de ascensões difíceis e acabara de abrir uma escola de esqui alpino na qual nós ambos nos inscrevemos. O sistema de Walther Lent consistia em tirar os seus alunos o mais depressa possível das rampas de treino para os lançar em excursões de alta montanha. O esqui não se praticava então como actualmente; a fractura em espiral ainda se não vulgarizara e ninguém podia dar-se ao luxo de partir uma perna. Não havia patrulhas de esqui. Quanto descíamos, quanto tínhamos previamente de subir, o que nos punha as pernas em excelente forma para as descidas. Walther Lent achava que, no esqui, o mais divertido era subir às montanhas mais altas da região, alcançar os sítios onde não houvesse mais ninguém, nem trilhos na neve; ir, depois, de uma cabana das alturas do Clube Alpino até outra, para lá dos desfiladeiros e dos glaciares mais altos dos Alpes.

Não se podiam amarrar os esquis porque isso nos levaria a partir uma perna se caíssemos. Assim, o esqui saltava antes que tal se

pudesse verificar. Do que ele realmente gostava era de esqui sem corda num glaciário, mas, para isso, havia que esperar pela Primavera, pois só nessa altura é que as fendas das geleiras se encontravam suficientemente cobertas de neve.

Hadley e eu tínhamo-nos entusiasmado com o esqui desde o dia em que, pela primeira vez, o havíamos praticado juntos na Suíça e, mais tarde, em Cortina d'Ampezzo, nos Dolomitas, quando Bumby estava para nascer e o médico em Milão lhe dera licença para continuar com o esqui desde que eu lhe promettesse que a não deixaria cair nunca. Isso obrigava-nos a uma cuidadosa selecção do terreno e dos percursos e a descidas perfeitamente controladas, mas Hadley possuía pernas maravilhosamente fortes e belas, excelente domínio dos esquis e não caiu nunca. Todos nós conhecíamos os vários aspectos que a neve podia tomar e toda a gente sabia como correr na neve profunda e acamada como pó.

Gostámos do Vorarlberg e gostávamos de Schruns. Costumávamos ir para lá por alturas do Dia de Acção de Graças e só por volta da Páscoa é que regressávamos. Esquiava-se sempre, embora a pouca altitude de Schruns só lhe conferisse qualidade de estação de esqui nos invernos em que nevava muito. Mas subir tornava-se um belo divertimento e, nesse tempo, ninguém se importava de o fazer.

Adoptávamos um ritmo muito inferior ao da velocidade a que normalmente poderíamos subir, o que tornava fácil a ascensão; o bater do coração não se alterava e nós sentíamo-nos orgulhosos com o peso da mochila. Até Madlener-Haus, a encosta era alcantilada e bastante difícil. Mas, logo à segunda vez, a ascensão tornava-se mais fácil e, por fim, já a fazíamos com o dobro do peso que da primeira havíamos aguentado.

Andávamos sempre com fome, pelo que celebrávamos a nora da refeição como um grande acontecimento. Bebíamos cerveja branca e preta, vinho novo e, por vezes, vinho de um ano. Os vinhos brancos eram os melhores. Havia ainda outras bebidas como o *kirsch*, que se fabricava no vale e o *Schnapps Enzian*, que era produto da destilação da genciana da montanha. Às vezes, ao

jantar, serviam lebre estufada com um molho de rico vinho tinto e, de quando em quando, carne de veado com molho de castanhas. Com estes pratos, bebíamos vinho tinto, embora este fosse mais caro do que o vinho branco. O melhor de todos importava em vinte cêntimos o litro. O vinho tinto vulgar era muito mais barato e nós acondicionávamo-lo em barriletes que levávamos connosco para Madlener-Haus.

Possuíamos uma reserva de livros que Sylvia Beach me deixara levar para o Inverno e dispúnhamos também da possibilidade de jogar o boliche com a gente da terra, na alameda que dava para o jardim de Verão do hotel. Uma ou duas vezes por semana, jogava-se o *poker* na sala de jantar do hotel, onde então se fechavam todas as janelas e se aferrolhava a porta. É que, nesses tempos, era proibido jogar na Áustria. Eu jogava com Herr Nels, o gerente do hotel, com Herr Lent, da escola de esqui alpino, com um banqueiro da cidade, com o promotor público e com o capitão da Polícia. Jogava-se com rigor. Os meus companheiros eram todos bons jogadores de *poker*, à excepção de Herr Lent, que jogava sem pensar, preocupado como andava por a escola de esqui não render nada. O capitão da Polícia levava o dedo ao ouvido quando sentia o par de polícias, que andava de ronda, parar do lado de fora da porta, e todos nos mantínhamos calados até que eles se afastavam.

Mal a manhã fria desabrochava, a criada entrava no quarto, fechava as janelas e acendia o lume no grande fogão de porcelana. Depois, o quarto aquecia; vinha o pequeno-almoço, que se compunha de pão fresco ou de torradas, de deliciosa compota de frutas, de grandes tigelas de café, de ovos frescos e de óptimo fiambre caso o desejássemos. Havia lá um cão chamado «Schnautz», que dormia aos pés da cama; gostava de acompanhar as excursões de esqui e de viajar às minhas costas ou sobre o meu ombro quando descíamos o monte. Também era muito amigo do senhor Bumby e ia passear com ele e com a ama, mantendo-se sempre ao lado do trenózinho.

Schruns era um sítio excelente para o trabalho, Sei isso porque foi lá que realizei a tarefa mais dura de correção da minha vida. Foi

no Inverno de 1925 para 1926, época em que tive de transformar num romance o primeiro rascunho de *O Sol também se levanta*. que havia escrito num prazo de seis semanas. Não me lembro dos contos que lá escrevi. Foram vários e, no entanto, todos me saíram bem.

Lembro-me de como a neve, na estrada que ia dar à aldeia, estalava na noite fria quando regressávamos ao hotel com os esquis e os paus aos ombros. Iamos observando as luzes até que finalmente avistávamos os edifícios. Lembro-me também de como toda a gente na estrada dizia: *Grüss Gott*. Havia sempre, no *Weinstube*, por entre uma atmosfera saturada de fumo, aldeões de botas ferradas e fatos de montanha. Os soalhos de madeira estavam todos riscados das brochas. Muitos dos rapazes novos haviam servido nos regimentos austríacos alpinos, e um deles, que se chamava Hans e trabalhava na serração, era um caçador famoso. Fizemo-nos bons amigos porque havíamos estado na mesma região montanhosa de Itália. Bebíamos juntos e cantávamos todos canções da montanha.

Lembro-me dos trilhos que passavam por entre pomares e por entre os campos das quintas da encosta que dominava a aldeia, e das casas aconchegadas das quintas, com os seus grandes fogões e as enormes pilhas de madeira amontoadas sobre a neve. As mulheres trabalhavam na cozinha, cardando e fiando lã, que reduziam a fio cinzento ou preto. As rocas trabalhavam a pedais e o fio não era tinto. A lã preta provinha mesmo de ovelhas pretas. Era uma lã natural, a que nem a gordura tiravam, e os barretes, blusões e longas mantas de pescoço que Hadley fez com ela eram absolutamente impermeáveis à neve.

Certo dia de Natal representou-se uma peça de Hans Sachs orientada pelo mestre-escola. Era uma boa peça, e eu escrevi para o jornal da região uma crítica que o gerente do hotel se encarregou de traduzir. Noutro ano, um antigo oficial da marinha alemã veio, com a sua cabeça rapada e coberta de cicatrizes, fazer uma conferência sobre a batalha da Jutlândia. As projecções mostravam os movimentos das duas esquadras, e o oficial de Marinha serviu-se

de um ponteiro de bilhar para indicar pormenores quando salientou a covardia de Jellicoe. Por vezes, exaltou-se ao ponto de lhe falhar a voz. O mestre-escola estava com medo que ele enfiasse o ponteiro pela tela dentro. Finalmente, o antigo oficial de marinha não conseguiu dominar a exaltação e toda a gente que estava no *Weinstube* se sentiu constrangida. Só o promotor público e o capitão da Polícia beberam com ele, e ainda assim numa mesa à parte. Herr Lent, que era natural das margens do Reno, não quis assistir à conferência. Havia um casal de Viena que viera para esquiar, mas ele e ela não queriam ir para a alta montanha: partiram para Zurs, onde, segundo mais tarde soube, morreram numa avalanche. O homem disse que o conferente pertencia ao número daqueles porcos que haviam arruinado a Alemanha e que, daí a vinte anos, o tornariam a fazer. A mulher que o acompanhava aconselhou-o em francês a manter-se calado, acrescentando que aquilo era uma terra pequena e que nunca se sabia o que poderia acontecer.

Foi no ano em que as avalanches mataram muita gente. A primeira grande tragédia deu-se nas montanhas que circundavam o nosso vale, em Lech, no Vorarlberg. Um grupo de alemães quis esquiar com Herr Lent nas férias do Natal. A neve, naquele ano, tardara a vir, e os cimos dos montes e das montanhas ainda estavam quentes do sol quando sobreveio um grande nevão. A neve depositou-se numa enorme camada friável e não estava nada presa à terra. As condições para esquiar não podiam ser mais perigosas; por isso, Herr Lent telegrafou aos berlinenses dizendo-lhes que não viessem. Mas eles só dispunham daquelas férias; eram ignorantes e não tinham medo das avalanches. Chegaram a Lech, onde Herr Lent se recusou a acompanhá-los. Houve um homem que lhe chamou covarde. Acabaram por decidir fazer a excursão sòzinhos. Por fim, Herr Lent lá os conduziu à rampa mais segura que conseguiu encontrar. Benzeu-se. E eles lá seguiram o seu caminho, até que toda a encosta desabou numa fúria, levantando-se sobre eles como uma onda de maré viva. Conseguiram desenterrar três enquanto treze morreram. Se, antes disso, a Escola

Alpina de Esqui pouco tinha prosperado, daí em diante. nós passámos a ser quase os seus únicos frequentadores. Estudávamos com afincos as avalanchas nos seus variados tipos, a forma como evitá-las e a maneira de proceder no caso de sermos apanhados por alguma. Foi durante o período das avalanchas que eu escrevi a maior parte da minha produção desse ano.

A minha pior recordação desse Inverno está ligada a um homem que desenterraram da neve. Estava agachado e fizera com os braços uma caixa de proteção para a cabeça, tal como nos haviam ensinado a fazer, a fim de dispormos de ar respirável quando a neve nos caísse em cima. Fora uma avalanche gigantesca; por isso, a libertação de todos os que haviam ficado soterrados levou muito tempo. E esse homem foi o último a ser descoberto. Morrera havia pouco tempo e devia ter feito tantos e tão violentos gestos com o pescoço que os tendões e os ossos estavam à mostra. Devia ter passado o tempo todo a voltar a cabeça para um lado e para outro, a fim de poder aguentar a pressão da neve. Naquela avalanche, devia haver uma porção de neve antiga e dura misturada com a neve recente e leve que deslizara. Não chegámos a apurar se ele fizera aquilo de propósito ou se teria acabado por enlouquecer. Não o sepultaram em sagrado porque o padre da região não tinha provas de que a vítima fosse católica.

Durante a nossa estadia em Schruns, costumávamos fazer uma grande excursão vale acima até à estalagem onde dormíamos antes de empreendermos a ascensão até Madlener-Haus, que era uma estalagem antiga e muito bonita. As paredes de madeira da sala onde comíamos e bebíamos tornara-se sedosa mercê de anos e anos de polimento. O mesmo acontecera com as mesas e as cadeiras. Dormíamos muito chegados um ao outro, no grande leito de coberta de penas, com a janela aberta e as estrelas brilhando intensamente como se estivessem perto de nós. De manhã, tomado o pequeno-almoço, ansiávamos por subir a estrada. De esquis ao ombro, começávamos a ascensão na penumbra, com as estrelas baixas e luzindo intensamente. Os esquis dos carregadores eram muito curtos e eles transportavam grandes pesos. Nós

rivalizávamos um com o outro, a ver quem é que conseguia subir mais carregado, mas ninguém podia competir com os carregadores — camponeses pesados e atarracados, que falavam unicamente o dialecto de Montafon: subiam decididos como cavalos de carga e, no cimo, na plataforma onde se erguia a cabana do Clube Alpino, ao lado da geleira coberta de neve, abrigavam as suas cargas ao longo de uma pedra da cabana e pediam-nos então mais dinheiro do que o combinado. Quando, finalmente, obtinham um compromisso. desciam vagarosamente, assemelhando-se, com os seus esquis curtos, a autênticos gnomos.

Entre os nossos amigos contava-se uma rapariga alemã que esquiava conosco. Era uma grande esquiadora de montanha. baixa mas bem feita, capaz de carregar uma mochila tão pesada como a minha e mais: de a levar por mais tempo do que eu.

— Estes carregadores olham sempre para nós como se estivessem à espera de nos trazer para baixo convertidos em cadáveres — dizia ela. — Ajustam o preço da subida e nunca ouvi dizer que eles não pedissem sempre mais dinheiro no fim.

Quando passava o Inverno em Schruns, eu usava sempre barba para me proteger do sol na neve da montanha, que me queimava fortemente a cara, e não me dava ao trabalho de cortar o cabelo. Ao fim da tarde de um certo dia em que descíamos de esqui os trilhos de madeira, Herr Lent disse-me que os camponeses com quem me cruzava naquelas estradas me chamavam «O Cristo Negro». Acrescentou ainda que alguns. quando apareciam no *Weinstube*, me chamavam «O Cristo Negro bebedor de Kirsch». Mas, para os camponeses dos sítios mais altos e afastados de Montafon, onde arranjávamos carregadores para subir a Madlener-Haus, nós não passávamos de diabos estrangeiros que tinham a mania de subir às alturas da montanha quando precisamente mais se devia fugir dela. Que nós partíssemos antes do alvorecer, para passarmos pela região das avalanchas antes que o calor do sol as tornasse perigosas, não era coisa que militasse a nosso favor. Apenas provava que éramos manhosos como todos os diabos estrangeiros.

Lembro-me do cheiro dos pinhais, das noites em que dormíamos em colchões de folhas de faia nas cabanas dos lenhadores e das ocasiões em que esquiávamos através das florestas, seguindo por trilhos de lebres e de raposas. Lembro-me de ter seguido, um dia, nas altas montanhas, acima da linha de árvores, o rasto de uma raposa, até que a descobri e a vi de pé, com a pata dianteira levantada; vi-a depois imobilizar-se cautelosamente e por fim lançar-se para a frente. Recordo a brancura e a confusão de uma ptármiga, a saltar por entre a neve, para finalmente se lançar em voo sobre o perfil da montanha.

Lembro-me de todas as espécies de neve que o vento sabia construir, das várias ciladas que nos podiam esperar quando esquiávamos na cabana do alto do Clube Alpino e do mundo singular que eles modelavam quando nos víamos forçados a descobrir a estrada com a maior cautela. Era como se nunca tivéssemos visto aquela região! E não a tínhamos realmente visto porque tudo assumia um aspecto inteiramente novo. Finalmente, já perto da Primavera, havia a grande corrida pela geleira, corrida suave e a direito, sempre a direito, se as pernas aguentassem bem aquilo. Avançávamos com os tornozelos unidos, descendo sempre, de joelhos flectidos por causa da velocidade, sempre, sempre, por entre o silvo abafado que arrancávamos à neve quebradiça. Aquilo era melhor que voar: era melhor que tudo no mundo e nós adquirimos a necessária perícia, que aplicávamos igualmente às ascensões, que praticávamos sob a carga das pesadas mochilas. Não podíamos pagar o frete nem o bilhete de viagem até ao cimo. Era aquela a finalidade por que havíamos trabalhado todo aquele Inverno e o Inverno compensava-nos inteiramente.

No último ano que passámos na montanha, novas pessoas surgiram na nossa vida e nunca mais as coisas tornaram a ser como haviam sido. Comparado com o Inverno seguinte — Inverno de pesadelo conquanto se disfarçasse no mais divertido de todos, — o Inverno das avalanchas fora semelhante a um Inverno feliz e inocente de criança. Seguiu-se um Verão assassino. Foi nesse ano que os ricos apareceram.

Os ricos possuem uma espécie de piloto que os precede, mostrando-se por vezes um pouco surdo, por vezes um pouco cego, mas sempre cheio de afabilidade. Embora com aspecto hesitante, caminha sempre à frente dos tais ricos. O piloto exprime-se desta maneira. «Bem, não sei. A verdade é que francamente não sei. Mas gosto deles. Gosto dos dois. Sim. por Deus. Hem, gosto deles, podes crer. Compreendo o que queres dizer, mas gosto realmente deles a valer e ela tem qualquer coisa de diabòlicamente encantador. (Nesta altura diz o nome dela, pronunciando-o com amor). «NãO, Hem, não sejas tolo; não armes em criatura difícil. Gosto muito deles. De ambos. juro. Tu vais gostar dele (é o momento de empregar o diminutivo dos tempos de bebé da criatura) quando o conheceres. Gosto muito de ambos, podes crer.»

Depois, temos de aguentar os ricos e nunca mais as coisas tornam a ser o que eram. O piloto vai-se embora, claro. Anda sempre a caminho de qualquer sítio ou vem de qualquer parte. Nunca se demora muito tempo no mesmo lugar. Entra e sai da política ou do teatro da mesma maneira por que entra e sai das terras e das vidas das pessoas quando é novo. Nunca se deixa apanhar em qualquer armadilha e também se não deixa prender pelos ricos. Nada o prende; só aqueles que confiam nele é que são apanhados e destruídos. Ele possui o treino prematuro e insubstituível do patife, e um amor latente, ainda que longo tempo dissimulado, do dinheiro. Acaba sempre por enriquecer porque sabe sempre empurrar um dólar para a frente. com outro dólar que tenha ganho.

Esses ricos apreciavam-no e davam-lhe a sua confiança porque ele era acanhado, cómico, ardiloso e já eficiente na sua missão de piloto certo.

Quando duas pessoas se amam, são felizes e alegres e quando uma delas está a produzir obra válida, os outros são atraídos para elas com tamanha força como as aves migradoras são atraídas à noite por um farol poderoso. Se essas duas pessoas forem tão fortes como o tal farol, pouco prejuízo haverá, a não ser para as aves. Os que atraem as pessoas com a sua felicidade e as suas

realizações são, por via de regra. criaturas inexperientes. Não sabem como evitar que as arruinem nem sabem como libertar-se daquilo. A maior parte das vezes, não sabem conhecer os ricos, bons, atraentes, encantadores, fáceis de amar, generosos, compreensivos e sem defeitos. que conferem a cada dia o esplendor de um festival e que, depois de terem passado e recolhido o alimento de que necessitam, deixam tudo mais morto do que as raízes da relva esmagada pelas patas dos cavalos de Àtila.

Os ricos vieram trazidos pelo piloto. Se fosse um ano antes, nunca teriam vindo. Nessa altura, ainda não podiam ter certezas a meu respeito. O trabalho era da mesma qualidade e a felicidade ainda maior, mas eu ainda não havia escrito um romance; por isso, eles não podiam ter certezas. Jamais gastavam o seu tempo ou o seu encanto com qualquer coisa que não oferecesse garantias. Porque haviam de o fazer? Picasso era uma certeza e — claro — já o era antes que eles soubessem sequer o que era pintura. E tinham também a certeza absoluta quanto a outro pintor. E quanto a muitos outros. Mas, nesse ano, sentiam-se seguros de todo, porque haviam recebido a garantia do piloto, que preparara a coisa de maneira a que eles se não sentissem estranhos e eu não armasse em pessoa difícil. O piloto era —claro— pessoa da nossa amizade.

Nesse tempo, eu confiava no piloto, tal como confiava na Secretaria de Correção dos Rumos de Navegação Hidrográfica do Mediterrâneo ou nas tabelas do Almanaque Náutico de Brown. Dominado pelo encanto dessa gente rica, mostrei-me tão confiante e estúpido como um cão perdigueiro, que vai atrás de qualquer homem que leve uma espingarda ou como um porco amestrado de circo, que encontre finalmente alguém que o ame e aprecie por ele próprio. Que todos os dias se pudessem converter numa *fiesta*, parecia-me uma descoberta maravilhosa. Cheguei mesmo a ler alto a parte do romance que escrevera de novo, o que é quase o nível mais baixo a que um escritor pode descer, e muito mais perigoso para ele como escritor do que esquiar sem corda numa geleira,

antes de as grandes neves do Inverno terem coberto as fendas das rochas.

Quando eles diziam: «Isso é formidável, Ernest! Podes crei que é formidável. Nem tu calculas o que isso faz vibrar! «—eu punha-me a abanar a cauda de satisfação e a mergulhar no conceito da vida em termos de *fiesta*, para ver se conseguia trazer-lhes uma bonita vara bem atraente, em vez de pensar: «Se estes bastardos gostam disto, que defeito terá?» Era assim que eu devia ter pensado se tivesse agido como profissional. mas a verdade é que, se o tivesse feito, nunca lhes teria lido a novela.

Antes da chegada desses ricos, já entre nós se haviam infiltrado outros, por meio da artimanha mais antiga que existe e que é a seguinte: uma rapariga nova e solteira converte-se na melhor amiga de uma outra rapariga casada; vai viver com o marido e com a mulher e, depois, inconscientemente, inocentemente, mas inexoravelmente, dispõe-se a casar com o marido da amiga. Quando esse marido é escritor e se entrega a um trabalho difícil, que o mantém ocupado a maior parte do tempo e não é bom companheiro ou parceiro para a mulher durante uma grande parte do dia, esse sistema oferece vantagens, até que descobrimos o resultado dele. O marido, ao largar o trabalho, vê-se com duas raparigas atraentes á sua volta. Uma é nova e desconhecida e, se ele tiver pouca sorte, acaba por gostar das duas.

Então. em vez de serem dois e mais uma criança, passam a ser três. A princípio, esse facto torna-se estimulante e dá uma satisfação que se mantém durante uns tempos. Assim vivemos o dia-a-dia, apreciando sem preocupações o que possuímos. mentindo e odiando a nossa mentira, que nos vai destruindo. Cada dia que passa se torna mais perigoso, mas nós vivemos o tal dia-a-dia como acontece na guerra.

A certa altura, tive de sair de Schruns e de ir a Nova Iorque, a fim de tratar com os meus editores. Fiz o que tinha a fazer em Nova Iorque e, de regresso a Paris, o que eu devia ter feito era apanhar o primeiro comboio da gare de l'Est e ir de abalada até à Áustria. Mas a rapariga por quem eu me apaixonara estava nessa altura em

Paris e eu não tomei nem o primeiro comboio nem o segundo nem o terceiro.

Quando vi de novo minha mulher, de pé, junto dos trilhos, enquanto o comboio se ia aproximando da estação, o meu desejo foi que tivesse morrido antes de me ter dedicado a outra pessoa além dela. A minha mulher, tão bem feita, sorriame com o sol a cobrir-lhe o rosto adorável e queimado do sol e da neve, com o cabelo fulvo resplendendo à luz, esse cabelo que durante todo o Inverno crescera, tomando uma forma singular mas bela; sorria-me, com o senhor Bumby, de pé. a seu lado, loiro e forte, de faces queimadas pelo Inverno como um bom rapazinho de Vorarlberg.

— O Tatie — disse ela, quando a tomei nós braços —. ainda bem que voltaste e que fizeste uma viagem tão bonita e com tanto êxito! Se soubesses quanto gosto de ti e a falta que me fizeste!

Nessa altura. amei-a, só a ela e a mais ninguém. Passámos um tempo adorável e absolutamente enfeitado enquanto estivemos sós. O trabalho corria-me bem; dávamos grandes passeios e eu convenci-me de que éramos mais uma vez invulneráveis e só quando, nos fins da Primavera, deixámos a montanha e voltámos a Paris é que a outra coisa recomeçou.

Assim terminou a primeira parte da minha existência em Paris. Paris nunca mais voltou a ser a mesma cidade, embora continuasse a ser Paris. Nós mudáramos, tal como a cidade. Nunca mais voltámos ao Vorarlberg e o mesmo se verificou com a gente rica.

Paris é imortal e as recordações das pessoas que lá vivem diferem de umas para as outras. Acabamos sempre por voltar. sejamos nós quem formos, ou mude Paris no que mudar, ou sejam quais forem as dificuldades ou as facilidades que, ao regressarmos. se nos deparem. Paris vale sempre a pena, pois somos sempre compensados de tudo o que lhe tivermos dado. Mas Paris era assim nos velhos tempos em que nós éramos muito pobres e muito felizes.

INDICE

Um bom café na Place de Saint Michel
Miss Stein procede à minha instrução
Une génération perdue
Shakespeare & Companhia
Gente do Sena
Uma falsa Primavera
Como acabou um passatempo
A fome—excelente meio de disciplina
Ford Madox Ford e o discípulo do Diabo
O nascimento de uma nova escola
Com Pascin no «Dôme»
Ezra Pound e o seu «Bel Esprit»
Um fim bastante singular
O homem marcado para a morte
Evan Shipman no «Lilas»
Um agente do mal
Scott Fitzgerald
Os falcões não repartem nada
Questão de medidas
Paris continua sempre

(¹) Em toda a tradução se mantém em francês o que Ernest Hemingway entendeu conservar nessa língua, com exceção das formas já absolutamente consagradas na nossa. (*N. da T.*)

(¹) Pequenas ameixas escuras. (*N. da T.*)

(¹) Pessoas que se contratam para olharem pelas crianças durante a ausência dos pais. (*N. da T.*)



OFICINAS
GRÁFICAS
DE LIVROS
DO BRASIL
L I S B O A

COLEÇÃO DOIS MUNDOS

- 1 *O Livro de San Michele*, por Axel Munthe
 - 2 *As Vinhas da Ira*, por John Steinbeck
 - 3 *Gog*, por Giovanni Papini
 - 4 *Madame Curie*, por Eva Curie
 - 5 *Homens e Bichos*, por Axel Munthe
 - 6 *Arco do Triunfo*, por Erich M. Remarque
 - 7 *História de Cristo*, por Giovanni Papini
 - 8 *Servidão Humana*, por W. Somerset Maugham
 - 9 *Palavras e Sangue*, por Giovanni Papini
 - 10 *Geração Perdida*, por Aldous Huxley
 - 11 *O Doutor Arrowsmith*, por Sinclair Lewis
 - 12 *O Fio da Navalha*, por W. Somerset Maugham
 - 13 *Os Buddenbrook*, por Thomas Mann
 - 14 *Miguel-Ângelo na Vida do seu Tempo*, por Giovanni Papini
 - 15 *O Livro Negro - «Novo Diário de Gog»*, por Giovanni Papini
 - 16 *Terra Bendita*, por Pearl S. Buck
 - 17 *Os Filhos de Wang-Lung*, por Pearl S. Buck
 - 18 *Casa Dividida*, por Pearl S. Buck
 - 19 *Contraponto*, por Aldous Huxley
 - 20 *O Diabo*, por Giovanni Papini
 - 21 *As Chuvas Vieram*, por Louis Bromfield
 - 22 *Chuva e Outras novelas*, por W. Somerset Maugham
 - 23 *O Patriota*, por Pearl S. Buck
 - 24 *Por Quem os Sinos Dobram*, por Ernest Hemingway
 - 25 *Admirável Mundo Novo*, por A. Huxley
 - 26 *Vigia do Mundo*, por Giovanni Papini
 - 27 *Debaixo do Céu*, por Pearl S. Buck
 - 28 *Consciência de Médico*, por M. Thompson
 - 29 *Sem Olhos em Gaza*, por Aldous Huxley
 - 30 *Os Thibault*, por Roger Martin du Gard (3 vols.)
 - 31 *Lucy Crown*, por Irwin Shaw
 - 32 *A Montanha Mágica*, por Thomas Mann
 - 33 *Diário de Anne Frank*
 - 34 *O Breve Reinado de Pepino IV*, por John Steinbeck
 - 35 *Exame de Consciência*, por W. Somerset Maugham
 - 36 *Rebeca*, por Daphne du Maurier
 - 37 *Os Jovens Leões*, por Irwin Shaw
 - 38 *A Vida de Victor Hugo*, por A. Maurois
 - 39 *O Outro Eu*, por Daphne du Maurier
 - 40 *A Condição Humana*, por André Malraux
 - 41 *O Obelisco Preto*, por Erich M. Remarque
 - 42 *O Poder e a Glória*, por Graham Greene
 - 43 *Aquele Dia Inesquecível*, por J. Hilton
 - 44 *A Árvore da Noite*, por Truman Capote
 - 45 *Juízo Un'iversal*, por Giovanni Papini
 - 46 *No Rasto de Anne Frank*, por E. Schnabel
 - 47 *A Inocência e o Pecado*, por G. Greene
 - 48 *Preconceito Racial*, por Pearl S. Buck
 - 49 *Os Possessos*, por Albert Camus
 - 50 *Esta Terra Cruel*, por Erskine Caldwell
 - 51 *Retorno ao Admirável Mundo Novo*, por Aldous Huxley
 - 52 *Entre Dois Tiros*, por A. Robbe-Grillet
 - 53 *Sangue e Prisão*, por Curzio Malaparte
 - 54 *As Verdes Colinas de África*, por Ernest Hemingway
 - 55 *Retra'o do Artista Quando Jovem*, por J. Joyce
 - 56 *Férias em Crome*, por Aldous Huxley
 - 57 *Malditos Toscanos*, por Curzio Malaparte
 - 58 *Luz de Agosto*, por William Faulkner
 - 59 *A Vida Trágica de Van Gogh*, por I. Stone
 - 60 *Um Homem Liquidado*, por G. Papini
 - 61 *Debaixo do Vulcão*, por Malcolm Lowry
 - 62 *A Flor Oculta*, por Pearl S. Buck
 - 63 *Estranhos Frutos*, por Liliam Smith
 - 64 *Na Outra Margem, Entre as Árvores*, por Ernest Hemingway
 - 65 *A Vida Aventurosa de Jack London*, por Irving Stone
 - 66 *Cartas aos Homens do Papa Celestino VI*, por Giovanni Papini
 - 67 *Duas Semanas Noutra Cidade*, por I. Shaw
 - 68 *Fim de Semana*, por Roger Vailland
 - 69 *Henderson, o Rei da Chuva*, por S. Bellow
-
-